



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO-PROPEG
CAMPUS DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS –DLV
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL –
PROFLETRAS
UNIDADE DE PAU DOS FERROS

**VALORES E ARGUMENTOS QUE CORREM NAS MEMÓRIAS SOBRE O RIACHO
SANTANA: PRODUÇÃO E ANÁLISE DE CONTOS ESCRITOS POR ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

PAU DOS FERROS

2020

MARIA AUDACLECIA JÁCOME DE LIMA

**VALORES E ARGUMENTOS QUE CORREM NAS MEMÓRIAS SOBRE O RIACHO
SANTANA: PRODUÇÃO E ANÁLISE DE CONTOS ESCRITOS POR ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado “Prof^ª: Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem e Letramento
Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

PAU DOS FERROS

2020

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

L732v Lima, Maria Audaclécia Jácome de
Valores e argumentos que correm nas memórias sobre o riacho Santana: produção e análise de contos escritos por alunos do Ensino Fundamental. / Maria Audaclécia Jácome de Lima. - Pau dos Ferros-RN, 2020.
182p.

Orientador(a): Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza.
Coorientador(a): Profa. Dra. Clécida Maria Bezerra Bessa.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Mestrado Profissional em Letras. 2. Argumentação. 3. Produção textual. I. Souza, Gilton Sampaio de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MARIA AUDACLECIA JÁCOME DE LIMA

**VALORES E ARGUMENTOS QUE CORREM NAS MEMÓRIAS SOBRE O RIACHO
SANTANA: PRODUÇÃO E ANÁLISE DE CONTOS ESCRITOS POR ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza – UERN
Orientador

Profa. Dra. Clécida Maria Bezerra Bessa – UFERSA
Coorientadora

Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento - PROLING/UFPB
Examinador Externo

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva - UERN
Examinador Interno

Profa. Dra. Rosa Leite da Costa – UERN
Suplente

PAU DOS FERROS

2020

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força e fortaleza.

Aos meus pais, pilares edificantes de minha vida.

Aos meus irmãos, por toda a união que nos envolve, por sempre torcerem por mim.

Aos meus sobrinhos, pela alegria que contagia meus dias.

Aos meus cunhados(as), por se fazerem sempre presentes na minha vida.

Ao meu orientador, Gilton Sampaio, pelo rumo indicado, pelas orientações necessárias para nortear este trabalho.

À minha coorientadora, Clécida, pelas orientações valiosas, pela paciência, pelo carinho, pelos conselhos.

À turma V do PROFLETRAS, em especial Cecília, Karlena e Max. Ah, o que dizer dessa turma? Aprendizado, amizade, companheirismo, alegria. Gratidão por cada momento compartilhado.

Aos colegas do SEMAR, pelos conhecimentos compartilhados, pela disponibilidade para ajudar uns aos outros.

A Edneudo, secretário do PROFLETRAS que nos deu apoio durante todo o mestrado.

Aos professores do PROFLETRAS, nossos mestres, por cada ensinamento, cada orientação.

Aos professores Clécida e Ananias, que aceitaram prontamente participar da banca de qualificação e deixaram valiosas contribuições, que enriqueceram notadamente o presente trabalho.

Aos alunos da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, meus alunos do 9º ano que trabalharam junto comigo, que construíram e realizaram este sonho.

Aos idosos entrevistados, obrigada pela disponibilidade, pela atenção, satisfação em nos ajudar e trazer para o presente algumas memórias do nosso lugar.

À *Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes*, onde leciono, pelo apoio, espaço e oportunidade.

Aos professores Francisca Carlene da Silva, Regineide Patrícia, Francisco Jerri Alan de Oliveira e Ivanilson Alfredo, por sua disponibilidade, colaboração no planejamento e realização da aula de campo durante a intervenção.

À *Riacho de Santana*, meu lugar, meu aconchego.

À *UERN*, lugar de formação, aqui cursei a graduação, a especialização e agora o mestrado.

Finalmente agradeço a todos que contribuíram para a minha formação, para esta conquista de forma direta e indireta.

Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar processos argumentativos presentes em contos produzidos por alunos do nono ano do Ensino Fundamental, sobre memórias de idosos acerca do riacho Santana que deu origem ao município de Riacho de Santana/RN. Para atingir este objetivo, nos fundamentamos teoricamente em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), nos estudos de Souza (2008) e Abreu (2009) sobre conceitos chave para a análise dos dados, como teses, técnicas, valores e suas hierarquias e lugares da argumentação; em Travaglia (2009), nos PCNs (1997, 1998), na BNCC (2017), em Koch (2007) e Nascimento (2015) para fundamentar a discussão acerca do ensino de Língua Portuguesa, bem sobre produção textual e gêneros textuais nas aulas de língua materna; em Freire com a proposta dos temas geradores e uma educação libertadora; em Ecléa Bosi (1994), Halbwachs (2003) e Candau (2018) para discussão sobre memória individual e coletiva. A pesquisa de base qualitativa teve como proposta metodológica a atividade de intervenção, tomando como base oficinas com o tema gerador sobre o riacho Santana que deu origem ao município Riacho de Santana-RN. As oficinas foram realizadas para a obtenção do *corpus*, constituído de 08 contos escolhidos para análise. Os contos produzidos pelos alunos foram gerados tomando por base entrevistas realizadas com idosos que moram próximos ao leito do riacho Santana, nas comunidades rurais e na zona urbana do município. Nas análises dos contos percebemos que os alunos/oradores fizeram uso de teses, técnicas, lugares da argumentação e apresentaram hierarquia de valores. Estes processos argumentativos contribuíram significativamente com a qualidade dos textos produzidos, tornaram as histórias mais envolventes, reais e convincentes para os possíveis leitores. Compreendemos também que o ensino de Língua Portuguesa tendo o texto e a argumentação como suporte para aprendizagem e, a cultura local como temática, contribuiu com os valores sociais na formação dos alunos, ao possibilitar a investigação da história do lugar e o posicionamento acerca do contexto atual. Foi possível identificar nas produções o quanto a memória individual de cada idoso constrói a memória coletiva deste município.

Palavras-chave: Argumentação, Riacho Santana, Produção Textual, Conto, Memória

ABSTRACT

This research has as general objective to analyze argumentative processes present in short stories produced by students of the ninth year of elementary school, about memories of the elderly about the Santana stream that gave rise to the municipality of Riacho de Santana/RN. To achieve this goal, we were theoretically based in Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014), in the studies of Souza (2008) and Abreu (2009) in key concepts for data analysis, such as theses, techniques, values and their hierarchies and places of argumentation; in Travaglia (2009), PCNs (1997, 1998), BNCC (2017), Koch (2007) and Nascimento (2015) to support the discussion about portuguese language teaching, as well as textual production and textual genres in mother tongue classes; in Freire with the proposal of the generating themes and a liberating education; in Ecléa Bosi (1994), Halbwachs (2003) and Candau (2018) for discussion on individual and **collective memory**. The qualitative research had as methodological proposal the intervention activity, based on workshops with the theme generator on the Santana stream that gave rise to the municipality Riacho de Santana-RN. The workshops were held to obtain the *corpus*, consisting of 08 short stories chosen for analysis. The stories produced by the students were generated based on interviews with elderly people living near the santana stream bed, in rural communities and in the urban area of the municipality. In the analysis of the short stories, we noticed that the students/speakers made use of theses, techniques, places of argumentation and presented hierarchy of values. These argumentative processes contributed significantly to the quality of the texts produced, made the stories more engaging, real and convincing for potential readers. We also understand that portuguese language teaching with text and argumentation as support for learning and local culture as a theme contributed to social values in the formation of students, by enabling the investigation of the history of the place and positioning about the current context. It was possible to identify in the productions how much the individual memory of each elderly person builds the collective memory of this municipality.

Keywords: Argumentation, Santana Stream, Textual Production, Short Story, Memory

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Estado da Arte	18
QUADRO 02 – Valores Positivos x Valores Negativos	39
QUADRO 03 – Tipos de memória e suas definições	69
QUADRO 04 – Oficinas	94
QUADRO 05 – Contos produzidos pelos alunos	105
QUADRO 06: Contos escolhidos para análise	106
QUADRO 07 – Processos Argumentativos no Conto 01	112
QUADRO 08 – Processos Argumentativos no Conto 02	117
QUADRO 09 – Processos Argumentativos no Conto 03	122
QUADRO 10 – Processos Argumentativos no Conto 04	127
QUADRO 11 – Processos Argumentativos no Conto 05	130
QUADRO 12 – Processos Argumentativos no Conto 06	136
QUADRO 13 – Processos Argumentativos no Conto 07	142
QUADRO 14 – Processos Argumentativos no Conto 08	145
QUADRO 15 – Resumo dos Processos utilizados nos Contos	150

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Fases do Método Paulo Freire	61
FIGURA 02: Momentos do Método Paulo Freire	64
FIGURA 03: Passagem Molhada após cheia em abril de 2020	79
FIGURA 04: Açude Santana, popularmente conhecido como Açude da Gangorra.....	80
FIGURA 05: Açude Santana, popularmente conhecido como Açude da Gangorra.....	80
FIGURA 06: Localização da Cidade de Riacho De Santana – RN	81
FIGURA 07: Entrada do município de Riacho de Santana-RN.....	84
FIGURA 08: Imagem aérea do centro do município de Riacho de Santana-RN.....	85
FIGURA 09: Realização de Oficinas na atividade interventiva.....	99
FIGURA 10: Aula de campo. Sítio Catingueira.....	101
FIGURA 11: Aula de campo. Sítio Quintas.....	102
FIGURA 12: Aula de campo. Passagem Molhada. Sítio Santo Antônio.....	102
FIGURA 13: Realização de Oficinas na atividade interventiva. Apresentação das Entrevistas.....	114

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1.1 O que é a pesquisa	13
1.2 Justificativa e contribuições da pesquisa	14
1.3 Objetivos e questões de pesquisa	16
1.4 Estado da arte	17
1.5 Estrutura da dissertação	21
2 ARGUMENTAÇÃO NA NOVA RETÓRICA	23
2.1 Argumentação no Discurso	23
2.2 Orador e Auditório	25
2.3 Teses e Técnicas	27
2.3.1 Argumentos quase-lógicos	29
2.3.2 Os argumentos baseados na estrutura do real	33
2.3.3 Os argumentos que fundamentam a estrutura do real	36
2.3.4 Os argumentos por dissociações das noções	37
2.4 Valores e as hierarquias	37
2.5 Lugares da argumentação	41
3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A ARGUMENTAÇÃO	44
3.1 O ensino de Língua Portuguesa e os gêneros textuais	44
3.1.1 A produção textual escrita	50
3.1.2 O texto e a argumentação em sala de aula	54
3.2 Os temas geradores	58
3.3 Memória individual e coletiva	67
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	76
4.1 Caracterização da Pesquisa	76
4.2 Universo de Estudo	77
4.2.1 O riacho Santana e a formação de uma comunidade	77
4.2.2 O município de Riacho de Santana	81
4.2.3 Os colaboradores da pesquisa: idosos, alunos, professores e líderes comunitários	85
4.2.3.1 Participação dos idosos	85

4.2.3.2 Participação dos alunos	85
4.2.3.3 Colaboração de professores	86
4.2.3.4 Colaboração de líderes comunitários	86
4.3 Objeto de ensino e análise: os contos	87
4.4 Intervenção	92
4.4.1 As oficinas	93
4.5 A constituição do <i>corpus</i> e o objeto de análise decorrente da proposta de intervenção	105
5 ANÁLISE DE ASPECTOS DOS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS EM CONTOS SOBRE O RIACHO SANTANA	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	153
ANEXOS	

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste primeiro capítulo do nosso trabalho, nos dispomos a apresentar o que é a pesquisa, justificando os motivos que nos levou a desenvolvê-la. Apresentamos, também, os questionamentos que nos impulsionou a fazer essa pesquisa, bem como os objetivos geral e específicos. Elencamos, no estado da arte, trabalhos realizados no campo da argumentação e também sobre o município de Riacho de Santana desde artigos a teses de doutorado, o que amplia nosso olhar sobre o tema. Por fim, apresentamos a estrutura da dissertação.

1.1 O que é a pesquisa

A presente dissertação discute os processos argumentativos em textos narrativos produzidos por alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no município de Riacho de Santana-RN. Ela tem como um instrumento metodológico a atividade de intervenção realizada em aulas de Língua Portuguesa no ensino de produção textual. Esta intervenção foi realizada mediante problemática identificada nas aulas de Língua Portuguesa, qual seja, o desinteresse e a desmotivação dos alunos frente às propostas de produção textual escrita. Todo processo de intervenção realizado teve como base uma proposta de ensino pautada na argumentação, cultura local e produção textual.

A argumentação está presente em todos os discursos do dia a dia, do mais simples ao mais elaborado e nós, professores e alunos, precisamos nos apropriarmos desta para melhor uso e adequação de nosso discurso mediante as necessidades e situações vivenciadas. Neste sentido, se faz necessário um trabalho que priorize a vivência do aluno, trazendo a cultura local como foco. Assim, o aluno se torna sujeito da aprendizagem, conhecendo a história da qual faz parte e contribuindo para a transformação da mesma. Dessa maneira, as produções passam a tomar sentido para o aluno, pois este se vê como parte destas histórias contadas nas produções e o bom uso da argumentação propicia maior consistência ao que é produzido.

As produções dos alunos são fundamentadas nas entrevistas realizadas com idosos que moram próximos ao leito do riacho Santana, nas comunidades rurais e também na zona urbana do município, idosos que fizeram e fazem parte da história dessas comunidades, primeiros a habitarem tais locais e que ajudaram a construir o município de Riacho de Santana.

A pesquisa teve como campo de atuação a Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes (Fundamental e Médio), localizada à rua Manoel de Souza Lima, 219, Centro, Riacho

de Santana-RN. Realizamos a proposta de intervenção no ano de 2019, na turma do 9º ano, turma única, no turno matutino.

1.2 Justificativa e contribuições da pesquisa

A escolha de um tema de pesquisa, além de ser relevante para o pesquisador, também deve prever contribuições para o avanço do conhecimento. Segundo Santos (2001, p.50), a escolha adequada de um tema de pesquisa depende “[...] do gosto pessoal, preparo técnico e tempo disponível. Um tema da preferência do pesquisador gera empatia, entusiasmo e favorece a perseverança. A formação cultural e a vivência pessoal garantirão o início bem-sucedido do processo de busca”.

Assim sendo, a escolha desta pesquisa sobre argumentação em textos narrativos sobre o riacho Santana está pautada em algumas justificativas. A primeira delas parte do entendimento de que a argumentação subjaz todo o processo de interação através da linguagem, ela é inerente ao ser humano. Por isso, precisamos ter em mente que a argumentação está presente em todas as situações do nosso dia a dia, nos mais diversos níveis sociais e culturais. O ser humano utiliza-se de processos argumentativos em todos os usos do discurso, são por eles que o sujeito tenta convencer e/ou persuadir, buscando sempre a adesão do outro ao que falamos. Dessa forma, se faz necessário trabalhar a argumentação em sala de aula.

A segunda justificativa se refere ao fato de que, no contexto atual, ler e escrever de modo eficiente são habilidades extremamente importantes, visto que exigem competências que facilitam a inserção do sujeito nas diferentes esferas sociais. Assim, as aulas de Língua Portuguesa devem contribuir para desenvolver habilidades na produção textual escrita dos alunos.

A terceira motivação é o interesse pelo estudo da história local, um tema que faz parte da história de vida destes alunos. Estudar a cultura local possibilitou aos alunos o conhecimento da história do lugar onde moram oportunizando-os desenvolver um olhar crítico acerca do contexto que os rodeiam.

As temáticas dos textos trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, na maioria das vezes, não impulsionam os alunos a se posicionarem criticamente, o que acaba corroborando para um desinteresse dos alunos na prática de leitura e produção textual escrita. Somado a isto, por mais que os livros didáticos busquem congregam textos que despertem o interesse dos alunos, não dão conta de contemplar a questão cultural local.

O fascínio demonstrado pelos alunos ao pesquisar o lugar onde vivem, a origem, buscando desvendar as nuances da história do município, enfatizando a questão geográfica e cultural, e, ainda, analisar como os alunos retratam essas histórias em suas produções, nos faz entender a relevância desta pesquisa.

Entretanto, nos deparamos com muitos desafios, muitas dificuldades para se trabalhar com a leitura e a produção textual escrita. Percebemos que essas dificuldades vêm, principalmente, do fato desses alunos lerem pouco e a leitura que fazem, geralmente, é de ordem didática. O contato com outras leituras precisa ser estimulado, trabalhado diariamente, para que os mesmos tenham acesso aos mais variados gêneros textuais. Isso ajuda no processo de ensino e de aprendizagem, tendo em vista que o bom leitor, provavelmente, será um bom escritor.

Neste contexto, formar leitores e desenvolver habilidades com leitura e escrita é tarefa que a escola tem de valorizar. A leitura provoca o ato de pensar, contribuindo, para formulação de novas ideias e a ampliação do repertório de informação do leitor. Surge, assim, a figura do professor no ensino da leitura e da escrita que deve atuar como mediador, incentivando os alunos a realizarem leituras significativas, visando à formação de um sujeito crítico e atuante.

Para Paulo Freire (1991), a importância do ato de ler pressupõe uma compreensão do texto em seu contexto, ou seja, uma leitura deve ser refletida e contextualizada, e só terá sentido se servir para uma reflexão e uma ação. Assim, o ato de ler implica percepção crítica, caracterizada pela capacidade de interpretar a realidade que o cerca bem como desenvolver criticidade e acima de tudo, saber agir diante desta realidade.

Quando o professor trabalha a leitura e a escrita como uma prática social, o aluno se coloca como sujeito por está inserido neste contexto social e também se percebe como autor de uma situação concreta de interação, em que a linguagem é concebida em sua dimensão histórica, social e dialética. Assim, é tarefa da escola possibilitar aos alunos a participação em diferentes práticas sociais que utilizem a leitura e a escrita, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação.

Deste modo, com essa pesquisa propomos o contato dos alunos com textos que se aproximam de suas realidades, com gêneros que possibilitam conhecer e valorizar as memórias das pessoas mais idosas na história do município onde vivem. Possibilitamos aos alunos conhecer não somente a história do município, mas sua própria história, haja vista que o estudo do povo, do lugar que habita se entrelaça à história de vida de cada um desses alunos.

A pesquisa justifica-se, também, pelo fato de ser aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, tendo como orientação a aplicação de uma proposta pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Por esta razão, escolhi a turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, a Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, pois já leciono Língua Portuguesa nesta turma desde 2018.

Para tanto, desenvolvemos em nossa pesquisa, que tem como título: **Valores e argumentos que correm nas memórias sobre o riacho Santana: produção e análise de contos escritos por alunos do Ensino Fundamental**, uma proposta que aproxima o aluno de sua realidade local, de forma que o apreço por suas raízes seja ativado, que o contato com as pessoas mais idosas oportunize o conhecimento e a valorização das memórias que fazem parte da história do município.

Com este trabalho, buscamos sensibilizar para a valorização da cultura popular por meio da história do município, permitindo aos alunos recontar fatos a partir das lembranças de idosos. Acreditamos estarmos contribuindo para o ensino e a aprendizagem significativa, com a participação ativa dos alunos neste processo.

Contudo, almejamos que os frutos desta pesquisa ultrapassem os muros escolares, já que esta foi voltada para a produção de conhecimento útil não somente para a coletividade considerada na investigação local, mas também para a toda comunidade que terá oportunidade de conhecer e valorizar a história e cultura local a partir das produções dos alunos.

1.3 Objetivos e questões de pesquisa

Nossa pesquisa tem como foco a argumentação em textos narrativos produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental. Tomamos como base teórica conceitos da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação no Discurso de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), e os estudos de Souza (2008) e Abreu (2009). Partimos dos seguintes questionamentos:

- Como a argumentação se faz presente nas produções textuais dos alunos do nono ano de uma escola pública em Riacho de Santana?
- Como os valores argumentativos contribuem para o registro da história do riacho Santana e a formação do município de Riacho de Santana?
- Que contribuições temas com foco na cultura local, considerando as memórias individuais e coletivas, trazem para o ensino de produção textual nas aulas de Língua Portuguesa?

Com base nessas questões, a pesquisa tem como objetivo geral analisar processos argumentativos presentes em contos produzidos por alunos do Ensino Fundamental sobre memórias de idosos acerca do riacho Santana que deu origem ao município de Riacho de Santana/RN. Como objetivos específicos, temos:

- Investigar as teses, técnicas e os lugares da argumentação na produção de contos;
- Observar como os valores argumentativos hierarquizam memórias coletivas sobre o riacho Santana, considerando a hierarquização de valores do riacho para a população nas produções textuais dos alunos;
- Compreender as memórias individuais e coletivas acerca do riacho Santana utilizadas pelos alunos nas produções dos contos.

1.4 Estado da arte

Considerando a temática desta pesquisa, bem como a metodologia do nosso estudo, encontramos propostas semelhantes em alguns trabalhos publicados no formato de artigos, dissertações e teses defendidas no Brasil, bem como aqueles publicados em livros e periódicos. A título de ilustração apresentamos como produções mais próximas de nossa temática os trabalhos promovidos pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mais especificamente os do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, do Mestrado em Letras, bem como os do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE.

Nessa linha, apresentamos a tese de doutorado em Letras de Souza (2003) com o título “O Nordeste na mídia: um (des)encontro de sentidos” pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”/UNESP, *Campus de Araraquara*. O autor discute o conceito de auditório, observando as aproximações entre a Nova Retórica e as ideias do Círculo de Bakhtin. Este trabalho referencia outras pesquisas em argumentação, como os filiados ao Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto - GPET e na própria UERN.

Salientamos a importância de artigos publicados voltados à Teoria da Argumentação no Discurso, destacando um capítulo de livro de Souza (2008), intitulado: “A argumentação no discurso: questões conceituais”, publicado no livro *Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens*. Este capítulo serve como embasamento teórico para o tema proposto, ao passo que traz claramente as definições pertinentes para as práticas discursivas da argumentação.

Para focar os trabalhos publicados que mencionam o município de Riacho de Santana, Silva (2018) em sua dissertação “*Memórias Literárias de Riacho de Santana: argumentação em produções textuais no ensino de português*” do Programa Profissional de Mestrado em Letras-PROFLETRAS faz um estudo da argumentação em produções textuais nas aulas de português no ensino fundamental de uma escola pública de Riacho de Santana.

O artigo publicado na revista Geotemas por Pereira e Bezerra (2011), versa sobre a agricultura familiar e práticas rurais nas comunidades de Gameleira e Poço de Pedras, em Riacho de Santana.

Costa (2015) em sua dissertação do Mestrado Acadêmico em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, apresenta uma análise geoambiental a partir de uma compartimentação das unidades de paisagem da sub-bacia hidrográfica do riacho Santana.

Organizamos esses trabalhos em quadro para melhor entendimento. Nele, destacamos o gênero do trabalho, título, autor e ano de publicação.

QUADRO 01 – Estado da Arte

GÊNERO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR	ANO
Tese de Doutorado	O Nordeste na mídia: um (des)encontro de sentidos	Giltom Sampaio de Souza	2003
Capítulo de livro	Argumentação no discurso: questões conceituais	Giltom Sampaio de Souza	2008
Artigo	Argumentação em discursos escritos em Língua Portuguesa como L2 por professores surdos usuários de LIBRAS	SOUZA, G. S.; SANTOS, M. R. P	2017
Artigo	Processos argumentativos em artigo de opinião da Olimpíada de Língua Portuguesa. Fórum Linguístico	SOUZA, G. S.; SOARES, F. L. B. L	2017
Artigo	O ensino da argumentação articulado à cultura local: o Milagre da Beata Maria de Araújo, no Juazeiro do Norte-CE, no ensino de Português	SOARES, P. C. F. ; SOUZA, G. S	2017

Artigo	Discursos e argumentação em memórias que constituem o açude público 25 de Março	LIMA, S. J. B. de. ; SOUZA, G. S. ; PEREIRA, L. S.; COSTA, R. L	2017
Artigo	Uma leitura sobre a agricultura familiar e práticas rurais nas comunidades de Gameleira e Poço de Pedra, em Riacho de Santana	José Jarbas de Carvalho Pereira e Josué Alencar Bezerra	2011
Dissertação de Mestrado em Linguística	Argumentação e Letramento nas aulas de produção de textos do 5º ano do ensino fundamental	Clécida Maria Bezerra Bessa	2010
Dissertação de Mestrado PROFLETRAS	Cultura Popular e Argumentação sobre a lenda da pedra da moça no município de São Miguel: das memórias do contador às produções textuais em sala	Francinilda Lucinda Dantas	2015
Dissertação de Mestrado PPGE	A argumentação no ensino de português: da produção à análise de artigos de opinião sobre o “Caso Francisca do Socorro” em Milagres/CE	Maria do Socorro Cordeiro de Sousa	2017
Dissertação de Mestrado PPGL	Discursos que constituem a comunidade Riacho do Meio: Argumentação em ‘Lembranças de Velhos’	Sueilton Júnior Braz de Lima	2017
Dissertação de Mestrado PROFLETRAS	Memórias Literárias de Riacho de Santana: argumentação em produções textuais no ensino de português	Francisca Carlene da Silva	2018
Dissertação de Mestrado PROFLETRAS	Argumentação em crônicas produzidas em aulas de Língua Portuguesa: Teses, valores e hierarquias na construção dos	Carlos Alves Vieira	2019

	heróis de Areias, zona rural de Uiraúna		
Dissertação de Mestrado Acadêmico em Geografia	Análise e proposta de zoneamento geoambiental da sub-bacia hidrográfica do riacho Santana, sudoeste do Rio Grande do Norte	Laerton Bernardino da Costa	2015

Ter acesso e fazer estudos destes trabalhos contribuiu para a realização dessa dissertação, pois trazem a base teórica sobre argumentação, algumas com intervenção no ensino de Língua Portuguesa.

Mostramos também alguns trabalhos relacionados ao município de Riacho de Santana. Um artigo que trata da agricultura e práticas rurais em algumas comunidades do município e duas dissertações, uma do mestrado acadêmico em geografia de Costa (2015) intitulada “Análise e proposta de zoneamento geoambiental da sub-bacia hidrográfica do riacho Santana, sudoeste do Rio Grande do Norte” em que mostra a importância dessa sub-bacia do riacho Santana em meio ao contexto semiárido no qual se insere e a singularidade de seus elementos na caracterização da dinâmica natural, na qual inclui o município de Riacho de Santana. A outra dissertação de Silva (2018) do PROFLETRAS intitulada “Memórias Literárias de Riacho de Santana: argumentação em produções textuais no ensino de português” se aproxima do nosso trabalho por ter a mesma dinâmica, uma proposta de intervenção nas aulas de Língua Portuguesa trabalhando a argumentação na produção de alunos do ensino fundamental. Nesta são abordados temas como: religiosidade, trabalho, família, cultura, educação, todos representativos para o povo santanense. Foram trabalhos significativos que muito contribuíram para a nossa pesquisa.

Nosso trabalho se inscreve como uma investigação dos processos argumentativos mobilizados nos textos narrativos produzidos por alunos do Ensino Fundamental, trazendo uma contribuição para o ensino da argumentação em produção de texto, considerando a cultura local e a especificidade do gênero conto. Inserir a cultura local nesse processo possibilitou aos alunos, uma aproximação com as pessoas que contribuíram para a formação de um povo e, o conhecimento das memórias que dão sustentação à história do município de Riacho Santana-RN. Destarte, o conhecimento é o primeiro, e provavelmente mais importante, passo para a construção de discurso coerente e persuasivo. A argumentação ganha maior consistência quando construída com base no conhecimento que o produtor tem de

determinado tema. Saber o que se fala, pra quê e pra quem, faz toda diferença. É nisto que se baseia uma boa argumentação. É disto que nosso aluno precisa se apropriar.

1.5 Estrutura da dissertação

Esta dissertação está organizada em seis capítulos respectivamente, Considerações Iniciais; Argumentação na Nova Retórica; O Ensino de Língua Portuguesa e Argumentação; Metodologia; Análise de aspectos dos processos argumentativos em contos do riacho Santana; e, Considerações Finais.

No primeiro capítulo, **Considerações Iniciais**, apresentamos os caminhos que nos levaram a optar pela teoria e pelo objeto de investigação, situando a pesquisa, justificando e apontando as possíveis contribuições desse estudo. Apresentamos ainda alguns questionamentos e, com eles, traçamos os objetivos desta pesquisa, o estado da arte e por último a estrutura da dissertação.

O segundo capítulo, **Argumentação na Nova Retórica**, trata das bases teóricas que fundamentam nossa pesquisa. Nele, apresentamos as discussões sobre argumentação tendo como base teórica Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) e os estudos de Souza (2008) e Abreu (2009) com os conceitos chave para a análise dos dados, como teses, técnicas, valores e suas hierarquias e lugares da argumentação.

No terceiro capítulo, **O Ensino de Língua Portuguesa e Argumentação**, discorre-se acerca do ensino de Língua Portuguesa, bem como leitura e escrita e os gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, fundamentados em Travaglia (2009), PCNs (1997, 1998), BNCC (2017) e Koch (2007). Apresentamos, ainda, a proposta dos temas geradores de Paulo Freire e, por último, memória individual e coletiva com Ecléa Bosi (1994), Halbwachs (2003) e Candau (2018).

No quarto capítulo, **Percursos Metodológicos**, apresentamos os principais aspectos metodológicos aqui adotados, destacando, inicialmente, a caracterização da pesquisa, descrevendo o universo de estudo (o riacho Santana, o município Riacho de Santana e os colaboradores da pesquisa), expondo os métodos de análises, os procedimentos de coleta e constituição do *corpus*.

No quinto capítulo, intitulado **Análise dos processos argumentativos em contos sobre o riacho Santana**, apresentamos nossas análises. Analisamos as teses, os valores e suas hierarquias e os lugares da argumentação nas produções dos alunos.

No último Capítulo, **Considerações finais**, retomamos os principais aspectos do nosso trabalho, as bases teóricas descrevendo os caminhos percorridos e reiterando as percepções sobre a teoria da argumentação no discurso e o trabalho com a memória e seu papel para o entendimento de nossa identidade, e as análises que realizamos dos contos produzidos pelos alunos.

Em seguida, mostramos as referências que respaldam este estudo e, por fim, os anexos com alguns registros fotográficos das atividades realizadas, os textos trabalhados na atividade de intervenção e as produções dos alunos.

2 ARGUMENTAÇÃO NA NOVA RETÓRICA

Neste capítulo, nos propusemos a discutir as bases teóricas que alicerçam nosso trabalho. O capítulo faz uma introdução a respeito da teoria da argumentação, precisamente da Nova Retórica tendo como base os teóricos belgas Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Esses autores propuseram uma Nova Retórica e/ou uma Teoria da Argumentação no Discurso. Destacamos ainda os estudos de Souza (2008) e Abreu (2009) como referências de desenvolvimento na área. Assim, tratamos nesse capítulo, principalmente, de aspectos de processos argumentativos que serão analisados nos textos produzidos pelos alunos, a saber: teses, valores e hierarquias e lugares da argumentação.

2.1 Argumentação no Discurso

Linguagem e persuasão são elementos da comunicação presentes em vários tipos de discurso no nosso dia a dia. Quando nos comunicamos, seja oralmente, seja na modalidade escrita ou ainda de forma multimodal, nosso discurso está permeado por argumentos responsáveis por denotar nossas verdadeiras intenções. Assim, a argumentação é uma atividade indispensável para o ser humano, pois possibilita a este, através de seu discurso, interagir, cotidianamente, em sociedade. É através da argumentação que conseguimos nos posicionar sobre determinado assunto, determinada situação. O campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, desde que este último não se volte às certezas do cálculo. Desta forma, a argumentação não deve, necessariamente, seguir um raciocínio lógico das evidências, uma vez que aquilo que já é evidente não precisa ser provado.

Para a Retórica Antiga o que importava era a arte de falar em público de modo persuasivo, encontrava-se restrita ao uso da linguagem falada, do discurso perante uma multidão, sempre com a intenção de obter a adesão desta com relação à tese que lhes apresentava. No entanto, a Nova Retórica não se limita ao discurso oral e dirigido para uma multidão a qual se pretende convencer, preocupa-se com a importância e o papel moderno dos textos impressos. Mas não ignora os discursos orais. Ela abrange todo esse quadro de análise.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) salientam que em um discurso argumentativo são apresentadas teses para que sejam aderidas por alguém, pois é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve. Assim, o discurso, seja ele oral ou escrito, será sempre dirigido a um determinado auditório. Para os autores

O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 50).

Percebemos, assim, que argumentar não é um processo simples, pois o ato de argumentar envolve tanto uma tese (*logos*) a ser defendida pelo orador, como a imagem que este tem do auditório (*pathos*), assim como de sua autoimagem (*ethos*) que pretende construir perante o seu auditório. É nesse processo que o orador consegue a adesão do auditório às suas teses. Para tanto, é necessário que o orador, na busca de convencer e persuadir o auditório utilize uma série de elementos que fazem parte do processo da argumentação. Construir suas teses, utilizar técnicas argumentativas para defender sua tese principal, conhecer os verdadeiros valores de seu auditório, reconhecer os lugares considerados pelo auditório são elementos que podem contribuir para a adesão do auditório à tese defendida pelo orador.

Para Souza (2008), a argumentação está no uso efetivo dos discursos em contextos reais de interação social. O autor assim se posiciona

Jamais podemos ver a linguagem verbal como linear, unívoca, totalmente racional; ao contrário, temos de vê-la como um meio de interação, como algo que emerge de sujeitos históricos e culturalmente situados e se dirige a outros sujeitos em situações semelhantes, refletindo nessa interação, as ambiguidades, as controvérsias; enfim, as relações dialéticas e dialógicas que permeiam as relações humanas (SOUZA, 2008. p. 60).

Neste contexto, fica evidente que a argumentação permeia todo o discurso e que a linguagem, além de contribuir para a interação, também é argumentativa. Por isso, torna-se relevante o estudo da argumentação em aulas de língua portuguesa, uma vez que a argumentação é uma atividade humana que tem como principal objetivo convencer, persuadir o outro através de um discurso oral, escrito ou multimodal¹.

A argumentação no discurso está voltada para o processo de interação verbal entre orador e auditório. É a capacidade que o sujeito adquire no ato do discurso, de convencer e persuadir seu público. Para Souza (2008),

¹ Os textos multimodais são aqueles que empregam duas ou mais modalidades de formas linguísticas, a composição da linguagem verbal e não verbal com o objetivo de proporcionar uma melhor inserção do leitor.

a argumentação no discurso deve ser entendida como uma ação humana, uma ação que implica o ato de convencer o outro sobre a validade de uma opinião defendida; uma ação que, para ser efetivada, necessita de uma interação entre o orador e um auditório, em situações reais de uso da linguagem (SOUZA, 2008, p. 61).

Desse modo, o orador utiliza-se de argumentos para interagir com seu auditório, procurando validar sua tese defendida. É a forma do orador agir sobre seu auditório, a ponto de levar o mesmo a aderir à ideia que defende.

A argumentação requer práticas sociais que viabilizem seus propósitos, pois uma boa argumentação necessita de um orador capaz de influenciar um auditório por meio do discurso. Ele precisa mostrar intencionalidade e raciocínio intelectual para que possa adquirir a adesão do auditório. Caso contrário, o orador não conseguirá atingir seus objetivos e sua argumentação se tornará irrelevante. Podemos confirmar esse posicionamento baseados em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p.16), quando os mesmos dizem que “[...] toda argumentação visa a adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”. Então, é por meio da interação verbal que o orador usa um discurso para buscar convencer e persuadir seu auditório.

Neste sentido, a argumentação é vista como um processo de interação comunicativa, envolvendo um orador que apresenta seu ponto de vista e defende suas ideias, procurando prová-las por meio de argumentos convincentes. Sendo assim, verificamos que a argumentação no discurso é a forma de convencer e persuadir por meio das palavras. É a maneira de ver a linguagem como fato social, possibilitando a comunicação humana.

2.2 Orador e Auditório

No processo argumentativo, há a presença de dois elementos essenciais para que ocorra uma interação, são eles: orador e auditório. Reboul (2004, p.92-93) diz que “sempre se argumenta diante de alguém. Esse alguém, que pode ser um indivíduo ou um grupo ou uma multidão, chama-se auditório, termo que se aplica aos leitores”. Sendo assim, atribuímos a quem argumenta a noção de orador, ou seja, aquele que defende seu ponto de vista e sua ideologia. O público ouvinte pode ser entendido como o auditório, aquele a quem se destina um discurso.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 22) definem auditório “[...] como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma

forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos”. Esse conjunto pode ser de qualquer tamanho e variar muito. Pode ter o tamanho de um país inteiro ou pode ter o tamanho de um pequeno grupo, no caso a família ou as pessoas de uma empresa; pode ser constituído por apenas uma pessoa: um amigo, um namorado ou um cliente e por fim, pode constituir-se pelo próprio sujeito.

Para Abreu (2009),

O auditório é o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir. Seu tamanho varia muito. Pode ser do tamanho de um país, durante uma comunicação em rede nacional de rádio e televisão, pode ser um pequeno grupo, dentro de uma empresa, mas pode ser apenas uma única pessoa: um amigo, um cliente, ou um namorado ou namorada (ABREU, 2009, p. 39).

Neste contexto, para que a argumentação aconteça, é preciso que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) observam sobre o contato entre orador e seu auditório, que não deve, unicamente, às condições prévias da argumentação, mas também para todo o desenvolvimento dela, pois a todo instante o orador tenta convencer seu auditório sobre determinada tese. “Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 21). De fato, é o auditório que determinará a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores.

Assim, para se desenvolver uma argumentação eficaz, se faz necessário conhecer quem pretende conquistar. É comum que o orador tenha que persuadir um auditório heterogêneo, que reúne pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções. E o grande orador se caracteriza por utilizar argumentos múltiplos para conquistar esse auditório, por meios diversos: música, iluminação, jogos de massas humanas, paisagem, direção teatral etc, ferramentas que podem ajudar nesta conquista.

O orador pode dirigir o discurso para um grupo específico, como também para um mais abrangente. Essa noção entre as duas possibilidades de públicos é o que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) vai caracterizar como *auditório universal* e *particular*. Segundo os autores, o *auditório universal* “é constituído pela humanidade inteira, ou, pelo menos por todos os homens adultos e normais” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 34) e os *auditórios particulares* constituídos por interlocutores em situações mais definidas, podendo ser desde você mesmo, a uma turma de alunos ou aos seguidores de uma religião.

Nestas reflexões, percebemos que o orador e o auditório assumem determinados comportamentos diante do processo comunicativo. A argumentação requer um orador capaz de convencer e persuadir seu auditório e, este precisa ser tocado emocionalmente, para que as paixões e sentimentos do auditório sejam despertados e, assim, o orador atinja seus objetivos.

2.3 Teses e Técnicas

Entende-se por tese o que o orador defende, ou seja, a ideia principal de um discurso. Segundo Souza (2008), quando construímos textos, defendemos teses, e são elas que formulam os nossos discursos. Sendo assim, “a tese define-se, pois, como uma proposição (uma frase) que formula precisamente o que diz o texto (e, de maneira mais geral, o que diz a inteligência em face da realidade), tendo em vista enunciar o verdadeiro ou o falso” (SOUZA, 2008, p. 66-67). Conforme o autor, a tese é a síntese de um texto, apresenta de forma resumida o conteúdo defendido em um discurso, seja esse conteúdo verdadeiro ou falso.

Para se construir esse discurso, é necessário, antes de tudo, apoiar-se nos efeitos argumentativos. Conforme Aristóteles (), esses efeitos se dividem em três partes a saber: o *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* é a imagem expressa pelo orador, o caráter que o orador deve assumir para que haja credibilidade do auditório. O *pathos*, trata das emoções, paixões que o orador deve despertar no auditório. O *logos*, diz respeito às ideias defendidas no discurso, ou seja, é a própria argumentação.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) apresentam o *logos* ou tese como parte essencial em um discurso argumentativo, pois, para eles, qualquer argumentação, para ser eficaz, deve apoiar-se em teses admitidas pelo próprio auditório.

Para ganhar a adesão do auditório, o orador precisa, inicialmente, pautar-se em teses de adesão inicial, algo que, logo de início, deve despertar o interesse do auditório em continuar dando atenção ao discurso. Definida também como tese introdutória ela chama a atenção para aquilo que será defendido no decorrer da argumentação.

Além dessas premissas, a tese nos permite verificar as possíveis contradições presentes no discurso do orador. Para identificarmos uma tese em um texto, é necessário buscarmos a ideia central, a tese propriamente dita, chamada de tese central. Para Souza (2003)

[...] na análise de um texto, a tese deve ser buscada na ideia central, mais verossímil, provável, naquela em que os argumentos utilizados colaboram para sua delimitação; ela é, portanto, a mais unificadora, cujos efeitos de sentido edificados em sua elaboração enunciam as nuances sócio-ideológicas

do orador e os efeitos argumentativos e persuasivos do próprio texto (SOUZA, 2003, p. 65).

Sendo assim, quando o orador defende sua tese utiliza de recursos ou estratégias linguísticas para convencer seu auditório. Esses recursos são conhecidos como as técnicas argumentativas. Abreu (2009) nos dá uma definição desses recursos da argumentação. Para o autor “técnicas argumentativas são os fundamentos que estabelecem a ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal” (ABREU, 2009, p. 49).

Nessa perspectiva, verificamos que ao produzirmos discursos utilizamos esses recursos da argumentação, pois são eles que fundamentam e dão os sentidos às teses que queremos defender. Quando o orador produz um discurso oral, escrito ou multimodal utiliza de técnicas argumentativas para defender sua tese principal, concomitantemente, outras técnicas surgirão para reforçarem a ideia principal. Para Souza (2008),

As técnicas argumentativas são recursos discursivos utilizados pelo orador na construção de um texto, na defesa de uma tese. Sendo assim, na análise dos textos, veremos que sempre haverá uma técnica argumentativa que funcionará como axial, central, formulando a própria tese do texto, mas nunca com exclusividade, pois outras técnicas reforçarão a argumentação principal (SOUZA, 2008, p. 68).

Então, o orador, ao produzir um discurso, utiliza uma técnica principal para defender sua tese. Em seguida, outras secundárias surgirão para reforçar seus argumentos e torna-los cada vez mais convincentes, facilitando a adesão do auditório, a ponto de adotarem os ideais do orador. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), essas técnicas se constituirão como tese de ancoragem, que darão sustentação à tese central, ou seja, serão argumentos âncoras que constituirão o discurso como um todo.

De acordo com esses autores, as técnicas argumentativas se dividem em quatro grandes tipos de argumentos, sendo as três primeiras através de associações de noções e, a última, por dissociações. São elas: *Argumentos quase-lógicos*; *Argumentos baseados na estrutura do real*; *Argumentos que fundamentam a estrutura do real* e *Argumentos por dissociações de noções*.

2.3.1 Argumentos quase-lógicos

Esse grupo de argumentos caracteriza-se pelo fato de apresentarem raciocínios lógicos. Eles são amparados por princípios lógicos e obedecem a regras lógicas. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014),

Em todo argumento quase-lógico convém pôr em evidência, primeiro, o esquema formal que serve de molde à construção do argumento, depois, as operações de redução que permitem inserir os dados nesse esquema e visam torná-los comparáveis, semelhantes, homogêneos. [...] O que caracteriza a argumentação quase-lógica é [...] seu caráter não-formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 219-220).

Devido a esse caráter não-formal, muitas vezes, essa argumentação pode ser contra argumentada e ter aceitação ou não por parte do auditório. Neste caso, o orador procura esquematizar sua argumentação, utilizando dados compatíveis uns com os outros e, esses dados podem ser contestados ou não.

Os argumentos quase-lógicos dividem-se em modalidades, a saber: Argumentos de contradição e incompatibilidade; Argumento por identidade e definição; Regra de justiça e reciprocidade; Argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão e, Argumentos de comparação.

a) Contradição e incompatibilidade

Com a utilização do discurso o orador procura defender sua tese principal, para isso utiliza outras teses que reforcem sua ideia central. Abreu (2009) nos diz que com o uso da contradição e incompatibilidade “[...] a pessoa que argumenta procura demonstrar que a tese de adesão inicial, com a qual o auditório previamente concordou, é compatível ou incompatível com a tese principal” (ABREU, 2009, p. 47). Neste sentido, percebemos que a contradição e a incompatibilidade atuam quando o orador utiliza argumentos que não reforçam o que foi dito no início de sua argumentação, ou as teses de adesão inicial sejam incompatíveis e se contradigam com a tese principal.

Para compreendermos melhor o processo de incompatibilidade, recorreremos a Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), os mesmos afirmam que:

duas proposições são ditas contraditórias, num sistema formalizado, quando, sendo uma negação da outra, supõe-se que, cada vez que uma delas pode aplicar-se a uma situação, a outra igualmente o pode. Apresentar proposições como contraditórias é tratá-las como se, sendo a negação uma da outra, elas fizessem parte de um sistema formalizado. Mostrar a incompatibilidade de dois enunciados é mostrar a existência de circunstâncias que tornam inevitável a escolha entre as duas teses em presença (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 228).

Conforme os autores, a incompatibilidade é a contradição de ideias. Nesse caso, se o orador usa argumentos para defender sua tese e não são compatíveis com ela, sua argumentação torna-se conflituosa, pois o auditório não será tocado e o orador não conseguirá convencer e persuadir o mesmo.

b) Argumento por identidade e definição

Esse argumento se caracteriza quando o orador procura em seu discurso utilizar argumentos que identifiquem o objeto ou elemento definido na sua tese inicial. É a forma de criar, por meio das palavras, uma identidade entre a definição e o objeto definido. Esse processo torna-se mais claro nas palavras de Reboul (2004) quando o mesmo diz que a:

definição é um caso de identificação, pois com ela se pretende estabelecer uma identidade entre o que é definido e o que define, de tal modo que se tenha o direito de substituir um pelo outro no discurso, sem mudar o sentido, de dizer tanto homem quanto animal racional (REBOUL, 2004, p. 172).

Segundo o autor, esse tipo de argumento requer estabelecer identidade entre os termos que o orador apresenta com equivalentes em seu discurso. Sobre essa técnica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 239) consideram quatro tipos de definição, sendo elas:

- 1) as definições normativas que indicam a forma em que se quer que uma palavra seja utilizada. Tal norma pode resultar de um compromisso individual, de uma ordem destinada a outros, de uma regra que se crê que deveria ser seguida por todos;
- 2) as definições descritivas, que indicam qual o sentido conferido a uma palavra em certo meio, num certo momento;
- 3) as definições de condensação, que indicam elementos essenciais da definição descritiva;
- 4) as definições complexas, que combinam, de forma variável, elementos das três espécies anteriores (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 239).

Conforme as classificações dos autores sobre os diferentes tipos de argumento por definição, verificamos que elas são permutáveis a partir da escolha do orador, ou seja, o orador poderá utilizar uma definição em seu discurso normativa, como também qualquer outra das citadas. Isso será estabelecido dentro do próprio discurso, através do objeto que se pretende definir e a forma de como defini-lo. Portanto, todas essas definições são técnicas argumentativas que o orador poderá utilizar para tornar seu discurso convincente e, conseqüentemente persuadir seu auditório.

c) A regra de justiça e reciprocidade

Essa técnica argumentativa procura tratar os seres de uma mesma categoria de forma igualitária, sem diferenças e sem distinção entre esses seres. Baseando-se nesse pressuposto, Abreu (2009) fortalece essa afirmação quando diz que:

a regra de justiça fundamenta-se no tratamento idêntico a seres e situações integrados em uma mesma categoria. Um filho, cujo pai se recusa a custear-lhe a faculdade, pode protestar, dizendo que acha isso injusto, uma vez que seus dois irmãos mais velhos tiveram seus cursos superiores pagos por ele (ABREU, 2009, p. 52).

Neste sentido, a regra de justiça funciona como um argumento fundamentado pela igualdade, atribuindo aos seres e objetos formas semelhantes de tratamento, sem menosprezar nenhum dos elementos que estão sendo defendidos.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 248) “[...] a regra de justiça reconhece o valor argumentativo daquilo a que um de nós chamou justiça formal [...]”. Neste sentido, quando argumentamos a favor de dois elementos ou seres, devemos tratá-los da mesma maneira, sem discriminação, ou seja, é o tratamento semelhante entre seres e elementos de uma mesma categoria. Para compreendermos essa técnica como parte da argumentação quase-lógica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 248) nos reforçam que “a regra de justiça fornecerá o fundamento que permite passar de casos anteriores a casos futuros, ela é que permitirá apresentar sob a forma de argumentação quase-lógica o uso do precedente”. Sendo assim, essa técnica visa à reciprocidade dos argumentos entre dois ou mais seres, objetos ou elementos pertencentes a um mesmo paradigma.

d) Argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão

O argumento por transitividade se dá por meio de um processo em que uma ideia pode transitar de uma situação a outra, passando de um termo a outro. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014):

A transitividade é uma propriedade formal de certas relações que permite passar da afirmação de que existe a mesma relação entre os termos *a* e *b* e entre os termos *b* e *c*, à conclusão de que ela existe entre os termos *a* e *c*: as relações de igualdade, de superioridade, de inclusão, de ascendência são relações transitivas (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 257).

De acordo com os autores, a transitividade de uma relação pode aparecer como um método formal, porém quando a transitividade é contestável ou quando uma afirmação exige adaptações, esse argumento de transitividade apresenta-se como um argumento quase-lógico, pois para transitar uma afirmação a outras informações é necessário uma elaboração.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) ressaltam ainda que os argumentos por divisão também se apoiam em raciocínio matemático, para o qual a divisão do todo em suas partes apresenta-se como uma forma de orientação argumentativa.

e) Argumentos de comparação

Essa técnica é utilizada quando o orador pretende comparar objetos e seres. Segundo os autores Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014),

A argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações, nas quais se cotejam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro. Nesse sentido, os argumentos de comparação deverão ser distinguidos tanto dos argumentos de identificação quanto do raciocínio por analogia (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 274).

Podemos perceber que a comparação se estabelece por meio da avaliação de objetos, ou seja, o orador procura demonstrar em seus argumentos uma comparação entre um ser ou objeto em relação ao outro. Para esclarecer melhor essa técnica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) dizem que,

Ao afirmar ‘Suas faces são vermelhas como maçãs’, bem como ao afirmar ‘Paris tem três vezes mais habitantes do que Bruxelas’, ‘Ele é mais belo do que Adônis’, comparamos realidades entre si, e isto de uma forma que parece muito mais suscetível de prova do que um mero juízo de semelhança ou de analogia (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 274. grifos do autor).

No trecho acima notamos que os autores denotam situações de comparação. Eles utilizam em seus exemplos técnicas que comparam realidades diferentes entre si. Esses mesmos autores utilizam a comparação de dois tipos: o argumento pelo sacrifício e o argumento por probabilidade.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 281) “um dos argumentos de comparação utilizados com mais frequência é o que alega o sacrifício a que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado”. Sendo assim, o orador em seu discurso procura argumentos que possam levar o auditório a aderir a sua tese, no sentido de comparar um objeto por outro. O argumento de comparação está interligado no sistema de trocas, vendas e prestação de serviços, mas não é só ele que funciona na articulação do vendedor com o comprador.

O argumento de probabilidade é segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 290) o que busca “[...] argumentações não-quantificáveis, baseadas na redução do real a séries ou coleções de seres ou de fatos, semelhantes por certos aspectos e diferenciados por outros”. É através dessa identificação de semelhanças e diferenças entre seres e fatos que se concretiza a comparação no argumento de probabilidade.

Como vimos, discutimos algumas técnicas dos argumentos quase-lógicos e percebemos que elas funcionam em nossos discursos por meio de raciocínios lógicos. Nesse grupo, o orador argumenta utilizando alguns tipos de comparações não formais, podendo ser contra-argumentado.

2.3.2 Os argumentos baseados na estrutura do real

Os argumentos baseados na estrutura do real são caracterizados de acordo com o ponto de vista do orador, ou seja, eles se fundamentam nas experiências, em elos de ligações que existem no mundo real. Segundo Reboul (2004, p. 173), os argumentos baseados na estrutura do real “[...] não se apoiam na lógica, porém na experiência, nos elos reconhecidos entre coisas. Aqui, argumentar já não é implicar, é explicar”.

Os argumentos quase-lógicos se fundamentam pela lógica, já os baseados na estrutura do real “[...] valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 297). Sendo assim, a lógica funciona nesse grupo de argumentos a partir do que é admissível em comparação com os outros fatos ou realidades que se pretendem tornar válidos e convincentes. Dentre os argumentos baseados na estrutura do real, surgem as ligações de sucessões, as ligações de coexistência e as ligações simbólicas.

a) As ligações de sucessão

As ligações de sucessão se estabelecem no discurso quando o orador apresenta uma causa e na sequência procura argumentar por meio de efeitos que viabilizem e relacionem a causa exposta. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) essas ligações de sucessão permitem argumentações por meio de três tipos:

- a) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal;
- b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo;
- c) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 299-300).

Os autores apresentam três tipos de ligações em que apresentam indícios entre os argumentos, ou seja, com essas ligações há sempre um vínculo de causa ou efeito entre os argumentos expostos. Baseados nessa caracterização dos autores podemos encontrar argumentos de sucessão como o pragmático, sendo “[...] aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 303).

Essa técnica argumentativa pressupõe valor ao que se prega como verdade. O orador argumenta a favor de sua tese, mostrando o verossímil a partir do que fala, em outras palavras, ele expõe argumentos de valores para que o auditório possa aderir à causa defendida.

Outro argumento que convém mencionarmos é o de superação. Essa técnica busca um crescimento a respeito de algo que se pretende alcançar. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 327) “[...] os argumentos da superação insistem na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que se entreveja um limite nessa direção, e isso com um crescimento contínuo de valor”. Conforme os autores, utilizando essa técnica o orador procura

argumentos que justifiquem um valor infinito. A superação será o ponto de partida desta argumentação. Nela o orador necessita argumentar buscando desviar os obstáculos que se depara durante sua argumentação e, mostrar sempre algo inesperado pelo auditório, pois só assim seu discurso valerá como meio de superar as expectativas esperadas. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) “o que vale não é realizar certo objetivo, alcançar certa etapa, mas continuar, superar, transcender, no sentido indicado por dois ou vários pontos de referência” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 328).

b) As ligações de coexistência

Os argumentos pertencentes a essa técnica se caracterizam pelo fato de aproximarem realidades distintas, sendo uma primordial em relação a outra. Nessa técnica, não há reciprocidade entre os fatos argumentados, pois sempre existirá um elemento mais estruturado. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) dizem que

[...] as ligações de coexistência unem duas realidades de nível desigual, sendo uma mais fundamental, mais explicativa do que a outra. O caráter mais estruturado de um dos termos é que distingue essa espécie de ligação, sendo a ordem temporal dos elementos inteiramente secundária [...] (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 333).

Conforme os autores, as ligações de coexistência se ligam a partir da sobreposição de uma realidade ou fato em relação ao outro. Sempre haverá argumentos mais estruturados e explicáveis para uma dessas realidades.

Sobre essas ligações, destacamos o argumento de autoridade. Em um discurso, o orador poderá recorrer a fatos ou pessoas para tornar seu discurso válido e convincente, transmitindo para seu auditório um determinado prestígio. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 348) “o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”. Neste sentido, o orador defende sua tese com base em determinada pessoa, ou seja, atribui a sua argumentação uma ligação entre a autoridade existente, estabelecendo um valor moral a partir de seus atos.

c) As ligações simbólicas

Esse tipo de ligação permite ao orador relacionar um determinado símbolo a algo simbolizado. Para compreendermos melhor essa técnica, vejamos o seguinte exemplo: o pombo branco na religião católica simboliza a paz. Neste sentido, é mencionado algo concreto (pombo) com uma realidade abstrata (paz), criando a partir da abstração um argumento simbólico. “A ligação simbólica acarreta transferências entre símbolo e simbolizado” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 378), ou seja, essa ligação funciona como uma transferência de sentido da realidade simbolizada. Neste sentido, os símbolos terão significados constitutivos dentro da argumentação, criando certo poder sobre o auditório. Os autores nos esclarecem ainda que, quando argumentamos utilizando a ligação simbólica, o auditório presume que tudo dito a respeito do símbolo é mencionado também ao elemento simbolizado.

Assim sendo, percebemos que os argumentos baseados na estrutura do real, funcionam como ligações entre situações, fatos ou objetos. Com essas técnicas, o orador utiliza argumentos subjetivos, ligando-os a uma determinada realidade. Trataremos no tópico seguinte os argumentos que fundamentam a estrutura do real.

2.3.3 Os argumentos que fundamentam a estrutura do real

Sobre esse tipo de argumentos, Reboul (2004, p. 181) nos afirma que eles “[...] também são empíricos, mas não se apoiam na estrutura: criam-na; ou pelo menos a completam, fazendo que entre as coisas apareçam nexos antes não vistos, não suspeitados”, ou seja, eles consolidam a argumentação, criando uma base que fortaleça a ideia defendida pelo orador.

Dentro desse grupo de argumentos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) elecam dois tipos, a saber, os que fundamentam pelo caso particular (argumento pelo exemplo, argumento de ilustração e o argumento pelo modelo e antimodelo) e o raciocínio por analogia. Para os autores, os casos particulares são tratados como exemplos que devem levar a formulação de uma lei ou a determinação de uma estrutura, seja como amostras, ilustrações de algo conhecido.

2.3.4 Os argumentos por dissociações das noções

Esse grupo de argumentos consiste na renúncia da ligação entre fatos ou realidades distintas. O orador utiliza essa técnica no sentido de dissociar uma noção. Sobre esse grupo de argumentos, Reboul (2004, p. 189) nos afirma que “[...] consistem em dissociar noções em pares hierarquizados, como aparência/realidade, meio/fim, letra/espírito [...]. Distinguem-se assim de todos os outros argumentos, que associam as noções”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) apresentam uma forma de argumentação em que caracteriza a dissociação. Eles utilizam o par “aparência-realidade”. Esse par pode ser entendido como a técnica do orador utilizar argumentos que aparentam ser verdade, mas na realidade não são. Neste grupo de argumentos o orador nega as possíveis ligações entre os pares hierarquizados, ou seja, ele busca novos fundamentos para explicar uma realidade exposta. Vejamos um exemplo de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) sobre o fenômeno da dissociação das noções:

[...] o bastão, parcialmente mergulhado na água, parece curvo, quando o olhamos, e reto, quando o tocamos, mas, na realidade, ele não pode ser simultaneamente curvo e reto. Enquanto as aparências podem opor-se, o real é coerente: sua elaboração terá como efeito dissociar, entre as aparências, as que são enganosas das que correspondem ao real (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 472).

A partir do exemplo, percebemos que há uma dissociação de noção quando pensamos e fazemos com que o outro acredite que o bastão, só por está mergulhado na água, é curvo. Neste contexto, o orador argumenta por meio do que é aparente e leva o auditório a compartilhar certas incompatibilidades, dissociando o que se pensa sobre o real.

Esses argumentos são caracterizados como técnicas argumentativas, as quais reforçam a nossa argumentação, tornando os discursos convincentes e persuasivos. São essas técnicas que ancoram a nossa argumentação, servindo de ligações ou dissociações que fazemos entre realidades diferentes.

2.4 Valores e as hierarquias

Dentre as premissas da argumentação estão os valores. Os valores se fazem presentes em toda a argumentação, por considerar a multiplicidade dos grupos. Segundo Abreu (2009,

p. 76) “A primeira lição de persuasão que temos que aprender, então, é educar nossa sensibilidade para os valores do outro. Se não formos capazes de saber quais são esses valores, de nos tornarmos sensíveis a eles, seremos incapazes de persuadir”. A persuasão na Nova Retórica não se reduz a um jogo manipulativo, aqui, se convence pelas razões, estando em jogo a habilidade de convencer aonde se envolve o *Pathos*, o *Logos* e o *Ethos* em uma relação entre orador e auditório. Estes três elementos considerados pilares da argumentação são citados por Aristóteles como tipos de argumentos utilizados na persuasão que vem em auxílio ao orador na busca de argumentos para a adesão dos espíritos ao seu discurso.

Para Aristóteles, *logos* simboliza o conhecimento e está ligado ao *ethos* que, por sua vez relaciona-se ao caráter do orador e ao *pathos* que simboliza as paixões, emoções e opiniões, os sentimentos despertados no auditório. Acerca de paixão, Meyer (2007) diz que: “[...] a paixão começa pela expressão subjetiva de uma questão vista sob o ângulo do prazer e do desprazer: enquanto resposta, ela anula essa questão, transformando-a em tonalidade particular, subjetiva [...]” (MEYER, 2007, p. 37). Deste modo, quanto mais o auditório está mobilizado pela paixão, mais está vulnerável à ilusão, pois os seus questionamentos são respondidos emocionalmente.

Abreu (2009) classifica as emoções básicas em: disfóricas (como raiva, medo e tristeza) e eufóricas (amor e alegria, entre outras). Os valores estão intimamente atrelados às emoções eufóricas, originando os valores ligados ao útil: dinheiro, automóvel, comida; e os ligados ao sensível: torcer por um time de futebol, ouvir música, fazer turismo, possuir joias ou automóveis sofisticados.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), o que Descartes (1946) chama de opiniões prováveis seriam, para os estudos da Nova Retórica, os valores, pois estes se estabelecem no que é provável e preferível para determinado grupo específico e não no que seria universalmente aceito, como as verdades e fatos de conhecimento científico e religioso. Para os autores “A existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre modos particulares de agir, é vinculada à ideia de multiplicidade de grupos” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 84).

Recorre-se aos valores para motivar o auditório a fazer determinadas escolhas em vez de outras, justificando o porquê de não escolher certos valores, de modo que se tornem aceitáveis pelo auditório. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) colocam que quando se trata de um valor, podemos desqualificá-lo, subordiná-lo a outros ou interpretá-lo, mas jamais, rejeitar todos os valores.

Com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Reboul (2004), Abreu (2009) e Meyer (2007), Sella, Busse e Corbari (2012) elaboraram uma classificação dos valores, justificando esta com fins mais didáticos do que, propriamente, com o intuito de uma classificação estanque.

1. Valores universais (ou absolutos)
2. Valores particulares (ou específicos)
3. Valores positivos
4. Valores negativos
5. Valores abstratos
6. Valores concretos

Os valores universais ou absolutos são aqueles “considerados de imediato, tais como o Verdadeiro, o Bem, o Belo, o Absoluto [...] e só se pode considera-los válidos para um auditório universal com a condição de não lhes especificar o conteúdo” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 86).

Os valores particulares ou específicos servem para mobilizar a adesão de auditórios particulares; porém, existe um vínculo com os valores universais, pois objetivam especificar e particularizar os valores universais.

Os valores positivos expressam garantia para os argumentos que estão alicerçados em princípios, em normas que são compartilhadas por uma determinada sociedade, não exigindo demonstração detalhada por parte do orador.

Os valores negativos refletem, no interlocutor, um papel repulsivo, ou seja, eles manifestam o lado antagônico dos valores negativos. Há uma grande variedade desses valores que se caracterizam pela oposição, conforme Sella, Busse e Corbari (2012, p. 54) apresentam no quadro a seguir:

QUADRO 02 – Valores Positivos X Valores Negativos

Valores positivos	Valores negativos	Valores positivos	Valores negativos
. benevolência	. malevolência	. humildade	. arrogância
. bondade	. maldade	. justiça	. injustiça
. coragem	. covardia	. ordem	. desordem
. cortesia	. descortesia	. otimismo	. pessimismo
. democracia	. tirania	. respeito	. desrespeito
. equidade	. iniquidade	. tolerância	. intolerância

. fraternidade	. hostilidade	. verdade	. falsidade
----------------	---------------	-----------	-------------

Fonte: Sella, Busse e Corbari (2012, p. 54)

Os valores concretos vinculam-se a um ente vivo, a um grupo determinado, algo específico.

Os valores abstratos são aceitos universalmente independente de tempo e lugar, como a justiça, o belo, a verdade, não estando ligados a pessoas específicas, são valores sensíveis e úteis.

Perceber o papel representado por estes valores não é fácil, pois a argumentação se baseia em circunstâncias. Valores concretos são utilizados, o mais das vezes, para fundar os valores abstratos, e inversamente. Dessa forma, o orador sempre se apoiará em valores concretos ou abstratos para proferir seu discurso, no entanto o auditório não tem seus valores em uma mesma escala de importância, existindo assim uma hierarquia de valores.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), quando a intensidade dos valores não é precisamente reconhecida pelo orador, este poderá utilizar livremente cada um dos valores em seu discurso, sem ter de justificar a preferência nem tampouco comprometer determinada hierarquia admitida.

Atribuir a determinado elemento uma carga valorativa maior que outro constitui uma cadeia de posições hierárquicas dentro de um sistema de crenças pertinente, implícita ou explicitamente, no discurso do orador. É esta cadeia de posições de valores, em maior ou menor grau, que entendemos como hierarquização de valores.

Para Abreu (2009, p. 81), “[...] num processo persuasivo, a maneira como o auditório hierarquiza os seus valores chega a ser, à vezes, até mais importante do que os próprios valores em si”. As hierarquias de valores variam de pessoa para pessoa, em função da cultura, das ideologias e da própria história pessoal.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) apresentam as hierarquias de valores como parte fundamental para a argumentação. Os autores ainda dividem as hierarquias em concretas e abstratas.

As hierarquias se apresentam praticamente sob dois aspectos característicos: ao lado das hierarquias concretas, como a que expressa a superioridade dos homens sobre os animais, há hierarquias abstratas, como a que expressa a superioridade do justo sobre o útil. As hierarquias concretas podem evidentemente referir-se, como no exemplo acima, a classe de objetos; mas cada um deles é considerado em sua unicidade concreta (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 90).

Desse modo, as hierarquias servem pra colocar em uma escala os valores com base em suas relevâncias, que de tal modo, variam de acordo com as pessoas, suas ideologias e contextos sociais, pois cada pessoa apresenta determinadas importâncias e determinados valores. Quando a intensidade dos valores não é precisamente reconhecida pelo orador, este poderá utilizar livremente cada um dos valores em seu discurso, sem ter de justificar a preferência nem tampouco comprometer determinada hierarquia admitida.

Fica evidente, assim, a necessidade de que o orador tem de conhecer bem o auditório, de forma mais específica, a hierarquia de valores desse auditório, pois esta estabelece uma melhor aceitação ou não do auditório com relação à tese. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), para fundamentar os valores e as hierarquias ou reforçar a intensidade da adesão motivada pelos valores podemos recorrer às premissas de ordem geral classificadas como lugares da argumentação, discutidos no item seguinte.

2.5 Lugares da argumentação

Segundo Abreu (2009), há algumas técnicas conhecidas desde a Antiguidade para hierarquizar os valores do nosso auditório. São os chamados lugares da argumentação. Esses lugares eram usados pelos gregos “[...] para denominar locais virtuais facilmente acessíveis, nos quais o orador pudesse ter argumentos à disposição, em momento de necessidade” (ABREU, 2009, p. 85).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) adotam o conceito de lugares da argumentação da Retórica de Aristóteles, os *topoi*, dos quais derivam os tópicos e tratados que regiam o raciocínio dialético. “Tratava-se de agrupar o material necessário a fim de encontrá-lo com mais facilidade, em caso de precisão; daí a definição dos lugares como depósitos de argumentos” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 94).

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Aristóteles divide os lugares em duas categorias: os lugares-comuns e os lugares específicos. Os lugares-comuns podem servir indiferentemente em qualquer ciência e não dependem de nenhuma em particular; se caracterizam por sua generalidade que os torna utilizável em todas as circunstâncias. Os lugares específicos são próprios, se relacionam com uma ciência particular, ou um gênero oratório bem definido.

Para os autores, o que mais interessa é o aspecto pelo qual todos os auditórios, sejam eles quais forem, são levados a considerar esses lugares. Assim, a finalidade dos lugares da argumentação na Nova Retórica é o de se prestar a todos os auditórios, pois são bastante

gerais. Para tanto, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) propuseram os *lugares da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente, da essência, da pessoa*.

O *lugar da quantidade* corresponde a lugares-comuns que afirmam que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas. Segundo o lugar da quantidade, um bem que serve a um maior número de pessoas tem mais valor do que um bem que serve apenas a um pequeno grupo; um bem mais duradouro é superior a um que tem menos durabilidade. Outro traço característico do lugar de quantidade é a utilização de números e estatísticas e que, segundo Abreu (2009), embasam alguns fundamentos da democracia: ganha uma eleição quem tiver mais votos; a aprovação de uma lei se dá pela maioria de votos.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) salientam que a superioridade aplica-se tanto aos valores positivos como aos valores negativos. Assim, para esses autores, podemos considerar como lugares da quantidade a preferência concedida ao provável sobre o improvável, ao fácil sobre o difícil, ao que há menos riscos de nos escapar.

Os *lugares da qualidade* se contrapõem ao lugar da quantidade, pois contesta a virtude do número. Valoriza o raro, o único que é ligado a um valor concreto, que se torna precioso. Abreu (2009, p. 88) cita como exemplo a teoria do *carpe diem* (aproveite o dia). Essa teoria utiliza o lugar da qualidade, dizendo que a vida é uma só, a juventude é uma só, e que por isso devemos aproveitar o momento. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 102) “Apresentar uma coisa como difícil ou rara é um meio de valorizá-la”.

Os *lugares da ordem* “afirmam a superioridade do anterior sobre o posterior, das causas sobre os efeitos, dos princípios sobre as finalidades etc” (ABREU, 2009, p. 90). Segundo o autor as grandes invenções da humanidade são valorizadas pelo lugar da ordem, e esta, é o fundamento das competições, visto que, quem ou o que está em primeiro lugar é sempre visto como superior ao segundo e ao terceiro. Portanto, vence o que fica na primeira posição por assumir uma posição hierárquica aos demais. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) nos lembram que muitas grandes discussões filosóficas giram em torno da questão de conhecer o que é anterior e o que é posterior, para, então, extrair conclusões quanto à predominância de um aspecto do real sobre o outro.

Os *lugares do existente* “afirmam a superioridade do que existe, do que é atual, do que é real, sobre o possível, o eventual ou o impossível” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 106). Para Abreu (2009) o lugar da existência dá preferência a aquilo que já existe sobre aquilo que ainda não existe. Assim, para o lugar da existência, não importa aquilo que é hipotético, possível ou provável, mas vale aquilo que realmente existe.

Os *lugares da essência* se fundamentam por conceder um valor superior aos indivíduos enquanto representantes bem caracterizados dessa essência. Trata-se de uma comparação entre indivíduos concretos. “O que encarna melhor um padrão, uma essência, uma função, é valorizado por isso mesmo” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 106).

O *lugar referente ao valor da pessoa* afirma a superioridade daquilo ligado as pessoas. Para Abreu (2009, p. 94) “Primeiro as pessoas, depois as coisas!”. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 110) destaca que “os lugares da pessoa podem ser fundamentados nos da essência, da autonomia, da estabilidade, mas também na unicidade e na originalidade do que se relaciona com a personalidade humana”.

Destarte, entendemos que precisamos recorrer aos lugares da argumentação para buscar os valores e acordos a serem estabelecidos com o auditório, com a finalidade de convencê-lo e persuadi-lo pela exposição de nossas teses.

Contudo, apresentamos os processos argumentativos, observando a função e utilidade de cada um na elaboração de um discurso, um estudo indispensável neste trabalho, discutindo as teses, técnicas, valores e suas hierarquias e lugares, considerados nas análises feitas nas produções dos alunos, como resultado da intervenção em aulas de Língua Portuguesa, enfocando a produção de texto. Por isto, faz-se necessário uma discussão sobre o ensino de Língua Portuguesa, considerando o trabalho com gêneros textuais e conseqüentemente a produção do texto escrito.

Neste segundo capítulo, tratamos das bases teóricas que fundamentaram nossa pesquisa. Nele, apresentamos, inicialmente, as discussões sobre argumentação tendo como base Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) e os estudos de Souza (2008) e Abreu (2009) com os conceitos chave para a análise dos dados, como teses, técnicas, valores e suas hierarquias e lugares da argumentação.

O próximo capítulo tratará sobre o ensino de Língua Portuguesa e a argumentação, discussão que se faz necessária tendo em vista a importância do estudo da argumentação em sala de aula. Trazemos, também, o tema gerador de Paulo Freire, que nos alicerçou no estudo da temática local sobre o riacho Santana, ressaltando que este estudo contribuirá para a formação de cidadãos conscientes e transformadores da realidade em que se inserem. Por último, a relação de memória individual e memória coletiva na construção da história do município de Riacho de Santana.

3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A ARGUMENTAÇÃO

Discutimos, neste capítulo, sobre a relação da argumentação com o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo na produção de texto e no estudo de gêneros textuais. Tratamos, ainda, dos temas geradores de Paulo Freire, proposta de uma educação libertadora, um ensino que coloca o aluno como sujeito construtor de seu conhecimento e de sua criticidade para transformar a sociedade em que está inserido. Por último, trazemos os conceitos de memória coletiva e individual de Ecléa Bosi (1994), Halbwachs (2003) e Candau (2018), tendo em vista que a produção dos contos teve como base as histórias contadas pelos idosos do município, recorrendo às suas memórias individuais para constituir a memória coletiva da história do riacho Santana.

3.1 O ensino de Língua Portuguesa e os gêneros textuais

Há muito se discute sobre a necessidade de mudanças no ensino de Língua Portuguesa. Não é de hoje que os desafios no ensino de Língua Portuguesa no Brasil têm travado discussões e debates, e são acalorados ao ensejo da divulgação de resultados das intervenções avaliativas processadas pelos agentes institucionais que apontam para a agravante situação de ineficiência deste ensino, levando-nos a refletir sobre as reais necessidades encontradas para modificar esse quadro que prevalece em nossas escolas de educação básica em relação ao ensino de Língua Portuguesa.

Uma das questões a ser discutida é a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua, interfere na maneira como se organiza o trabalho em relação ao ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação. Durante muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa esteve pautado em um ensino tradicional, mecânico, voltado somente à gramática. Para Travaglia (2009), nessa concepção, o objetivo do ensino de Língua Portuguesa é levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão a partir de sua variedade escrita. Assim, o aluno, ao fixar as regras da língua, torna-se capaz de usar o idioma quando necessitar.

Este tipo de ensino está diretamente ligado a uma concepção de linguagem como expressão do pensamento. Para essa concepção as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Nesta, a enunciação é um ato individual, que não é afetado pelo outro nem pelas

circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. Assim, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala, para que se fala. Para Travaglia (2009)

Presume-se que há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem. São elas que se constituem nas normas gramaticais do falar e escrever “bem” que, em geral, aparecem consubstanciadas nos chamados estudos linguísticos tradicionais que resultam no que se tem chamado de *gramática normativa ou tradicional* (TRAVAGLIA, 2009, p. 21. grifo do autor).

O ensino pautado na gramática normativa ou tradicional só privilegia, em sala de aula, o trabalho com a variedade escrita culta, tendo como um dos seus objetivos básicos a correção formal da linguagem.

O segundo tipo de ensino é o *descritivo* e tem como objetivos mostrar como a linguagem funciona e como determinada língua em particular funciona, e, assim, ensinar o aluno a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e na sociedade. Nesse ensino, a língua é vista como uniforme, descontextualizada, sem a interferência de seus usuários. A concepção de linguagem que vai permear esse ensino vê a linguagem como instrumento de comunicação como meio objetivo para a comunicação. Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Segundo Travaglia (2009)

Para essa concepção o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso ele a coloca em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo e mensagem (informações). É a decodificação. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22. grifos do autor).

O trabalho com a gramática descritiva trata a língua do ponto de vista de sua estrutura, de sua forma e de sua função.

Essa perspectiva passou a ser questionada nos últimos anos e o advento dos estudos da linguística da enunciação, contribuiu para o surgimento do ensino da língua partindo das práticas discursivas no momento da comunicação que se dá através dos textos e assim, considera a situação, os interlocutores, os propósitos comunicativos.

O ensino de língua passa a ser visto como *produtivo*, pois oferece ao aluno habilidades de uso da língua adequadas a diferentes contextos. Nesse sentido, o ensino é centrado no texto, partindo do pressuposto de que a interação na comunicação se dá não através da frase, sintagma ou palavra, mas através do texto. Essa é uma concepção que vê a linguagem como forma ou processo de interação. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). Assim, compreende-se os sujeitos como construtores sociais ativos que constroem e são construídos no texto, este visto como lugar da interação comunicativa pela produção de efeitos de sentidos entre interlocutores.

Nesse contexto, o ensino de língua materna tem como objetivo desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. Para Travaglia (2009), essa competência comunicativa implica duas outras competências: a gramatical ou linguística e a textual.

A competência gramatical ou linguística é a capacidade que tem todo usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar sequências linguísticas gramaticais, isto é, consideradas por esses mesmos usuários como sequências próprias e típicas da língua em questão. [...] A competência textual é a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados, valendo-se de capacidades textuais básicas [...] que seriam a **capacidade formativa**, **capacidade transformativa** e **capacidade qualificativa** (TRAVAGLIA, 2009, p. 17-18. grifos do autor).

Para que esse objetivo seja alcançado, é preciso que a escola propicie ao aluno o contato com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa, de análise e produção de enunciados ligados aos vários tipos de situações de enunciação. Um trabalho voltado para desenvolver a capacidade de produzir e compreender textos nas mais diversas situações de comunicação.

Assim, esta concepção de ensino revela-nos a necessidade de um olhar diferenciado, que seja voltado para a realidade vivenciada pelos alunos, ou seja, um ensino contextualizado, como acentua os PCN (1998),

Procurando desenvolver no aluno a capacidade de compreender textos orais e escritos de assumir a palavra, produzindo textos em situação de participação social, o que se propõe ao ensinar os diferentes usos da linguagem é o desenvolvimento da capacidade construtiva e transformadora. O exercício do diálogo na explicitação, contraposição e argumentação de ideias é fundamental na aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento de atitudes de confiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro. A aprendizagem desses aspectos precisa, necessariamente, estar inserida em situações reais de intervenção, começando no âmbito da própria escola (BRASIL, 1998, p. 41)

Destarte, esse documento revela que o objetivo do ensino de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental é desenvolver a competência comunicativa dos alunos e os conteúdos devem estar organizados em torno do uso da linguagem oral, da linguagem escrita e da análise e reflexão sobre a língua. Neste contexto, enfocamos o trabalho com os gêneros textuais como elemento norteador no que se refere ao ensino de língua. Com a elaboração e publicação dos PCN para o ensino de língua portuguesa na segunda metade da década de 1990, a temática dos gêneros, antes mais restrita aos círculos de pós-graduação, firmou-se também no horizonte de trabalho dos professores de língua nas escolas brasileiras, tornando-se uma questão central para a educação básica.

Levando em consideração que a língua é um sistema centrado na interação que se faz por meio de textos ou discursos falados ou escritos, ação linguística entre sujeitos, uma proposta de ensino de língua deve priorizar o uso desta em diferentes situações ou contextos sociais, com suas múltiplas funções e sua variedade de estilos.

Bakhtin (1997) afirma que

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada um das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Assim, para o autor as atividades humanas são bastante dinâmicas e a multiplicidade dos gêneros torna-se inesgotável, em função da dinamicidade da vida e das necessidades de comunicação que surgem, dificultando sua classificação. Bakhtin (1997) os diferencia em primários – são textos da linguagem cotidiana usados para atender os nossos propósitos interlocutivos e que numa situação discursiva espontânea, podem ser controlados diretamente, - e os gêneros secundários – trata-se geralmente de textos escritos que exigem uma linguagem mais oficializada, padrão, ou seja, aqueles presentes em atividades científicas, jurídicas ou religiosas.

Marcuschi (2008), embasado pela concepção bakhtiniana de que os gêneros textuais são relativamente estáveis em cuja constituição entram elementos referentes ao conteúdo, composição e estilo, afirma que é impossível pensar em comunicação a não ser por meio de gêneros textuais (orais ou escritos) entendidos como práticas socialmente constituídas com propósito comunicacional configuradas concretamente em textos. Assim, o autor defende a tese de que “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Destarte toda comunicação verbal humana se dá através de textos que se materializam, através dos gêneros textuais.

Como bem afirmou Marcuschi (2008), a análise dos gêneros textuais sobrepõe-se à análise de aspectos da superfície textual. Remete a uma observação do texto atrelado ao discurso, a questões de natureza sociocultural em seu cotidiano. Logo, não se pode tratar o estudo dos gêneros textuais independente de sua realidade social.

O estudo dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa está atrelado à compreensão e produção de textos. Todavia, considerando-se que existe um número quase ilimitado de gêneros textuais, a escola não tem condição de tratar de todos, portanto é necessário, segundo os PCNs, priorizar aqueles que caracterizam os usos públicos da linguagem. Assim

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1998, p. 24).

Dessa maneira, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2001) apresentam uma proposta de trabalho na qual o texto seja assumido na escola como uma

unidade de ensino e o gênero como um instrumento de assimilação e de aprendizagem. Todo gênero tem suas características, sua estrutura, sua finalidade comunicativa. Segundo o PCN (1998):

[...] as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes –, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. Quer dizer: quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. Isso determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção dos recursos linguísticos (BRASIL, 1998, p. 21).

É nessa interação que nossas intenções constituem nosso discurso e este, conseqüentemente, torna-se argumentativo. Nesse contexto, o trabalho com os gêneros deve oportunizar a participação dos alunos na construção de sentidos dos textos por eles produzidos, levando em conta os propósitos de uso que fazem da linguagem, de modo que não desconsiderem as suas características formais, mas que seja capaz de ampliar a competência comunicativa e romper com o artificialismo comumente imposto às práticas escolares.

Em concordância a esse pensamento Nascimento (2015) assim se posiciona:

O processo de ensino-aprendizagem da argumentação, em diferentes gêneros, passa naturalmente pela necessidade de compreensão desse fenômeno em cada um, de maneira específica, até mesmo porque é a partir de nossas intenções, do que desejamos para com o nosso interlocutor, que selecionamos um ou outro gênero de texto (NASCIMENTO, 2015, p. 402).

O autor nos chama a atenção para a necessidade de conhecer as estratégias argumentativas presentes em um gênero textual, pois este conhecimento possibilitará o uso eficaz desse gênero, sob o ponto de vista interacional. Para Nascimento (2015) a argumentação está presente em todos os gêneros textuais, porém, alguns gêneros propiciam o desenvolvimento desta habilidade, como os gêneros opinativos (artigo de opinião, editorial, debate etc) por apresentarem argumentatividade de forma mais explícita. Com isso, ocorre o equívoco de que existe gêneros argumentativos e gêneros não argumentativos. Esse equívoco deve ser resolvido em sala de aula, para que os alunos compreendam que é preciso considerar

as características linguístico discursivas de cada gênero, o que implica fenômenos argumentativos específicos e característicos do gênero em questão.

Ao considerar o papel do professor nesse processo, Nascimento (2015) declara:

Postulamos que, no ensino da produção textual, oral ou escrita, o professor deva orientar os alunos para a utilização dos elementos e estratégias argumentativas, de forma adequada ao gênero e ao contexto de produção do texto. Sabemos que, em alguns gêneros, a presença de determinados elementos retóricos e elementos linguístico-discursivos com função argumentativa é tão necessária que se torna difícil a produção do texto sem a sua utilização (NASCIMENTO, 2015, p. 166).

Como resultado dessas reflexões acerca do ensino de argumentação e os gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, temos que perceber que a língua em situação real de uso, pode direcionar a reflexão a respeito dos diversos usos textuais, levando em conta as intenções do emissor, a aceitabilidade ou não do receptor e o contexto de situação. Considerando que a argumentação está inserida nos nossos diálogos, permeando os nossos discursos e presente em todas as situações do nosso dia a dia é preciso que professores e alunos tenham conhecimento e sejam capazes de fazer uso adequado da mesma.

3.1.1 A produção textual escrita

Ao tratar da produção textual escrita, podemos dizer que, historicamente, essa prática recebia pouco espaço no ensino e na aprendizagem de língua no meio escolar. Produzir um texto consistia em uma atividade árdua em que o aluno deveria se postar diante da folha em branco e escrever sobre um assunto que, muitas vezes, não tinha nenhuma relação com sua realidade, pois se tratava de indicação de livro didático ou era escolha do professor. Nessas condições de produção, redigir um texto era um exercício mecânico em que o aluno não via sentido para o ato de escrever, principalmente porque servia, somente, como avaliação dos desvios gramaticais, de ortografia e de coesão.

Com a inserção dos PCN (1997,1998) a escola focalizou métodos que privilegiam o aspecto sociointeracionista, passando a produção textual escrita a ter o objetivo de “formar escritores competentes, supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos” (BRASIL, 1997, p. 49).

Compreendemos que toda produção de texto deve ser planejada, quaisquer que sejam as situações de escrita. Antunes (2003) apresenta reflexões acerca da escrita como uma atividade de interação, de constantes idas e vindas e passível de reformulação. Assim deve-se levar em consideração as etapas do processo de escrita, como bem acentua a autora. A primeira etapa da escrita diz respeito ao planejamento. Sabemos que a escrita inicia-se muito antes de tomarmos à mão papel e lápis. A escrita supõe várias etapas que são interdependentes e inter-complementares, que se iniciam no planejamento passando pela escrita findando na revisão e reescrita.

O planejamento é o momento de delimitação do tema, além de ser necessário fazer uma pesquisa sobre a temática para eleger informações, fatos e opiniões a respeito dela. Depois de delimitado o tema, é necessário eleger alguns objetivos que se pretende alcançar com aquele texto. Ainda se faz necessário determinar os meios de circulação dos textos e ainda prever as condições dos leitores. De acordo com Passarelli (2012), a etapa de organização das ideias deve ocorrer de forma criteriosa, pois é a partir do que foi escolhido que se confeccionará o texto, isto significa dizer que se a organização for falha, seu produto real também será. Perguntas simples podem ter um efeito positivo ao escrever um texto, tais como: Qual a melhor linguagem a ser empregada nesse texto? Onde o texto irá circular? Qual a melhor forma de escrever isto? Podemos ver que só o ato de fazer esses questionamentos já demonstra maturidade. Quando essas reflexões são organizadas no plano da mente, a produção textual passa a ter um estilo próprio.

Posterior ao planejamento, temos o momento da escrita propriamente dita, quando vai-se registrar o que foi planejado. Nesse momento, haverá uma atenção voltada para as escolhas lexicais e de ordem sintático-semântica, procurando sempre garantir que a macro estrutura textual seja garantida. De acordo com Passarelli (2012, p. 159), “[...] essa etapa diz respeito à conversão em língua escrita das ideias organizadas segundo o que foi aventado no planejamento, configura-se no texto provisório produzido até então que sofrerá, subsequentemente, uma *revisão*” (grifos da autora).

Percebemos, assim, a relação direta que existe entre o plano imaginário e o plano concreto. A escrita do texto somente será positiva e atingirá o resultado proposto quando o produtor escreve evidenciando sua argumentação, seu auditório e o gênero selecionado.

A terceira etapa, de revisão e reescrita, corresponde ao momento de análise do que foi escrito. Essa etapa da produção da reescrita não é menos importante que as demais, pois ela faz parte de um processo amplo e complexo que envolve uma série de conhecimentos sobre linguagem, normas gramaticais, função comunicativa e a estrutura composicional dos

gêneros. Faz-se aqui uma análise estrutural e temática. A análise temática está relacionada à confirmação do cumprimento dos objetivos previamente elencados à coerência, à clareza, à progressão de ideias etc. Já a análise estrutural analisa aspectos da superfície do texto: ortografia, pontuação, divisão de parágrafos. Segundo Antunes (2003), é a hora de decidir sobre o que fica, o que sai, o que se reformula.

Para Koch (2017), a escrita precisa ser concebida como uma atividade dinâmica e interativa, na qual escritor-leitor leva em conta as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem ignorar o leitor com seu conhecimento. Antunes (2003), também, considera essa assertiva e complementa ao enfatizar a importância do outro dentro da do processo de escrever. Para ambas a escrita não pode ser vista como uma atividade puramente mecânica. Ela precisa ser efetuada na perspectiva interação da língua/linguagem. De acordo com Koch (2017), dentro dessa concepção de língua/linguagem a atividade de escrita é constituída “tanto aquele que escreve como aquele para quem escreve. Ambos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos.” Mais precisamente Koch (2017, p. 34) lista algumas estratégias para utilizar na escrita.

[...] a utilização de conhecimento sobre os comportamentos da situação comunicativa (...); seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e de sua progressão; “balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objeto da escrita e revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor [...] (grifos do autor.).

As estratégias apresentadas por Koch (2017) confirmam a ideia de que no processo da escrita o sujeito que escreve sempre tem algo a dizer e faz sempre em relação a outro e sempre buscando alcançar um propósito determinado. As etapas de seleção, organização e desenvolvimento das ideias garantem a unidade do texto, evitando um texto com frases aleatórias e destaca a importância da revisão da escrita ao longo da produção textual atentando ao objetivo e garantindo a interação com o leitor.

Ainda se tratando de produção textual, Marcuschi (2008) elenca alguns critérios de textualização, são eles: *intencionalidade*, *aceitabilidade*, *situacionalidade*, *intertextualidade*, *informatividade*, *coesão e coerência*.

A intencionalidade diz respeito ao que os produtores do texto pretendiam, tinham em mente ou queriam que eu fizesse com aquilo. Já a aceitabilidade diz respeito a como eu reajo

e como eu aceito, considero ou me engajo nas intenções pretendidas. É difícil identificar a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos tem intenção.

A aceitabilidade diz respeito à atitude do receptor do texto (é um critério centrado no alocutário), que recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpretável e significativo. O problema da aceitabilidade é definir os seus limites: são eles por parte do sistema, da plausibilidade cognitiva ou da situacionalidade?

A situacionalidade refere-se ao fato de relacionarmos o evento textual à situação (social, cultural, ambiente etc.) em que ele ocorre. A situacionalidade não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo, mas também para orientar a própria produção. É um critério estratégico. Todo o texto conserva em si traços da situação a que se refere ou na qual deve operar. A situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual.

A intertextualidade “é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos” (Dicionário de análise do discurso, 2004:228). “Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (BARTHES, 1974).

A intertextualidade trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado.

A informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido. Como pontua Marcuschi (2008)

O certo é que ninguém produz textos para não dizer absolutamente nada. Contudo, não se pode confundir informação com conteúdo e sentido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio. Perguntar pelos conteúdos de um texto não é o mesmo que perguntar pelas informações por ele trazidas. Assim, um ato de fala não é uma informação, mas um efeito de sentido produzido que percebemos como um dos conteúdos do texto (MARCUSCHI, 2008, p. 132-133).

Ao tratar da coerência, Koch (2007) a define como resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada, pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional. A coerência não está no texto, ela deve ser construída a partir dele, levando-se em conta os recursos coesivos presentes

na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção do sentido.

Compreender os aspectos de coesão e coerência contribui para elaboração e uma boa estruturação dos textos falados e escritos. As palavras e frases precisam apresentar entre si uma relação que lhes confira sentido e também articulações gramaticais que dê clareza e precisão às ideias ali apresentadas. A coesão e a coerência são responsáveis pela construção do sentido de qualquer texto e a partir do momento que o aluno entende esses aspectos, ele será capaz de produzir textos mais elaborados para atender as reais necessidades do mesmo e fundamentação para melhor argumentar.

Desse modo, entendemos que um texto se dá numa complexa relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos. Em concordância com esse pensamento Bessa (2010) acrescenta que

O ensino de Argumentação nas aulas de produção de textos é uma ferramenta essencial para a constituição de um perfil de discente que possa, através do discurso argumentativo, ampliar sua participação nas variadas esferas da sociedade, posicionando-se contra ou a favor de diferentes ideias sem se submeter a elas ou se submetendo conscientemente (BESSA, 2010, p. 17).

Nesse sentido, a autora considera que o trabalho com a produção de textos em sala de aula não pode prescindir do trabalho com a argumentação. Ainda segundo Bessa (2010) para produzir textos de maneira eficiente se faz necessário a utilização de diferentes estratégias argumentativas que devem ser adequadas ao contexto em que os alunos estão inseridos e ao gênero mobilizado, para que possa assim atingir os objetivos interacionais da produção.

Desta maneira, nossos alunos, são sujeitos históricos, sociais, integrados numa cultura e numa forma de vida, que deve ser respeitada e valorizada pela escola, portanto, deve o contexto sociocultural destes fazer parte dos processos de ensino e de aprendizagem. Para tanto, os alunos precisam saber lançar mão de discursos argumentativos e desenvolver um pensar crítico e que seja capaz de transformar o contexto que está inserido.

3.1.2 O texto e a argumentação em sala de aula

A ideia de que o texto como prática social precisa ser objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa, no sentido de preparar os alunos para as possibilidades de uso desses textos nos mais diversos contextos de comunicação, tem sido defendida por diversas

propostas de ensino há muito tempo. Porém, ganhou mais força quando incorporada nos PCNs (1997/1998), documento oficial inserido no contexto educacional brasileiro e, como consequência, passou a ser dada maior importância às situações de produção e circulação do texto.

Na esteira do que foi proposto nos PCNs (1998),

[...] não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/ fenômenos, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco tem a ver com competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto (BRASIL, 1998, p. 23).

A partir do exposto, observamos que o objetivo norteador do ensino de língua é o desenvolvimento produtivo e reflexivo das competências comunicativas dos alunos. Desse modo, a prática pedagógica deve propiciar o desenvolvimento de habilidades tanto para a aprendizagem dos conteúdos como para a compreensão crítica da realidade e para participação nos mais variados eventos sociais, políticos e culturais. Neste contexto, a língua não é um sistema fixo e fechado, por isso é preciso observá-la a partir do texto em sua interação. O texto, nesse sentido, torna-se a unidade básica do ensino da Língua Portuguesa, configurando-se como elemento central desse novo modelo de ensino. Esse ponto de vista também é defendido pela BNCC (2017).

[...] o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas / campos sociais de atividade/ comunicação/ uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BRASIL, 2017, p. 69).

Fica evidente que para o ensino de Língua Portuguesa, no ensino fundamental, o centro da discussão é o domínio da leitura e da escrita. As ações pedagógicas devem ser voltadas para o desenvolvimento da competência discursiva. Esta, entendida como a capacidade do usuário da língua, não somente produzir e compreender textos escritos e orais,

mas também dominar os princípios e normas de uso da língua de acordo com o contexto social.

Seguindo essa linha de pensamento, o objetivo geral do ensino fundamental é “[...] utilizar diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica, corporal — como meio para expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções da cultura” (BRASIL, 1997, p. 48). Destarte, as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir.

Eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários.

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos que revelam argumentatividade, constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados.

Leal e Morais (2006) enfatizam a importância do trabalho com argumentação em sala de aula ao passo que defendem a ideia de que “argumentar é uma atividade social especialmente relevante, que permeia a vida dos indivíduos em todas as esferas da sociedade, pois a defesa de pontos de vista é fundamental para que se conquiste espaço social e autonomia” (LEAL E MORAIS, 2006, p. 8).

Orsolini (2005) sugere alguns aspectos considerados fundamentais à argumentação em sala de aula: a) intervenções semanticamente contingentes que levem à continuidade de elaboração por todo grupo de estudantes ; b) pedidos de explicação, após tomada de posição, que permitam a produção de respostas como réplicas elaboradas; e c) a presença de discordâncias com posição anterior para gerar tendência a justificar com discurso explicativo.

Cabe ainda apresentarmos a ideia defendida por Leitão (2011) quando destaca que o ambiente discursivo da sala de aula pode funcionar, à primeira vista, como um obstáculo ao trabalho com argumentação, tendo em vista que os temas curriculares ali discutidos pertencem

a um conhecimento socialmente produzido e já legitimado, por conseguinte não estariam abertos a modificações a partir da argumentação. Porém a mesma autora apresenta ainda uma sugestão para resolver o impasse (a sala de aula é ou não um local privilegiado para o estudo da argumentação?), segundo ela o professor precisa favorecer ações discursivas que convertam os temas curriculares (canônicos) em temas de argumentação (polemizáveis). Tais ações podem ser agrupadas em três categorias gerais: (i) as que criam condições para surgimento da argumentação, (ii) as que sustentam e expandem a argumentação, (iii) as que legitimam o conhecimento construído na argumentação.

Notamos, portanto, a possibilidade e a necessidade do trabalho com textos argumentativos em sala de aula com o intermédio do professor para que essa aprendizagem se torne satisfatória. O apoio dado pelo professor é necessário para que se atinjam os objetivos propostos. Os próprios PCN's consideram o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa como sendo resultante da articulação de três variantes, a saber: o aluno, sujeito da ação de aprender; os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem e a mediação do professor. O documento ainda destaca como função do professor “[...] planejar, implementar e dirigir atividade didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço da ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva” (BRASIL, 1997, p. 22).

Logo, é fundamental refletirmos sobre a importância da inserção do texto argumentativo em sala de aula a partir do intermédio e da ação sistematizada do professor de Língua Portuguesa, tendo em vista que compreender a argumentação como objeto de ensino na escola poderia permitir aos alunos: resolver conflitos, analisar e melhorar o funcionamento da classe, tomar decisões coletivas, tomar a palavra em público, discutir problemas com os outros, corroborar ou refutar um ponto de vista.

Apresentamos neste tópico, uma discussão acerca do ensino de Língua Portuguesa e os gêneros textuais, bem como a produção textual escrita, finalizando com o texto e a argumentação em sala de aula. Na sequência trazemos o conceito de tema gerador e da educação libertadora de Paulo Freire, discussão essa primordial para nosso trabalho, tendo em vista que trabalhamos a questão da cultura local e a busca por uma educação que seja libertadora.

3.2 Os temas geradores

A ideia de inserção da cultura local no ensino não é nova, ela foi pensada por Paulo Freire por volta dos anos de 1960. O educador, visando uma nova forma de educação que se distanciasse do ensino tradicionalista, já discutia um método educativo que incluía em sua metodologia de ensino a realidade social e cultural das pessoas. A proposta de Freire parte do estudo da realidade. Nesse processo surgem os temas geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos alunos. Neste contexto, Jiménez-Aleixandre (2010) considera que a inserção da Argumentação em sala de aula pode contribuir com aspectos relacionados ao desenvolvimento do aprender a aprender e do pensamento crítico.

Segundo a autora, a argumentação melhora o processo de aprendizagem na medida em que envolve tornar explícitos os processos de pensamento dos educandos, que necessitam apoiar suas afirmações com base em provas e avaliar distintas opções, o que se relaciona a regulação e controle dos próprios conhecimentos, aspecto fundamental para o desenvolvimento do aprender a aprender. No que concerne às contribuições para o pensamento crítico, ao compreendê-lo como a capacidade de desenvolver uma opinião independente, adquirindo a faculdade de refletir sobre a realidade e participar nela, a autora relaciona à Argumentação por envolver a avaliação da consistência de um enunciado e a disposição a questionar a mera autoridade.

Paulo Freire desenvolveu uma metodologia para alfabetização de adultos considerando a realidade dos educandos e fomentando a reflexão sobre a situação em que viviam e do seu papel na sociedade. Nesta, os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica em que a base da pedagogia é o diálogo. “Sem ele, [o diálogo] não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza” (FREIRE, 2014, p. 115). Jiménez-Aleixandre (2010) sinaliza que ao tornar público os processos cognitivos, através dos quais se adquire ou utiliza o conhecimento durante uma tarefa, a argumentação contribui também com o desenvolvimento da linguagem como instrumento de comunicação.

A dialogicidade, para Freire, é a essência da educação como prática da liberdade e está ancorada no tripé educador-educando-objeto do conhecimento. A indissociabilidade entre essas três categorias é um princípio presente no Método Paulo Freire a partir da busca do conteúdo programático.

Daí que, pra esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação (FREIRE, 2014, p. 115-116).

E nesta busca do conteúdo, o diálogo é estabelecido através do processo de Investigação Temática, que permite identificar o denominado Tema Gerador, a partir do qual será elaborado o programa escolar. Tais temas estão relacionados com as denominadas situações-limites, as quais, são compreendidas por Freire como determinantes históricas, situações percebidas pelos indivíduos como determinísticas e sobre as quais eles não possuem uma visão crítica.

A Educação Problematizadora propõe a organização do programa escolar a partir dos Temas Geradores, com a finalidade de “propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação.” (FREIRE, 2014, p. 100). É a partir destes temas que são selecionados os conhecimentos que serão abordados em sala de aula.

A identificação do Tema Gerador exige o reconhecimento do contexto de vida da comunidade escolar, da sua percepção de mundo, que será realizada durante o processo de Investigação Temática, configurando ponto de partida do processo educativo.

O papel do educador-educando é organizar o conteúdo programático em torno de atividades autênticas, que constituem problemas que são relevantes, ou percebidos como relevantes, para a vida dos alunos, e que necessitam ser resolvidos utilizando procedimentos de investigação. Assim, para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático se constitui de temas significativos advindos de visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças e desesperanças. Para tanto, é preciso conhecer o aluno, enquanto indivíduo inserido num contexto social, partindo de sua bagagem cultural repleta de conhecimentos vividos que se manifestam através de suas histórias e, através do diálogo constante, em parceria com o aluno, reinterpretar e recriar esses conhecimentos. É a partir deste contexto social, situação presente, existencial, concreta que se deve organizar o conteúdo programático.

É na busca deste conteúdo programático que se inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade e que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático ou temas geradores. Para Freire, estes temas se chamam geradores porque qualquer que seja a

natureza de sua compreensão como a ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas a ser cumpridas. Os temas são colecionados sob todas as formas possíveis de material: entrevistas escritas e gravadas, dados sobre o lugar, sobre a comunidade, fotos, documentos e etc.

Freire (2014) assim se posiciona sobre o conceito de tema gerador:

Em verdade, o conceito de “tema gerador” não é uma criação arbitrária, ou uma hipótese de trabalho que deva ser comprovada. Se o “tema gerador” fosse uma hipótese que devesse ser comprovada, a investigação, primeiramente, não seria em torno dele, mas de sua existência ou não. [...] Ainda que esta postura – a de uma dúvida crítica – seja legítima, nos parece que a constatação do “tema gerador”, como uma concretização, é algo a que chegamos através, não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações homens-mundo e homens-homens, implícitas nas primeiras (FREIRE, 2014, p. 122).

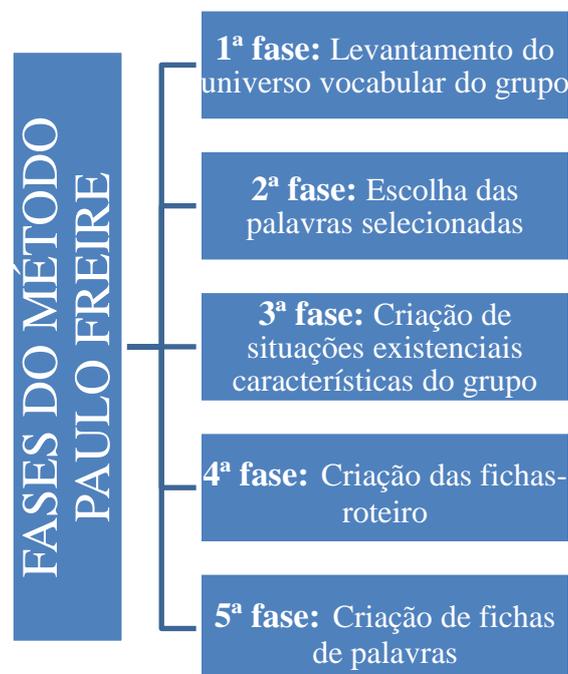
É através de sua permanente ação transformadora da realidade que os homens criam a história e se fazem seres histórico-sociais. Os temas geradores não se encontram nos homens isolados da realidade, nem tampouco da realidade separada dos homens. São nas relações homens-mundo, na relação dialógica com outros, seus opostos que encontramos os temas geradores. O conjunto de temas em interação constitui o universo temático, que dialeticamente se contradizem e corrobora para que os homens tornem suas posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança. É nas relações desses pontos de vista divergentes, contraditórios sobre o mundo que a argumentação também possui uma dimensão voltada para a emancipação social, relacionada a capacidade de formar opiniões próprias, questionando as ideias dominantes e analisando criticamente discursos que justificam as desigualdades.

Além disso, a educação que promove a argumentação deve adotar uma perspectiva construtivista, considerando que os educandos aprendem construindo seus próprios conhecimentos e não porque estes sejam transmitidos por outros. Assim, concebe a aprendizagem como uma tarefa coletiva, em que se resolvem problemas e se reflete sobre o que se aprende e como se aprende.

Em seu livro “Educação como prática da liberdade”, Freire (1999) propõe a execução prática do seu método em cinco fases, a saber:

- **1ª fase:** Levantamento do universo vocabular do grupo. Nessa fase ocorrem as interações de aproximação e conhecimento mútuo, bem como a anotação das palavras da linguagem dos membros do grupo, respeitando seu linguajar típico.
- **2ª fase:** Escolha das palavras selecionadas, seguindo os critérios de *riqueza fonética*, *dificuldades fonéticas* - numa sequência gradativa das mais simples para as mais complexas, do comprometimento pragmático da palavra na realidade social, cultural, política do grupo e/ou sua comunidade.
- **3ª fase:** Criação de situações existenciais características do grupo. Trata-se de situações inseridas na realidade local, que devem ser discutidas com o intuito de abrir perspectivas para a análise crítica consciente de problemas locais, regionais e nacionais.
- **4ª fase:** Criação das fichas-roteiro que funcionam como roteiro para os debates, as quais deverão servir como subsídios sem, no entanto, seguir uma prescrição rígida.
- **5ª fase:** Criação de fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras.

FIGURA 01: Fases do Método Paulo Freire



A proposta de utilização desse método na alfabetização de jovens e adultos foi completamente inovadora e diferente das técnicas até então utilizadas, que eram, na maioria

das vezes, resultado de adaptações simplistas das cartilhas. Assim, esse método possibilitou uma aprendizagem libertadora, não mecânica, uma aprendizagem que requer tomada de posição frente aos problemas que vivemos. É preciso entender que para que o homem participe ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, este precisa ser auxiliado a tomar consciência da realidade e a perceber sua própria capacidade para transformá-la. Assim, o homem descobre que a realidade é modificável e que ele pode fazê-la, provocando uma atitude crítica, de reflexão. “É preciso, portanto, fazer dessa conscientização o primeiro objetivo de toda educação libertadora” (FREIRE, 2014, p. 40).

A visão de liberdade, nessa pedagogia, é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que se efetiva na medida da participação livre e crítica do educando, rompendo com a escola autoritária e tradicionalista. A conscientização, enquanto processo permanente de construção da criticidade, para além de sua dimensão política, implica também a dimensão epistemológica e a dimensão estética. No exercício permanente da capacidade de conhecer-se, através da criticização das relações consciência-mundo, o sujeito contribui para a transformação da realidade à medida que transforma também a si mesmo.

A educação, concebida por Freire (2014) como um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade, compreende os atos de ensinar e aprender, que caracterizam a natureza da prática educativa enquanto dimensões do processo maior – o de conhecer – prática da concepção problematizadora e libertadora da educação, a qual não prescinde da conscientização.

Com isso, rejeita-se a educação bancária, anti-dialógica por essência, não comunicativa, tão criticada por Freire (1999; 2002; 2009), pois o processo ensino-aprendizagem não mais adotará o modelo em que se coloca o professor como detentor do saber e os alunos como receptores vazios, nos quais os professores depositam seus conhecimentos. Na educação bancária

[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade, alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (FREIRE, 2014, p. 79-80. grifos do autor).

Esta metodologia conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Por isto, os educandos são vistos como os depositários e o educador como depositante destes conteúdos. Aos educandos cabe a tarefa de receber, pacientemente, os depósitos, guarda-los e arquivá-los. Nesse processo não há criatividade, não há transformação e, assim, não há saber, tendo em vista que este só existe na invenção, na reinvenção e na busca inquietante que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Esta concepção, implicando numa prática, somente interessa aos opressores, pois para eles os homens devem adequar-se ao mundo, não questioná-lo, negando uma educação para a liberdade crítica. Deste modo,

[...] enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte a sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 2014, p. 97).

A concepção problematizadora e libertadora da educação implica uma horizontalidade entre educador e educando, e propõe uma relação dialógica entre os pares, em que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. Nela, sala de aula torna-se um espaço que estimula a pergunta e a reflexão sobre a própria pergunta, onde professor e alunos tornam-se sujeitos abertos à curiosidade indagadora.

Destaca-se aqui, as etapas da Investigação Temática proposta por Freire (2005) para a elaboração de atividades didático-pedagógicas no contexto escolar, compreendidas em três momentos dialéticos e interdisciplinarmente interligados: *a investigação temática*, *a tematização* e *a problematização*. A educação para a libertação deve, forçosamente, desembocar-se na práxis transformadora.

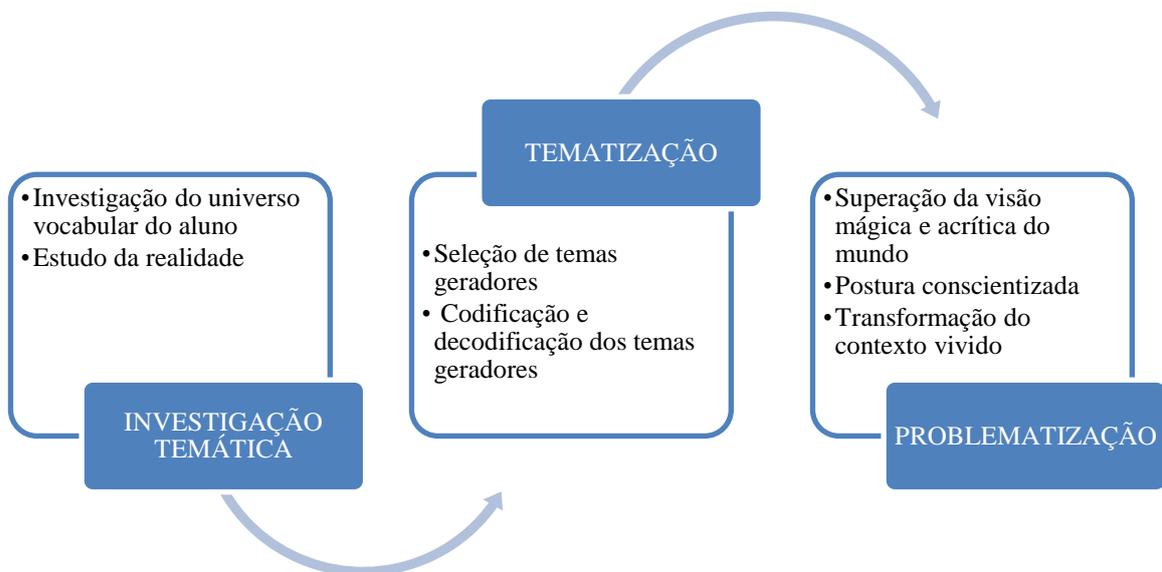
No primeiro momento, *a investigação temática*, é onde se desenvolve a pesquisa sociológica. Nele acontece a busca conjunta entre professor e aluno das palavras e temas mais significativos da vida do aluno. É feita a investigação do universo vocabular e estudo dos modos de vida na localidade, é o estudo da realidade. Este estudo não se limita à simples coleta de dados e fatos, mas, acima de tudo, deve-se perceber como o educando sente sua própria realidade superando a simples constatação dos fatos, numa atitude de constante investigação dessa realidade. Este mergulho na vida do aluno proporcionará a nós, educadores, condições de interagir no processo ajudando-o a definir seu ponto de partida que irá traduzir-se no tema gerador geral.

No segundo momento, *tematização*, é a tomada de consciência do mundo, através da análise dos significados sociais dos temas e palavras. Através da seleção de temas geradores, realizamos a codificação e decodificação desses temas buscando o seu significado social. Através do tema gerador geral é possível avançar para além do limite de conhecimento que os alunos têm de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente. Freire (2014) explica melhor este momento:

A segunda fase da investigação começa precisamente quando os investigadores, com os dados que recolheram, chegam à apreensão daquele conjunto de contradições. A partir deste momento, sempre em equipe, escolherão algumas destas contradições, com que serão elaboradas as codificações que vão servir à investigação temática (FREIRE, 2014, p. 150).

No terceiro momento, *problematização*, etapa em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada, capaz de transformar o contexto vivido.

FIGURA 02: Momentos do Método Paulo Freire



Compreendemos assim, que o ensino por meio de temas geradores parte do princípio da prática permeada de reflexão da realidade local buscando a ressignificação do meio onde se vive. Para Tozoni-Reis (2006)

[...] os temas geradores são temas que servem ao processo de codificação-decodificação e problematização da situação. Eles permitem concretizar, metodologicamente, o esforço de compreensão da realidade vivida para alcançar um nível mais crítico de conhecimento dessa realidade, pela experiência da reflexão coletiva da prática social real. Esse é o caminho metodológico: o trabalho educativo dispensa, pois, um programa pronto e as atividades tradicionais de escrita e leitura, mecanicamente executadas. A avaliação é um processo coletivo cujo foco não é o 'rendimento' individual, mas o próprio processo de conscientização. O diálogo é, portanto, o método básico, realizado pelos temas geradores de forma radicalmente democrática e participativa (TOZONI-REIS, 2006, p. 104. grifos do autor).

Sendo assim, o método Paulo Freire pretende habilitar o aluno a “ler o mundo”. Para Freire (2014), o aluno será capaz de desenvolver sua criticidade acerca do mundo que o rodeia de uma forma libertadora se ele partir do reconhecimento do seu universo social e cultural, da cultura que faz parte da sua realidade para depois compreender a que está fora do seu entorno social.

Os PCN's (1998, p.8) apontavam como objetivo, para o Ensino Fundamental, “[...] questionar a realidade, formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação”. É a partir da curiosidade que o aluno chega à criticidade. A curiosidade epistemológica é também estética, por ser esta o impulso que nos move na busca do novo e é, fundamentalmente, política por orientar-se na direção de nossas opções. A compreensão da complexidade desse processo é fundamental para a constituição de práticas educativas fundadas na concepção de educação libertadora, uma vez que, nesta perspectiva,

[...] a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas – momentos simultâneos da teoria e da prática, da arte e da política, do ato de conhecer a um só tempo criando e recriando, enquanto forma os alunos que estão conhecendo (FREIRE, 2014, p. 146).

Assim Freire tematiza a práxis educativa libertadora com base nestas três dimensões indissociáveis, que integram a conscientização enquanto um processo de transformação permanente: a dimensão política, a dimensão epistemológica e a dimensão estética. A articulação dessas dimensões contribui no processo de conscientização e transformação da realidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2005), em seu artigo 26, afirma:

Sendo assim, nós, enquanto professores, no espaço escolar, devemos levar em consideração o contexto social do aluno, uma vez que em cada região existem modos de ser, agir e pensar, determinados por características específicas dessa região. Cada povo tem sua própria cultura. Devemos, pois, adequar esses aspectos socioculturais aos conteúdos ministrados em sala, levando o aluno a conhecer a realidade a qual faz parte do seu contexto social, para que ele possa levantar questionamentos acerca dessa realidade e assumir posicionamentos críticos, buscando a transformação do mundo que o rodeia.

No que tange ao papel do professor, este constitui uma autoridade intelectual, a quem cabe dirigir e orientar os objetivos de aprendizagem, conduzindo as indagações e debates, contrastando ideias e provas e evitando confrontos pessoais. Segundo Jiménez-Aleixandre (2010; 2007), o educador deve estar preparado para: i) atuar como modelo e orientar a investigação dos alunos; ii) incentivar o uso de provas pelos educandos, fazendo perguntas abertas que suscitam justificativas e desafiam as ideias; iii) compartilhar com os educandos os objetivos da aprendizagem, explicitando os critérios para avaliar provas e construir argumentos de qualidade; iv) traduzir objetivos epistêmicos relacionados à argumentação; v) estimular a reflexão dos alunos em torno da sua própria aprendizagem.

Dado o papel desempenhado pelos alunos no processo educativo, sugere-se que os mesmos participem do processo de avaliação, tanto do processo de ensino quanto do próprio conhecimento. Assim, professores e alunos compartilham critérios públicos de avaliação e a autoridade para avaliar, relacionados, por exemplo, aos métodos de estudo, ao próprio desempenho dos estudantes, à reflexão sobre sua própria aprendizagem etc. Segundo Jiménez-Aleixandre (2007), uma vez que a avaliação do conhecimento é uma característica específica de ambientes de aprendizagem voltados para a argumentação, exige-se a monitorização pelos alunos de seus próprios processos de pensamento e aprendizagem, que pode ocorrer da reflexão à metacognição. No que concerne à metacognição, esta pode ser identificada quando os alunos fazem referência explícita a sua forma de pensar, por exemplo: i) ao refletir sobre o caráter do conhecimento que foram convidados a ampliar; ii) ao ter consciência das diferenças entre seus posicionamentos no início e final de uma atividade; iii) ao refletir sobre os padrões de argumentação; iv) ao refletir sobre a avaliação das explicações científicas (JIMÉNEZ-ALEIXANDRE, 2007).

Portanto, tendo em vista que a comunicação e a argumentação devem ser uma dimensão central em sala de aula, o ensino deve pautar-se nos aspectos relacionados à aprendizagem colaborativa, permeada pela discussão, questionamento e avaliação crítica; a contextos interativos, onde é possível negociar opções; e, contextos cooperativos, resultando

na construção de argumentos. Nesse sentido, a escola tem como maior desafio construir práticas que propiciem ao aluno uma visão crítica da sociedade que o rodeia, reconhecendo-o como sujeito de sua aprendizagem, sujeito central no processo educativo, capaz de refletir sobre a realidade e, ir além, ressignificando o espaço que o rodeia.

Convém ressaltar que neste contexto, estudar a memória é interessante porque o contato com as pessoas que vivenciaram essa história impulsiona esse processo de aprendizagem. A memória permite que os idosos se tornem conscientes do vivido e protagonistas da história contada. Os idosos fazem uma viagem ao passado para evocar lembranças e trazer uma lição para o presente, no contexto em que se encontra, oportunizando a geração presente o conhecimento do passado do lugar em que vivem.

No próximo tópico discutimos como a memória individual colabora na construção da memória coletiva e como as lembranças ganharão conotação que ultrapassarão os limites do individual, e mesmo que de modo inconsciente, os idosos irão compor as memórias coletivas acerca do riacho Santana que deu origem ao município de Riacho de Santana.

3.3 Memória Individual e Coletiva

Quando pensamos em memória, logo nossa mente nos remete ao ato de guardar as ideias, lembranças e o conhecimento adquirido ao longo de nossas vidas. A memória, fonte inesgotável de informações, é a principal base para a construção da história. Ela é subjetiva, serve como um guia que revela o passado, emerge de reconstruções seletivas da história, e é a partir dessas reconstruções que é possível construir o contexto em que vivemos.

O discurso sobre a memória é muito antigo. Por ser um tema muito amplo, aprofunda suas raízes no temor primordial que acompanha, há dezenas de milhares de anos a história de nossa espécie e a vida dos indivíduos desde o período da infância. É através da memória que a história se desenvolve e dela se vale na garantia do presente e do futuro. Dessa maneira a memória tem algo a ver com o passado e também com a identidade e, assim com a própria persistência no futuro. Assim, passado, presente e futuro estão interligados e, a memória torna-se peça chave importante nesta relação, como bem nos lembra Bosi (2003, p.20) “Não esqueçamos que a memória parte do presente, por um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”.

Segundo Brandão (2008), a origem da palavra memória vem da mitologia greco-romana, que servia para identificar a deusa Mnemósine, cujo significado é lembrança ou memória. Mnemósine era filha do céu e da terra, irmão de Cronos, deus do tempo, e mãe das

Musas, que junto com elas regiam todas as formas de expressões do universo, como o pensamento, a poesia, as narrativas e entre tantas outras. Observamos assim, a articulação entre a memória, o tempo e a narrativa como forma de expressão do pensamento.

Desde a mitologia, passando por importantes filósofos como Platão e Aristóteles até os dias atuais, o tema memória tem sido objeto de reflexão e estudos de várias ciências. A partir do início do século XX, sobretudo nas Ciências Humanas, o conceito de memória passou a ser definido como um fenômeno social, na medida em que as relações entre os indivíduos são estabelecidas pelas formas em que os mesmos interagem entre si, através dos aspectos socioculturais, como por exemplo, nos ambientes familiar, profissional, político, religioso, dentre outros. Tais elementos são fundamentais na construção das memórias e, conseqüentemente, da história destes indivíduos.

Marilena Chauí (2000), afirma que a memória é uma evocação ao passado, ao que recorremos para registrar e salvar fatos e acontecimentos do esquecimento. É conservar na mente experiências que se foi e não retornará mais, registrando-as no presente para que permaneçam em nossa lembrança. Para Halbwachs (2003) a memória é uma imagem construída pelos materiais que nos são disponíveis no hoje e elas (as lembranças) nunca serão as mesmas, pois ao lembrarmos, não somos os mesmos, não temos as mesmas ideias, valores e nem a mesma realidade de quando elas aconteceram. Bosi (1994) diz que lembrar é reviver, refletir, refazer, não no que diz respeito à mera repetição dos fatos, mas reviver o que se passou, acrescentando intensidade, emoções, novas experiências, refletir sobre o que são e o que serão (e seus grupos sociais), refazer-se, apresentando seus valores e crenças.

Nas concepções desses autores percebemos a importância da memória que não se dá de forma aleatória. O indivíduo com suas memórias, ou troca de lembranças com seus grupos de referências (família, escola, grupo de amigos, ambiente de trabalho) constrói e reconstrói seus pensamentos, partindo do estado presente, evoca o passado, revivendo em busca de significados que possam, hoje, justificar suas escolhas.

É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWASCHS, 2003, p. 67).

Dessa forma, ressalta-se a importância de sua conservação, seja a memória individual ou coletiva, pois contará as ações que serão compartilhadas pelos grupos pertencentes à

sociedade. Manter viva a história de uma determinada época é reviver o passado, o qual pode ser contado por documentos, fatos, fotos que possam comprovar esta história.

Igualmente exaltando esta importância, Barros (2011), versa que a memória e a história se entrelaçam nas memórias históricas, de acordo com o autor, no momento que estas começarem a desaparecer com a condição natural das gerações, o papel importante do registro de tais memórias, para desta forma obter-se como um dado histórico e fonte de pesquisa e que estes conseqüentemente possam ser analisados criticamente, em confronto com a história contada pelos livros, por exemplo.

Existem vários tipos de memória, que podem ser classificadas pela forma como são adquiridas: memória explícita ou declarativa e implícita ou não declarativas ou, pelo tempo que são armazenadas, memória de curta e de longa duração.

Baseado nos estudos de Antunes (2012); Miotto (2016); e, Nery-Barbosa e Barbosa (2016), Rego (2018) realiza uma conceituação sobre os tipos de memória, exposta no quadro abaixo:

QUADRO 03: Tipos de memória e suas definições

Memória sensorial	Seu tempo de duração é brevíssimo e é responsável pelo processamento inicial das informações captadas pelos nossos sentidos. São classificadas como olfativa, táteis, gustativas, visuais e auditivas. Por exemplo, quando sentimos um cheiro e somos reportados a alguma lembrança.
Memória operacional e de curto prazo (memória imediata, memória de trabalho)	Consiste no sistema responsável por armazenar as informações rapidamente, manipulando informações para o processamento de funções cognitivas como: cálculo, linguagem, resolução de problemas, entre outros. Sua capacidade de processamento e armazenamento é limitada.
Memória de longo prazo	Recupera as memórias por um tempo mais longo, variando de minutos à décadas e possuindo capacidade ilimitada. Ela subdivide-se em: memória declarativa (explícita) e não-declarativa (implícita).
Memória episódica	Refere-se ao sistema que recupera experiências pessoais vividas em determinado tempo, evento e espaço. Através dele nos recordamos percursos realizados em momentos emocionalmente importantes.
Memória semântica	Responsável por conhecimentos gerais que são adquiridos e armazenados ao longo da vida e se relacionam com educação, cultura, entre outros aspectos mnemônicos válidos para o cotidiano interpretado geralmente da forma generalizada pelos seus pares. Ele faz com que lembre, por exemplo, o significado da

	palavra relógio.
Memória implícita (não-declarativa)	Este sistema concede habilidade percepto-motora através de um jogo de repetições e exposições ao que pretende ser aprendido, composta pelos seguintes subsistemas: pré-ativação, memória procedural e formação do hábito. A memória procedural refere-se ao aprendizado de habilidades motoras.
Memória explícita (declarativa)	Armazena acontecimentos, conceitos básicos, datas, nomes e números
Memória procedimental (operativa)	Nela estão contidos aprendizados como: andar, falar, saudar, entre outras habilidades que são adquiridas na infância e executadas mecanicamente, podendo ser armazenadas na memória de longo-prazo.
Memória prospectiva	É considerada a mais utilizada no cotidiano e refere-se a recordar atitudes a serem adotadas no cotidiano, como uma agenda mental aonde se criam intenções e se recobram adiante para sua implementação.

Fonte: Rego (2018)

Quanto ao processamento da memória Rego (2018) coloca que este obedece aos seguintes passos:

Codificação: processos que tratam e elaboram a informação aprendida vista pela primeira vez. Tratar e associar a informação recente de forma significativa e sistemática a um conhecimento prévio já estabelecido é fundamental para a persistência de uma nova memória.

Consolidação: processos, em termos genéticos e de produção proteica, que estabilizam a informação recém-adquirida e lábil, a fim de uma retenção em longo prazo.

Armazenamento: mecanismo e locais onde a memória é retida ao longo do tempo de forma quase ilimitada.

Recuperação: processos que recuperam e utilizam as informações já retidas (REGO, 2018, p.39. grifos da autora).

Maurice Halbwachs (2003), em seu livro “A memória coletiva”, discorre no primeiro capítulo sobre as duas principais categorias da memória: a memória individual - “O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (p. 29) e a memória coletiva - “É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos” (p. 30). Diante da perspectiva que o indivíduo nunca está sozinho, mesmo os acontecimentos vividos solitariamente são percebidos enquanto lembranças que permanecem coletivas, ou seja, para o autor, a memória individual é construída a partir da memória coletiva.

O autor ainda acrescenta que memória é reconhecimento e reconstrução. Reconhecimento na medida em que porta o “sentimento do já visto”. Reconstrução, em dois sentidos: por um lado, não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado,

mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais.

Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência, visto que as lembranças retomam relações sociais. Assim, a memória enquanto processo social percorre o espaço da memória individual para a memória coletiva, abrangendo cadeias de lembranças e registros importantes de determinadas sociedades. Para Halbwachs (2003, p. 12) “a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos”.

De acordo com este autor, mesmo que somente nós estejamos envolvidos em um fato, nossas memórias permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ocorrendo isso pelo fato de estarmos inseridos e habitados por grupos de referência, jamais estamos sozinhos. Assim, a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito.

Segundo Halbwachs (2003, p. 69) “cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. Assim fica evidente que não existe uma memória exclusivamente ou estritamente individual, pois as lembranças são sempre construídas em grupos de referência, resultantes dos diversos ambientes que atravessamos e dos grupos que tivemos como referência.

A cerca da memória coletiva Halbwachs (2003) explica que:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucede, umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembrança reapareça (HALBWACHS, 2003, p. 170).

Desta forma, podemos dizer que existe uma articulação entre a memória, o tempo, o espaço e a narrativa como forma de expressão do pensamento. Segundo Brandão (2008) através da memória, das lembranças nas histórias narradas, podemos – utilizando a linguagem

– refletir, compreender e ressignificar trajetórias de vida, o que faz compreender discursivamente a nós e aos outros, quer sejam pelas memórias individuais, quer sejam coletivas ou ambas articuladas, essas narrativas dizem muito sobre nós e nos possibilitam fortalecer nossa identidade e o nosso lugar na sociedade.

Para Le Goff (1990) o papel da memória coletiva é auxiliar na classificação e legitimidade,

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p. 476).

Desta maneira, as memórias dos grupos sociais consideradas coletivas, trazem consigo um espaço comum de encontro a determinado fato histórico, atribuindo-lhes um caráter simbólico.

Pollak (1992) analisa os elementos constitutivos da memória e ordena-os em: acontecimentos, pessoas e lugares. Os acontecimentos podem ser vividos pessoalmente ou acontecimentos vividos “por tabela” (vividos em coletividade); as pessoas podem ser categorizadas por personagens encontradas durante a vida e também vividas indiretamente, ou “por tabela”. Por fim, os lugares da memória, lugares de comemoração, que ficaram marcados na memória pública do indivíduo, os vestígios datados da memória. “Esses três critérios, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos” (POLLAK, 1992, p. 03).

Estudar os elementos que constroem e constituem a memória se faz deveras importante, pois a mesma está intrinsecamente ligada ao processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. A partir de tais aspectos podem-se reconhecer os acontecimentos passados e ainda conservar as informações que nos são relevantes à preservação, rememoração.

Para Antunes (2012, p. 10) “a memória ajuda a *consciência do eu*, e sem uma ou sem a outra não somos nada, apenas um triste e deplorável ‘ninguém’”. Assim, todo indivíduo é dotado de memória e esta funciona como geradora da identidade. Essa dialética de memória e

identidade é expressa em Candau (2018) quando o autor diz que a memória fortalece a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo. Assim Candau (2018) se posiciona:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2018, p. 19).

Candau (2018) alerta que a memória pode ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade. Isso ocorre com as lembranças de traumas e tragédias vivenciados ao longo da vida que podem ser esquecidos ou não, como exemplo, a anamnese de abusos sexuais na infância ou a memória do Holocausto. Daí a memória que funda a identidade ser necessariamente de lembranças e esquecimentos. Acrescenta-se que, do ponto de vista da identidade, “o esquecimento é ambivalente: necessário à vida – logo, a afirmação identitária em perpétua construção – e, ao mesmo tempo, é o signo da perda, do desaparecimento, do abandono de alguma coisa que fazia até então parte de si” (CANDAU, 2018, p. 204).

Assim, é de esperar que muitos lamentem esse esquecimento das memórias organizadoras, pois temem, por um lado, a retomada concomitante de identidades coletivas e culturais e, de outro lado, que isso favoreça situações de anomia, de angústia, de perda de referenciais ou ruptura de um laço social.

Enquanto geradora da identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante de sua construção, uma vez que, a própria identidade de uma sociedade, realiza certas seleções da memória, e ainda, dá forma às predisposições que vão conduzir o indivíduo a incorporar alguns aspectos particulares do passado.

Bosi (1994) em seu livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos” nos mostra a importância de se estudar as lembranças das pessoas idosas, quando assim se posiciona

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem [...] (BOSI, 1994, p. 60).

Para a autora, a pessoa idosa guarda muitas lembranças de diversas fases de desenvolvimento, por isso sua importância para contar acontecimentos que marcaram o desenvolvimento de lugares. Acrescenta ainda que “A lembrança é a sobrevivência do

passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (BOSI, 2016, p. 53).

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana (LE GOFF, 2013, p. 387).

As narrativas produzidas pelos alunos transmitem os discursos dos idosos carregados de intensidade, emoções, experiências, valores e crenças. São lembranças contadas individualmente, mas que constituem a história do riacho Santana, transformando-se assim, em lembranças coletivas. A história de vida de cada entrevistado se mistura as várias contadas, e é isto que faz com que estas sejam coletivas. São as referências do lugar, das primeiras famílias que aqui vieram, do primeiro povoado, grupo de pessoas que desenvolveram as primeiras atividades agrícolas, favorecidas pelas terras banhadas pelo riacho que promoveram o desenvolvimento e o surgimento do município de Riacho de Santana.

Desta forma, este trabalho busca a valorização da memória dos idosos, proporcionando aos nossos alunos o intermédio da cultura no que se refere aos valores, posturas, crenças, fazendo-os através do contato direto com os idosos compreender a estes, aos grupos sociais e aos próprios.

Neste terceiro capítulo discorreu-se acerca do ensino de Língua Portuguesa, bem como leitura e escrita e os gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, fundamentados em Travaglia (2009), PCNs (1997, 1998), BNCC (2017) e Koch (2007). Apresentamos, ainda, a proposta dos temas geradores de Paulo Freire e, por último, memória individual e coletiva com Ecléa Bosi (1994), Halbwachs (2003) e Candau (2018). Vimos nessas discussões a importância da escola abordar no trabalho pedagógico a modalidade argumentativa. Com isso, como aponta Bessa (2010)

[...] a escola estará oferecendo ao aluno a oportunidade de refletir acerca do poder do discurso e da argumentação, elaborar teses, organizar argumentos a favor ou contra determinada situação, saber identificar as reais intenções presentes nos discursos alheios, saber usar melhor a própria linguagem em seu benefício e/ou em benefício dos outros e perceber o exercício da linguagem como instância de sua constituição como sujeito (BESSA, 2010, p. 129).

Desta forma, fica claro que a argumentação pode e deve ser ensinada na escola, pois possibilitará aos alunos o conhecimento para o uso adequado do discurso nas variadas situações reais de comunicação e interação.

No próximo capítulo, **Metodologia**, apresentamos os principais aspectos metodológicos aqui adotados, destacando, inicialmente, a caracterização da pesquisa, descrevendo o universo de estudo (o riacho Santana, a cidade de Riacho de Santana e os colaboradores da pesquisa), expondo os métodos de análises, os procedimentos de coleta e constituição do *corpus*, tal como, a seleção e análise dos dados.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos os principais aspectos metodológicos aqui adotados, destacando, inicialmente, a caracterização da pesquisa, descrevendo o universo de estudo (o riacho Santana, a cidade de Riacho de Santana e os colaboradores da pesquisa), expondo os métodos de análises, os procedimentos de coleta e constituição do *corpus*. Apresentamos o gênero escolhido para trabalho de estudo e produção “conto”, e a atividade de intervenção na qual desenvolvemos oficinas.

4.1 Caracterização da Pesquisa

Na constituição do *corpus*, na pesquisa empírica, na análise e interpretação dos dados adotamos os métodos dedutivo e indutivo, de forma complementar um ao outro.

Ao inferirmos conhecimentos já existentes sobre as questões em estudo, ou seja, a presença dos processos argumentativos nas narrativas, como as teses, as técnicas, os valores, a hierarquização de valores e os lugares da argumentação (categorias teóricas e analíticas) nos textos dos nossos alunos, fazemos uso do método dedutivo, pois, segundo Oliveira (2007, p. 49), no método dedutivo “[...] parte-se dos princípios já reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis para se chegar a determinadas conclusões”.

O método indutivo é usado quando fomos levados, a partir do nosso objeto de estudo (textos empíricos), a definir alguns objetivos a serem alcançados. Assim, vamos interpretar as produções dos alunos para identificar as teses, valores e suas hierarquias e os lugares da argumentação. Para Oliveira (2007), no método indutivo

[...] seu ponto de partida é a observação dos fatos e dos fenômenos da realidade objetiva. Portanto, o método indutivo é uma ferramenta que conduz o pesquisador(a) a observar a realidade para fazer seus experimentos e tirar suas conclusões, sendo por isso um método bastante usado nas ciências em geral (OLIVEIRA, 2007, p. 50-51).

Para o desenvolvimento das análises adotamos uma análise interpretativa, na perspectiva de refletir sobre o que cada texto permite diante dos processos almejados. Seguindo esta linha de raciocínio, optamos pela abordagem qualitativa, pois abordamos a produção textual dos alunos, com base na temática cultural que remete ao contexto dos mesmos. Oliveira (2007, p. 37) conceitua abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa

“como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

E ainda acrescenta: “Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa” (OLIVEIRA, 2007, p. 60).

Para a produção dos contos, nossos alunos utilizaram as técnicas de observação quando conheceram todo o trajeto que o riacho percorre no município e também fizeram a aplicação de entrevistas com pessoas idosas que moram próximas ao leito do riacho.

O processo de interpretação e análise é apresentado, ainda, de forma descritiva, tendo em vista que a pesquisa descritiva “está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classifica-los e interpretá-los” (OLIVEIRA, 2007, p. 67).

Cabe aqui destacar que a pesquisa é de natureza interventiva ou pesquisa-ação, tendo em vista que realizamos oficinas nas aulas de Língua Portuguesa, focando o ensino de produção textual articulado a questões socioculturais local, em que há uma ação deliberada de transformação da realidade e produção de conhecimentos relativos a essas transformações. Para Oliveira (2007)

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (OLIVEIRA, 2007, p. 74).

Desta maneira, a pesquisa-ação requer o compromisso do pesquisador com a população pesquisada a fim de buscar coletivamente alternativas para a resolução dos problemas identificados.

4.2 Universo de Estudo

4.2.1 O riacho Santana e a formação de uma comunidade

O estado do Rio Grande do Norte está geograficamente situado na região Nordeste do Brasil, fazendo limite com os estados do Ceará, a oeste, da Paraíba, ao sul, e com o Oceano Atlântico, nas porções leste e norte. Do ponto de vista hidrogeográfico, o estado encontra-se

subdividido em 16 unidades de bacias hidrográficas (SEMARH, 2013), 14 de tamanho menor, que deságuam em direção ao litoral oriental do estado, e duas grandes bacias que têm suas desembocaduras direcionadas para o litoral setentrional: a bacia do rio Piranhas-Assú e a do rio Apodi-Mossoró.

A sub-bacia do riacho Santana está localizada no extremo sudoeste do Estado do Rio Grande do Norte, inserida na Bacia Hidrográfica Apodi Mossoró, e abrange uma área total de 286 km². Suas nascentes estão localizadas nas serras de São José (a oeste), Poço Dantas (a sudoeste) e do Camelo (a leste). Esta sub-bacia possui seu alto e médio curso dispostos em um vale encaixado com altitudes que variam entre 200 e 850 m e prossegue em seu baixo curso até a barragem Pau dos Ferros.

Todas as atividades desenvolvidas nessa região, especialmente as atividades agrícolas, dependem das condições climáticas e especificamente do componente natural água para se desenvolverem, sendo fundamental um panorama dessas condições e da disponibilidade desse recurso nesta área do riacho Santana.

O tipo climático predominante da sub-bacia hidrográfica do riacho Santana se caracteriza por um clima muito quente e semiárido, com a estação chuvosa se atrasando para o outono. Os valores de precipitação acumulados revelam que esse espaço tem passado por uma predominância de períodos secos, com uma variação e redução significativa do volume de chuvas, quadro que tende a se manter durante período indeterminado, e que vem provocando drásticas mudanças nos componentes paisagísticos, especialmente na disponibilidade dos recursos hídricos locais.

Existe um número considerável de pequenos açudes e barramentos em toda extensão do riacho, mas os mesmos logo perdem o volume de água que acumulam no período chuvoso. Por critério de maior representatividade em termos de volume, destacamos a importância de dois reservatórios principais o açude Santana (município de Rafael Fernandes) e a Barragem de Pau dos Ferros na qual o riacho Santana deságua. Estes reservatórios em decorrência das variações pluviométricas apresentadas anteriormente e da má gestão dos seus volumes de água, encontram-se totalmente ou parcialmente secos, gerando um quadro atual de baixa disponibilidade hídrica superficial.

As terras que hoje fazem parte do município de Riacho de Santana se distribuem ao longo do riacho Santana, cujo curso se estende por 48 km, desde a nascente no município de Luiz Gomes, até a desembocadura na Fazenda Cacimbas, Apodi. No vale deste riacho veio o seio de uma nova cidade. A fertilidade das terras ao redor do riacho Santana, cheias de córregos e pequenos riachos afluentes, atraía olhares para desenvolvimento de atividades

agrícolas e pecuárias. Assim, as primeiras comunidades se constituíram próximas ao riacho que lhe davam condições propícias para moradia e desenvolvimento de atividades agrícolas.

Delimitamos em nosso trabalho o trecho deste riacho que pertence ao território do município de Riacho de Santana. O percurso do riacho Santana tem seu início em terras santanenses no sítio Catingueira, atravessa a zona urbana e termina no sítio Baixa do Arroz.

Os sítios Paul e Poço de Pedras, conhecidos como setor de cima, são mais privilegiados pelos benefícios do riacho. A toponímia do sítio Paul provém da grande quantidade de adubo encontrada após as enchentes, e o Poço de Pedras recebe essa denominação por causa de uma volta no riacho Santana, nas propriedades da família Quinco, onde se encontrava um grande poço, com uma pedra dentro dele.

O sítio Pau D'Arco, pertencente ao setor de baixo, alcançou significativo desenvolvimento agrícola ainda na primeira década do século XX, pós 1908, com a construção do Açude Santana, no sítio vizinho Gangorra, atual município de Rafael Fernandes, em que aumentou a produção de fumo, batata, e alimentos; e em 1911, surge a atividade do plantio da cana-de-açúcar, através do morador João Ciríaco.



FIGURA 03: Passagem Molhada após cheia em abril de 2020. Sítio Santo Antônio. Foto: Roniedson

Silva



FIGURA 04: Açude Santana, popularmente conhecido como Açude da Gangorra. Abril de 2020. Foto: Roniedson Silva

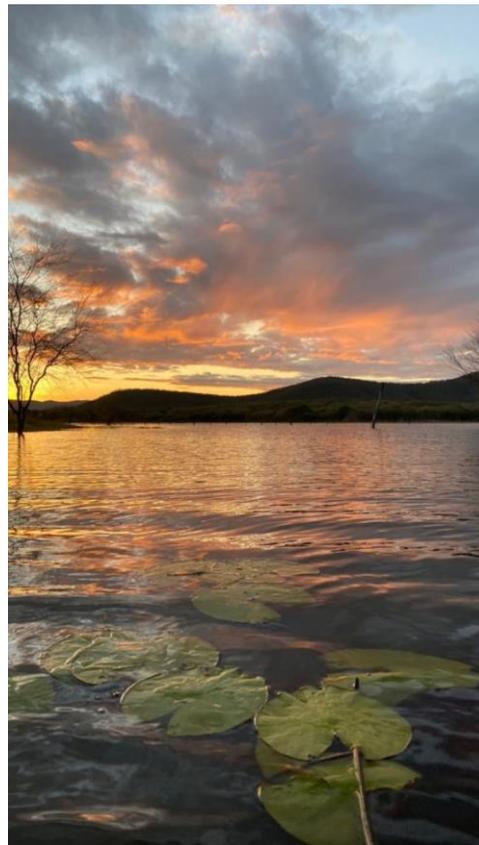


FIGURA 05: Açude Santana, popularmente conhecido como Açude da Gangorra. Agosto de 2020. Foto: Roniedson Silva

4.2.2 O município de Riacho de Santana

Riacho de Santana é um município brasileiro, localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte, na região do Alto Oeste Potiguar, e pertence à mesorregião do Oeste Potiguar, na microrregião da Serra de São Miguel, a uma distância de 425 quilômetros a oeste da capital do estado, Natal. Ocupa uma área de 128 km², com uma população de 4.278 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, censo 2014.

FIGURA 06: Localização da Cidade de Riacho De Santana



Fonte: PEREIRA, BEZERRA (2011).

A história do município de Riacho de Santana começou com a chegada e povoamento às margens do riacho Santana. Os primeiros povoadores que chegaram à região desenvolveram a economia agrícola no local, devido à boa qualidade da terra. A partir daí, foram sendo instaladas várias fazendas, formando-se um povoado. Assim o nome do município deve-se ao riacho Santana que passa por quase toda a cidade, percorrendo a zona rural e a zona urbana. Em 1948, o povoado passou à condição de distrito, criado pela lei estadual nº 146, em 23 de dezembro de 1948, anexado ao município de Pau dos Ferros, vindo a se tornar um novo município do estado do Rio Grande do Norte, com o nome "Riacho de Santana", em 10 de maio de 1962.

As primeiras famílias que passaram a residir em Riacho de Santana foram as de sobrenome: Cajé, Soares, Lopes, Lugero, Fontes, Fernandes, Dantas, Cavalcante, entre outras que residem até os dias atuais. São famílias numerosas e que construíram história no município. Por se tratar de um lugar pequeno e com poucos habitantes todos têm um

parentesco entre si, uns mais próximos, outros mais distantes, mas se tratando dos nascidos neste lugar há sempre uma ligação sanguínea.

Riacho de Santana possui todo o seu território localizado na bacia hidrográfica do rio Apodi/Mossoró. Os principais riachos do município são Santana, Panela e dos Gatos. O principal açude é a Barragem Caripina, que é afluente da margem esquerda do Riacho de Santana, foi concluído em abril de 2001 e possui capacidade para 3,187 milhões de metros cúbicos (m³), cuja bacia possui 9,2 quilômetros quadrados de extensão.

A cidade é agraciada pelo fato de mesmo nos períodos de seca conseguir manter a população abastecida com água de seu próprio território. O abastecimento é feito através da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte – CAERN que distribui água de um poço localizado no sítio Muquém, zona rural do município. Este abastecimento também é realizado de modo particular através de poços de alguns proprietários que usam suas instalações para consumo próprio e outros que além do consumo próprio fazem instalações para abastecerem várias residências na cidade.

O município apresenta uma vocação rural que se estende além da predominância de elementos culturais rurais e as primeiras atividades econômicas voltadas para agricultura e pecuária, a sua população está concentrada, em sua maior parte, na zona rural. Esta condição identificando-o como município tipicamente rural. Assim, Riacho de Santana é dividido em dois setores rurais, denominados de setor de cima e setor de baixo, constituindo 17 sítios, tendo a zona urbana entre esses setores. O setor de cima composto por: Catingueira, Gameleira, Poço de Pedras, Quintas, Caiçara, Tabuleiro do Padre, Paul, Santo Antônio. O setor de baixo composto por: Lagoa de Pedras, Muquém, Caieiras, Sobradinho, Pau d'arco, Baixa do Arroz, Porção, Catolezinho e Agrestinho.

Os distritos do Poço de Pedras e Pau D'arco apesar de terem uma agricultura e pecuária desenvolvida e já estarem inseridos em outras atividades de comércio, ainda mantém antigas atividades como a casa da farinha e os Engenhos.

Os aspectos históricos relacionados à formação deste município estão vinculados aos vetores de formação socioespacial da região Nordeste e dos demais estados que a compõem. É uma formação iniciada principalmente com base no binômio agricultura de subsistência/pecuária e do algodão. A partir da década de 1950, tais práticas promoveram a criação de pequenos núcleos populacionais ao longo dos principais rios e riachos da porção semiárida, isso ocorreu em função da disponibilidade de água, terras agricultáveis e espaço para criação do gado em regime extensivo.

Em relação à economia, atualmente, as atividades econômicas estão mais concentradas nos setores dos serviços e da agropecuária, e, em menor escala, no setor terciário, representado pelos demais bens de produção que são incipientes nas áreas urbanas e rurais desse município.

Atualmente, a atividade agrícola neste município está baseada na agricultura de subsistência como o arroz, milho e feijão. Além desses principais produtos destacam-se, por ordem de produção, os seguintes gêneros: cana-de-açúcar, banana, batata-doce, castanha de caju, tomate, mandioca, algodão herbáceo, manga, goiaba e o coco-da-baía (IDEMA, 2012). A produção dos gêneros, como feijão, milho, mandioca e arroz ainda são os produtos mais significativos para o sustento da população rural, para alimento dos animais e para comercialização nas pequenas feiras e comércios locais.

Verifica-se que estas culturas são desenvolvidas, em sua maioria, ao redor das margens do riacho Santana desde seu médio até seu baixo curso ao longo de sua planície fluvial, contribuindo bastante para o desmatamento e com a degradação destas áreas em decorrência do uso de maquinários, agrotóxicos e falta de manejo do solo. Nos anos de 2013 e 2014, os demais produtos agrícolas sofreram grande redução em sua produção ou então, em sua maioria, as áreas plantadas tiveram perda total das lavouras em decorrência do fenômeno das secas, que ocasionaram baixos índices pluviométricos e afetaram severamente esta porção semiárida no decorrer dos últimos três anos.

O comércio não é muito desenvolvido, um dos fatores que faz os santanenses continuarem recorrendo a Pau dos Ferros para resolver muitas coisas necessárias no cotidiano. Pau dos Ferros tem o porte de “cidade polo” da região e as cidades próximas recorrem para resolver questões relacionadas ao comércio, à saúde e à educação.

Enquanto Distrito, na administração de dr. Licurgo Nunes, foram construídos o galpão onde realizava-se a feira semanal e o prédio das Escolas Reunidas Francisco Dantas (que passou a ser Escola Estadual Francisco Dantas e atualmente Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes), também foi instalada a iluminação elétrica. Por muitos anos deixaram de realizar a feira semanal, esta foi retomada no município no ano 2017, realizada agora não mais no galpão, mas na rua, sendo a feira livre.

Na educação, mostrou-se com o passar dos anos uma evolução. São várias escolas na zona rural que garantem a escolaridade para seus habitantes pelo menos até o terceiro ano do Ensino Fundamental. Na sede do município há a Escola Municipal Jesus Menino, onde funciona a Educação Infantil, há a Escola Municipal João Bernardino de Lima, onde funciona do 1º ao 7º ano do Ensino Fundamental e a Escola Estadual Professora Maria Angelina

Gomes, onde funcionam as turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, IV e V Períodos da Educação de Jovens e Adultos – EJA e o Ensino Médio.

Em relação à cultura, o município realiza uma diversa quantidade de eventos todos os anos, entre os quais destacam-se a festa de emancipação política, realizada no dia 10 de maio, data de aniversário do município; o Arraiá de Rua, que ocorre entre 14 e 24 de junho com a apresentação de quadrilhas, danças, festivais, além de barracas de gastronomia e *shows* de bandas musicais, e realizada em conjunto com a festa de São João Batista, atrativo cultural-religioso realizado em homenagem ao padroeiro municipal, encerrando-se com a tradicional procissão pelas principais ruas da cidade.

Além da festa de São João Batista, outro importante atrativo é o Açude Caripina, barragem localizada no Sítio Paul, a 1,5 quilômetros da zona urbana, e que abastece a população do município. Também são realizados eventos no setor esportivo, como o Campeonato Municipal de Futebol de Campo e a Copa Chacal de Futsal. As principais atividades artesanais são o bordado, fios e fibras, entre outras.



FIGURA 07: Entrada do município de Riacho de Santana-RN. Foto: Roniedson Silva

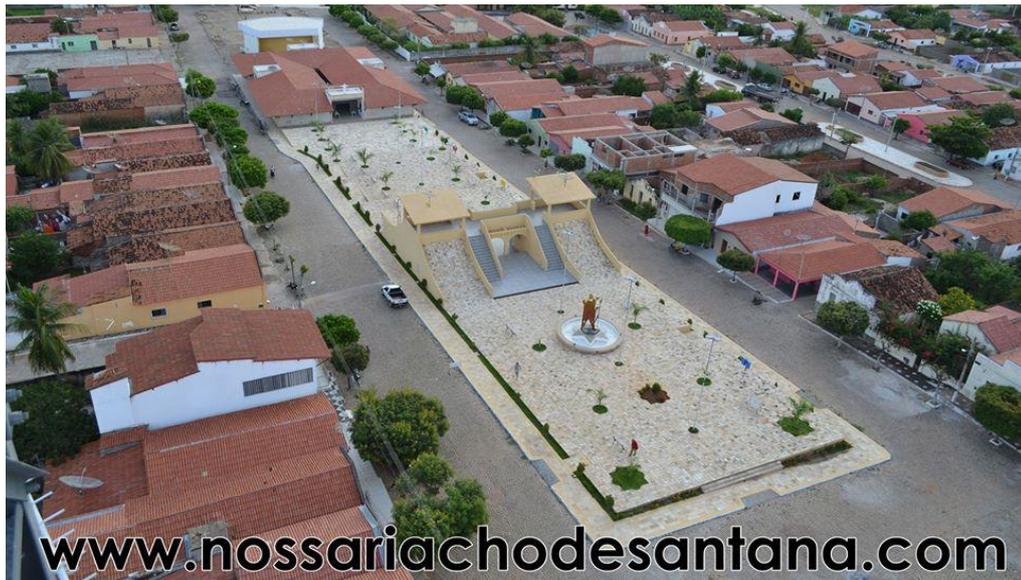


FIGURA 08: Imagem aérea do centro do município de Riacho de Santana-RN. Foto: Roniedson Silva

4.2.3 Os colaboradores da pesquisa: idosos, alunos, professores e líderes comunitários

4.2.3.1 Participação dos idosos

Os idosos que colaboraram com a pesquisa são moradores do município de Riacho de Santana, em sua maioria da zona rural, com idade entre 60 a 94 anos. Fizeram parte da formação de algumas comunidades rurais e também da sede do município e participaram das entrevistas realizadas pelos alunos da turma trabalhada. Grande parte destes idosos são parentes dos próprios alunos, avós, tios etc, que puderam contar fatos que marcaram suas vidas e da comunidade que vivem.

4.2.3.2 Participação dos alunos

Esta proposta foi aplicada no ano de 2019, para os 36 alunos do 9º ano, turma única, do turno matutino da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes – Ensino Fundamental e Médio de Riacho de Santana/RN, cuja faixa etária varia entre 13 e 17 anos, habitantes do município de Riacho de Santana/RN, na área rural e na área urbana deste município.

A diversidade é visível, nas condições sociais, comportamentos, estrutura familiar e objetivos a serem alcançados por cada um. Existe uma desmotivação e desatenção de alguns

alunos para participar das atividades sugeridas. O desinteresse é visível, pois temos que estar constantemente chamando a atenção para participar da aula.

Quanto à leitura, apresentam um déficit considerável, se mostram desinteressados pelas atividades propostas, mesmo que sejam as formas mais diversas. Quanto às produções escritas, também apresentam desinteresse e desestímulo bastante acentuado, principalmente quando são apresentadas temáticas distantes da sua realidade social e cultural, propostas em algumas atividades do livro didático.

Desta forma, se faz necessário que busquemos adequar algumas atividades do livro didático, tentando aproximar do contexto de nossos alunos, trazendo temas que despertem interesse deles e assim, possam contribuir, participando dessas atividades.

4.2.3.3 Colaboração de professores

A proposta da pesquisa foi apresentada à comunidade escolar e mais detalhadamente, ao corpo docente da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes ainda no ano de 2018. Esta proposta foi idealizada quando a professora Francisca Carlene da Silva, aluna do PROFLETRAS, turma III, apresentou o resultado de sua pesquisa na escola. Sua pesquisa trabalhou argumentação em memórias literárias produzidas pelos alunos do Ensino Fundamental sobre o município de Riacho de Santana, em que apresentou vários temas. Seu trabalho foi de suma importância para o município, deixando uma coletânea dessas memórias para conhecimento da história desse povo. Podíamos sentir a alegria e a emoção dos idosos que participaram do processo do seu trabalho. Isso nos fez querer ainda mais pesquisar sobre esse município. A partir daí já começamos a pensar uma nova proposta que pudesse trazer ao conhecimento de todos a origem deste município. E assim o fizemos. Outra grande parceira desta proposta foi a professora de geografia, Regineide Patrícia Elias de Souza. A professora já havia trabalhado na escola projetos da feira de ciências sobre o riacho Santana e, assim, conseguimos trabalhar na mesma turma, a temática do riacho, fazendo um trabalho interdisciplinar, contemplando assim aspectos físicos, humanos, cultural e social sobre o riacho Santana.

4.2.3.4 Colaboração de líderes comunitários

Contamos ainda com a parceria de Francisco Jerry Alan de Oliveira e Ivanilson Alfredo, geógrafos e estudiosos da cultura local que nos acompanharam desde o planejamento

da aula de campo, às atividades posteriores a esta. Os dois, foram alunos da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes, sempre se destacaram por participarem de atividades culturais da escola, fundadores do grêmio estudantil da época em que foram alunos. Formados em geografia pela UERN, *campus* de Pau dos Ferros, professores e estudiosos da cultura local tiveram participação em trabalhos voltados para a história do município.

4.3 Objeto de ensino e análise: os contos

Com a compreensão sobre o trabalho com gêneros textuais já desenvolvida neste trabalho, trazemos para foco de nosso estudo o gênero conto. São as produções textuais dos alunos com base nas memórias dos idosos reveladas nas entrevistas que constituem o *corpus* de nossa pesquisa e, por isso, a necessidade de conhecer o gênero conto de forma mais específica.

O conto tem origem numa época em que ainda não existia a linguagem escrita. Esta narração oral remonta as origens da sociedade como uma das primeiras manifestações culturais do homem. As histórias eram contadas oralmente ao redor de fogueiras e geralmente à noite, por isso o suspense e o fantástico caracterizou esse gênero. Hoje, sua prática, seja através da oralidade, da escrita, das imagens ou representações teatrais é fundamental para a representação das tradições dos diversos povos. De acordo com Silva [s.d]

De todas as formas de narrativas existentes, o conto é provavelmente a mais antiga, lugar que disputa somente com os cantares trovadorescos e os poemas épicos. O seu reduzido tamanho e capacidade de síntese tomaram-no no preferido da tradição oral, no tempo em que a função do prosador, a de encantar, era imediatamente posta à prova perante o seu público, e não recorria a estatísticas comerciais para que o seu valor fosse reconhecido. Tratava geralmente de questões pontuais, de ordem moral ou social, e era contado em redor das fogueiras, para olhos ansiosos, olhos das crianças de todas as idades; o centro da atenção convergia lentamente do fogo para o novo sol em intensificação, e, quando menos se esperava, havia palavras a esvoaçar entre os corpos imóveis, de respiração sustida, palavras unidas por laços, que se enrolavam em torno dos ouvintes, e a eles também uniam. Depois, apareceu a folha de tecido seco, os líquidos pigmentadores, os paus com bico de aparo, os pictogramas idecontextuais, e as regras de composição; os instrumentos estavam preparados, era só atribuir um nome ao novo jogo: escrita.

Com o advento da escrita, as histórias antes, contadas oralmente e guardadas na memória, passam a ser conservadas na íntegra e a captação por meio da leitura, passa a ser individual. Bosi (2001) atenta para o fato de que mesmo no texto escrito os contos preservam

o pacto com a oralidade, pois, ainda hoje, as pessoas se reúnem para contar histórias. Para Bosi (2001, p. 80) “o encontro casual gera necessidade gregária do falar e ouvir histórias, revisitando aspectos chaves da literatura e parte de sua função: o ócio e o prazer. [...] encanto que persiste até nossos dias”.

Essas mudanças ocorridas com a revolução da imprensa veio modificar o gênero e fixar suas características básicas. Edgar Allan Poe foi o primeiro teórico do gênero conto a propor suas particularidades e a diferencia-lo do romance. Para ele, o diferencial no conto seria a intensidade do acontecimento e a sua brevidade. Pensando no efeito que o conto causaria no leitor, Poe criou regras para a estrutura própria do gênero a partir da unidade de efeito ou impressão. Assim definiu Allan Poe (1842)

Um escritor hábil construiu um conto. Se sábio, ele não teria formado seus pensamentos para acomodar seus incidentes; mas tendo concebido com cuidado deliberado um certo efeito único ou singular para manifesta-lo, ele então inventa incidentes tais e combinará eventos tais que melhor o ajudem a estabelecer esse efeito preconcebido. Se sua primeira sentença não atender a exposição desse efeito, ele já falhou no primeiro passo. Na composição toda, não deve está escrita nenhuma palavra cuja tendência, direta ou indireta, não se ponha em função de um desígnio preestabelecido (POE, 1842, p.570).²

Assim, Poe (1842) propõe a unidade de efeito como elemento para prender o leitor; tudo deve ser pensado e planejado para que se alcance esse objetivo. O autor também destaca a importância da primeira impressão que o conto causará em quem o ler, e indica que a primeira pergunta que se deve fazer ao se pensar em escrevê-lo é “que efeito eu pretendo causar?”. Partindo desta pergunta, o relato deve acontecer de forma breve, mas de maneira impactante, capaz de causar um efeito único e determinante, característica que se tornaria posteriormente a primeira forma moderna do conto conhecido como o conto de efeito ou de impressão.

Embora compartilhando com as ideias de Poe, Anton Tchekhov (1966) propõe novas características para o gênero, como a clareza, objetividade e a compactação. Tchekhov não chegou a desenvolver uma teoria do conto, como fez Poe, mas, em seus estudos sobre alguns

² A skilful literary artist has constructed a tale. If wise, he has not fashioned his thoughts to accommodate his incidents; but having conceived, with deliberate care, a certain unique or single effect to be wrought out, he then invents such incidents- he then combines such events as may best aid him in establishing this preconceived effect. If his very initial sentence tend not to the outbringing of this effect, then he has failed in his first step. In the whole composition there should be no word written, of which the tendency, direct or indirect, is not to the one pre-established design.

escritores e obras, contribuiu para reflexões sobre a prática de escrever e de ler contos, e propôs novas estruturas narrativas para o gênero.

Júlio Cortázar (2006) também deixou grandes contribuições para a definição do estilo moderno do conto. Procurando descobrir e entender as estruturas de funcionamento da história curta, Cortázar expõe a esferidade, a intensidade e a tensão como características fundamentais de um bom conto. Assim resume “[...] a eficácia de um conto depende de sua intensidade como acontecimento puro, isto é, que todo comentário ao acontecimento em si [...] deve ser radicalmente suprimido” (CORTÁZAR, 2006, p. 124), ou seja, o que importa é a descrição objetiva do acontecimento, sem alongamentos ou elucidações.

Um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases. Não se entenda isto demasiadamente literalmente, porque, o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer poucos eficazes quando, na realidade, estão minando já as resistências mais sólidas do adversário. O contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente, seja para cima ou para baixo do espaço literário (CORTÁZAR, 2006, p. 152).

O autor usa metáforas para se referir ao método da escrita, fazendo uma comparação do contista com o boxeador para destacar sua eficácia com as formas expressiva e temática. Para Cortázar o conto é um gênero de difícil definição, e por isso, costuma-se compara-lo com o romance, gênero mais popular. O romance, dada a complexidade da ação, caracteriza-se pelo desenvolvimento dos elementos parciais e acumulativos, sem limites de tempo ou espaço, estendendo-se em muitas situações impressionantes, buscando atingir seus fins no leitor. Já o conto, por característica própria, é breve e condensado dado o seu limite físico, com tempo e espaço reduzidos, mas trabalhados em profundidade, apoiando-se numa única situação ou momento significativo, capaz de atuar e segurar a atenção do leitor pela sua intensidade e significado.

Observa-se que o romance vai conquistando a atenção daquele que o lê aos poucos, nas suas longas descrições, no aprofundamento das personagens, do tempo e do espaço onde se passa a história. Enquanto no conto não há tempo, nem espaço para isso, a descrição vai se deter na situação ou no evento principal. Ao discutir essas diferenças entre conto e romance, Cortázar (2006) o faz de maneira a comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, conforme aponta

Enquanto no cinema, como no romance, a captação dessa realidade mais ampla e multiforme é alcançada mediante o desenvolvimento de elementos parciais, acumulativos, que não excluem, por certo, uma síntese que dê o “clímax” da obra, numa fotografia ou num conto de grande qualidade se procede inversamente, isto é, o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 2006, p. 151-152).

Na definição de Cortázar, no romance, bem como acontece no cinema, há uma sequência aberta, que permite o conhecimento e o acompanhamento do relato, ou seja, é a descrição acumulativa e a exposição de múltiplos elementos que constituem a obra. Por sua vez, no conto, assim como na fotografia, há a necessidade do recorte de um único fragmento da realidade, quer dizer, a escolha de um único momento, que seja significativo e decisivo e, mesmo limitado, que consiga abarcar toda a essência da situação descrita.

Assim, fica evidente que a elaboração de um conto exige um grande trabalho artístico, pois sua escrita requer uma seleção e arranjo dos materiais narrativos, que busca um texto sintético, objetivo e claro. Daí, a genialidade do contista em condensar e potenciar no espaço narrativo todas as possibilidades da ficção literária, como afirma Bosi (1976)

O contista é um pescador de momentos singulares, cheios de significações. Inventar de novo, descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: O contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção. Esta, acicatada pelo demônio da visão, não cessa de perscrutar situações narráveis na massa aparentemente amorfa do real (BOSI, 1976, p. 9).

A significação do tema escolhido pelo contista é uma outra característica de extrema relevância. Cortázar (2006) destaca que a esta escolha reside, principalmente, de fatos cotidianos ou corriqueiros que irá envolver e seduzir o leitor e enfatiza a importância de um bom tema,

[...] um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência (CORTÁZAR, 2006, p. 154).

Para ele não há temas absolutamente significativos ou absolutamente insignificantes, “o que há é uma aliança misteriosa e complexas entre certo escritor e certo tema num momento dado, assim como a mesma aliança poderá logo entre certos contos e certos leitores” (CORTÁZAR, 2006, p. 155).

No Brasil, o conto surge, como narrativa escrita, através da imprensa, em meados do século XIX. De acordo com Antônio Cândido (1987, p. 210) “o conto representa o melhor da ficção brasileira mais recente, pois alguns contistas têm se destacado pela maneira como penetram no real, usando técnicas renovadoras devidas quer a invenção, quer a transformação das antigas”.

As primeiras formas do gênero, tais como narrativa curta, único enredo e efeito singular, são determinadas pela imprensa periódica e, então, passa a competir com a notícia de jornal e com caráter informativo. Há, nesse sentido, uma relação entre as duas atividades – jornalismo e literatura – não só em termos estilísticos, mas em relação ao público, ao leitor implícito e à circulação social.

Fábio Lucas, em *O conto no Brasil Moderno* (1983), afirma que a história do conto brasileiro antecede o período do Modernismo, e tem como precursores grandes nomes, como: Araripe Júnior, Álvares de Azevedo, Machado de Assis e Mário de Andrade. Álvares de Azevedo com a obra *A noite na taverna* (1855), inaugura sua prosa romântica, marcada pela unidade de personagens e temas como a paixão carnal e o prazer ligados à morte, e um contexto de alucinação, descrita com grande fluência e expressividade. Com Machado de Assis, o gênero ganhou força e um novo rumo. Com uma oralidade discreta e confidencial e sua fluência na dicção, o autor tenta aproximar autor e leitor numa relação de sentido entre narrativa e leitura.

A partir do século XX, o conto insere-se numa nova dinâmica, assumindo novas formas e particularidades, ganhando espaço e vigor na contista brasileira

[...] no século XX, manifesta-se um novo fazer literário de caráter substancialmente introspectivo, trazendo consigo a utilização de técnicas narrativas inovadoras, como o fluxo da consciência. Adotando conceitos inteiramente antiaristotélicos, esta instigante produção literária rompe com os paradigmas da narrativa tradicional, o que resulta em profundas transformações de ordem estática, estilística e linguística (NOBRE, 2012, p. 51).

A ruptura com a linguagem tradicional, a renovação dos meios de expressão, a narrativa mais objetiva e a comunicação mais breve viriam apontar novas tendências para o

gênero. Mário de Andrade é um dos que se destacam por assimilar essas novas formas em suas obras.

No que se refere aos temas, estilos e problemáticas, a partir da segunda metade do século XX, a produção de contos no Brasil foi expressiva, formando um grande grupo de contistas de alta qualidade, dos quais se destacam: Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Marques Rabelo, Clarice Lispector, Murilo Rubião, Lígia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e Adélia Prado. Cada um desses autores, com estilos e temas diferentes conseguiram expressar as linhas de força que dinamizam o conto contemporâneo, a visão fragmentada deste século e a perda total de identidade e de sentido pós-moderno. Os personagens descritos como solitários, estagnados e fragmentados dessa nova narrativa são consideradas como intérpretes do grande drama da representação da vida humana. A posição do narrador moderno é a de quem se adequa às novas características do sujeito contemporâneo, compartilhando com esse drama existencial que marca a sociedade atual.

Verifica-se, no texto moderno brasileiro, uma revolução do conto, revelada na organização dos motivos livres, nos índices, nos filosofemas, nos dizeres poéticos, com que a prosa se despede do corte realista da tradição, abandonando a documentação do referencial para ater-se ao realismo do discurso (LUCAS, 1983, p. 152).

Contudo, constata-se que o conto, mesmo sendo um dos gêneros mais antigos, consegue transpor-se no real usando suas técnicas renovadoras da narrativa. “Os discursos fragmentados, as técnicas de montagem inspiradas no cinema, a visão surreal, a intromissão do grotesco como fator de crítica ao poder, a tendência ao estilo coloquial” (LUCAS, 1983, p. 155).

4.4 Intervenção

A pesquisa foi pensada a partir de uma problemática vivenciada em sala de aula, especificamente na disciplina de Língua Portuguesa, configurada na resistência à produção textual.

A proposta de intervenção foi aplicada para os 36 alunos do 9º ano, turma única, do turno matutino da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes – Ensino Fundamental e Médio de Riacho de Santana/RN, no ano de 2019 cuja faixa etária está entre 13 e 17 anos.

Objetivos da proposta de intervenção

Geral:

- Intervir no Ensino Fundamental com uma proposta de ensino de Língua Portuguesa com ênfase na produção textual (argumentação), articulando esta às memórias de idosos acerca do riacho Santana que deu origem ao município de Riacho de Santana-RN;

Objetivos específicos:

- Refletir sobre a história do lugar onde os alunos vivem a partir do olhar dos antigos moradores;
- Conhecer histórias guardadas na memória dos antigos moradores de Riacho de Santana;
- Sensibilizar os alunos para a importância do universo da narração oral;
- Desenvolver a sensibilidade estética, a imaginação, a criatividade e o senso crítico do gênero textual conto;
- Refletir sobre a importância do registro da história de Riacho de Santana para preservação e formação da identidade da comunidade local;

4.4.1 As oficinas

Pensando em um modo de criar condições para que os alunos se apropriassem das características discursivas e linguísticas do gênero contos em uma situação real ou próxima do real de comunicação é que decidimos realizar o ensino por meio de temas geradores desenvolvidos em oficinas.

Oficina é uma forma de construir conhecimento com ênfase na ação, mas sem perder de vista a base teórica. É um tempo e um espaço para aprendizagem, um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto. As oficinas, como qualquer ação pedagógica pressupõem planejamento. O planejamento prévio caracteriza-se por ser flexível, ajustando-se às situações-problema apresentadas pelos participantes a partir de seus contextos reais de trabalho.

Nestas oficinas, apresentamos um conjunto de atividades sobre o gênero textual conto, ligadas entre si, com a finalidade de ensinar uma prática social de referência.

O quadro abaixo constitui-se de uma resumo onde apresentamos as oficinas desenvolvidas na proposta de intervenção.

QUADRO 04 – Oficinas

OFICINA	TÍTULO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
Primeira Oficina	Apresentação da situação	<ul style="list-style-type: none"> . Apresentação do PROFLETRAS . Apresentação da temática do projeto com os objetivos . Apresentação da proposta de intervenção e seus objetivos . Aplicação de questionário sobre leitura, produção textual escrita e sobre o gênero conto . Estudo do conto: Felicidade Clandestina de Clarice Lispector
Segunda Oficina	O gênero conto e a primeira produção	<ul style="list-style-type: none"> . Divisão da turma em grupos para definirem o gênero conto . Estudo da estrutura composicional do gênero Conto . Primeira produção de conto pelos alunos
Terceira Oficina	Estudo de contos	<ul style="list-style-type: none"> . Estudo dos contos: Chapeuzinho Vermelho, Festa no céu e o O Porão . Análise dos contos produzidos pelos alunos
Quarta Oficina	O riacho Santana	<ul style="list-style-type: none"> . Exposição de projetos da Feira de Ciências realizados sobre o riacho Santana
Aula de Campo	Conhecendo o percurso do riacho Santana	<ul style="list-style-type: none"> . Realização de aula de campo para conhecer o percurso realizado pelo

		riacho Santana no município de Riacho de Santana
Quinta Oficina	Elaboração e realização das entrevistas	. Elaboração das entrevistas a serem feitas pelos alunos com os idosos dos diversos setores do município de Riacho de Santana . Realização das entrevistas
Sexta Oficina	Socialização das entrevistas e produção dos contos	. Socialização feita pelos alunos das entrevistas realizadas com os idosos dos diversos setores do município de Riacho de Santana . Produção dos contos pelos alunos tendo como base as entrevistas realizadas
Sétima Oficina	Trabalhando reescrita	. Estudo sobre reescrita . Reescrita dos contos pelos alunos

Primeira Oficina - Apresentação da situação

A primeira oficina teve como ponto de partida a apresentação da situação e é considerada uma etapa essencial para o sucesso do trabalho. É nesse momento que foi apresentado aos alunos o Profletras (Mestrado Profissional de Letras), a temática do projeto com os objetivos a serem alcançados e a proposta da atividade de intervenção e seus objetivos.

Após esta apresentação, a primeira parte que foi desenvolvida foi horizonte de expectativas dos alunos, para tomar conhecimento da realidade sociocultural dos educandos, analisando os interesses e o nível de leitura e produção textual escrita. Por meio desse diagnóstico a partir da aplicação de um questionário foi possível perceber o conhecimento que os estudantes têm sobre o gênero conto, seus níveis de leitura: decodificação, associação, análise e interpretação. Também foi possível fazer um diagnóstico da recepção do gênero que foi estudado.

Questionário aplicado aos alunos:

- 1) Que tipos de textos você já leu? Fale sobre aqueles que mais lhe chamaram a atenção.
- 2) Você tem dificuldades para ler e entender algum texto? Por quê?
- 3) Nas leituras realizadas por você, existiu alguma que considerou muito interessante? Qual? Por quê?
- 4) O que mais chama a sua atenção ao ler um texto, o tamanho, o assunto do mesmo ou a forma como foi escrito?
- 5) Quando você se depara com um texto mais longo ou considerado difícil de entender, você desiste da leitura, pula partes ou insiste na mesma?
- 6) As leituras realizadas por você são apenas aquelas propostas na escola ou por iniciativa própria você faz outras leituras em casa, por exemplo?
- 7) Quais as suas expectativas prévias antes de realizar uma leitura, ou seja, o que você espera no final de uma leitura?
- 8) O que você sabe sobre o gênero conto?
- 9) Quais contos você se lembra de ter lido? Quais os assuntos abordados nesses contos que mais chama a sua atenção?

Após a realização deste questionário, analisado o horizonte de expectativas dos alunos sobre leitura, produção textual escrita e sobre o gênero conto foi possível fazermos algumas considerações acerca das respostas e comentários dos alunos. Primeiro, é visível que nossos alunos leem os mais diversos gêneros textuais. Porém, o que mais foi citado foram leituras mais específicas do uso do celular. Assim, destacaram as redes sociais como principal veículo de leitura. Em se tratando da leitura de clássicos da literatura, poucos alunos declararam ter lido ou mesmo conhecer das obras de renome da literatura, mesmo tendo acesso à biblioteca da escola que dispõe de um bom acervo literário.

Em sua grande maioria, declararam dificuldades em entender textos e conseqüentemente em produzir textos escritos. Essas dificuldades se dão no âmbito da interpretação, coerência e nos aspectos gramaticais, quanto à grafia e pontuação. Sobre o gênero conto, poucos escreveram no questionário, porém na discussão oral, à medida que citávamos os variados tipos de contos, eles se lembravam de muitos que fizeram parte da infância deles, tais como: chapeuzinho vermelho, branca de neve e os sete anões, cinderela, a bela e a fera dentre outros.

Após essa discussão foi o momento de oportunizar aos alunos o contato com os principais contistas. Após citarmos vários contistas, escolhemos a autora Clarice Lispector para estudo.

Usamos uma imagem da autora em slides para saber se os alunos a conheciam. Apenas duas alunas conseguiram reconhecer pela foto a autora, mas quando começamos a citar textos, alguns revelaram já terem ouvido ou lido algo da mesma. Assim, apresentamos a biografia de Clarice Lispector. No momento seguinte mostramos o livro “Felicidade Clandestina” e fizemos a entrega do conto “Felicidade Clandestina”, da autora estudada.

Após leitura individual e exibição do vídeo com a audição do conto pedimos aos alunos que respondesse por escrito questões sobre o conto que serviria para discussão na sequência.

Produzindo sentidos

1) As desigualdades sociais impedem o acesso a vários bens materiais e culturais. Em sua opinião quais são os setores mais prejudicados quando as pessoas não têm dinheiro?

2) Ler ajuda a desenvolver a escrita e a oralidade. É possível afirmar que quem lê tem mais facilidade para argumentar?

3) No texto é apresentado alguns conceitos e valores culturais e sociais transmitidos pelas personagens. Qual a influência que esses valores têm na vida das pessoas hoje?

4) No conto apresentado, a felicidade da garota era ter um livro nas mãos e lê-lo. Nos dias atuais com tanta tecnologia, os livros ainda despertam o interesse das crianças? Explique.

5) Em sua opinião a garota dona do livro agiu daquela forma por qual razão?

6) Explique a atitude da mãe da garota proprietária do livro. Por que ela tomou aquela atitude?

7) No conto a garota rica tinha livros enquanto que os outros colegas não. Você acredita que quanto mais poder aquisitivo a pessoa tem mais leitura ela faz ou será que quando se quer ler é possível arrumar outras formas de ter livros? Argumente.

8) Você já leu o livro citado no conto? Sabe sobre o que o mesmo fala?

9) Faça uma análise da seguinte frase retirada do texto: —Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.

10) Felicidade para a personagem era ler um livro e hoje o que traz felicidade para a maioria das pessoas?

Segunda Oficina – O gênero Conto e a primeira produção

Após o primeiro contato nesta atividade com o gênero em estudo, dividimos a sala em grupos e, com base no conto lido, pedimos para que eles no grupo chegassem a uma definição de conto. Em seguida, discutimos coletivamente as hipóteses da turma para chegar a uma definição coletiva sobre este gênero.

Assim os alunos chegaram a uma definição coletiva sobre conto. Para eles “conto é uma narrativa curta, com uma linguagem simples e direta, com poucos personagens e apresenta somente uma trama”. Após esta conceituação por eles, passamos ao estudo da estrutura do conto, com suas características e definições. Em seguida, encaminhamos a primeira produção de contos a ser realizadas pelos alunos. Para esta primeira produção foi sugerida que a temática seria de escolha dos alunos, assim vários temas foram trabalhados: adolescência, bullying, meio ambiente, depressão, preconceito etc.

Terceira Oficina – Estudo de contos

Após análise dos contos produzidos pelos alunos, levamos mais três contos para sala: Chapeuzinho Vermelho, Festa no céu e O porão. Após elencarmos os pontos para análise, os alunos observaram conto por conto, fazendo o estudo dos mesmos. Com este trabalho podemos perceber que os alunos começaram a conhecer o que é um conto. Assim, devolvemos os contos produzidos por eles, pedindo para que os mesmos fizessem também a análise dos próprios contos. Foi uma atividade interessante, pois os alunos já olharam os próprios textos de maneira diferente. Propomos então a leitura de um dos contos produzido por um dos alunos. Podemos assim, junto com os alunos fazer essa análise, momento de interação e muita aprendizagem. Os alunos demonstraram interesse ao ouvir o conto do colega, e fizeram comentários sobre o conto.



FIGURA 09: Realização de Oficinas na atividade interventiva. Foto: Audaclécia Jácome

Quarta Oficina: o riacho Santana

Na quarta oficina, situamos a cerca da temática a ser trabalhada neste projeto: memórias do riacho Santana que deu origem ao nome da cidade de Riacho de Santana.

Para tanto, fizemos uma exposição sobre o riacho Santana, apresentando projetos já trabalhados na referida escola sobre o riacho (dois anos tema na feira de ciências), com o objetivo de despertar interesse e curiosidade a cerca da história do riacho.

É interessante notar a participação dos alunos, pois a maioria vive na zona rural do município e ao situarmos sobre o percurso do riacho, todos iam se encontrando e percebendo que este percurso faz parte do dia a dia deles. Uns moram próximos ao riacho, outros fazem este percurso diariamente e nunca atentaram muito sobre a situação do riacho, somente nos períodos de chuvas, que os atingem diretamente, pois modifica o caminho que percorrem até a escola.

Apresentamos assim a proposta da aula de campo em que levaríamos nossos alunos a fazerem o percurso do riacho no nosso município. Este contato direto com o espaço físico do riacho e também com as pessoas que habitam próximas deste leito, proporcionou aos alunos uma riqueza enorme de informações, imagens vivas do riacho, que despertou curiosidades a

cerca do mesmo e sua relevância para a origem do município, abrindo um leque de possibilidades, imaginação e criatividade para a produção dos contos.

A aula de campo – Conhecendo o percurso do riacho Santana

Antecedendo a aula de campo, fizemos o planejamento (professora pesquisadora, professoras Francisca Carlene da Silva e Regineide Patrícia Elias de Souza e dois convidados, Francisco Jerri Alan de Oliveira e Ivanilson Alfredo, geógrafos e estudiosos da cultura local), considerando o conhecimento prévio de todo este percurso para melhor encaminhamento da atividade junto aos alunos. Após este planejamento, fizemos os trâmites necessários junto à escola e aos pais dos alunos, para então realizar esta atividade com a turma.

A aula de campo foi realizada no dia 20 de março do ano de 2019, contando com a participação de 33 alunos da turma, a professora pesquisadora, duas professoras da escola campo de pesquisa e os dois convidados já citados acima.

A primeira comunidade a visitar foi a Catingueira, início do percurso do riacho no município de Riacho de Santana, sítio que faz fronteira com o município de Luís Gomes, cidade da nascente do riacho Santana. Neste espaço os alunos puderam observar que não havia água no leito do riacho. Tivemos exposição dos geógrafos Ivanilson e Jerri sobre a paisagem em si, explorando o tipo de solo, vegetação, o desmatamento próximo às margens do riacho e o assoreamento visível, bem como um pouco da história daquela comunidade. Alguns alunos que moram naquela comunidade colocaram algumas mudanças que acompanharam naquele espaço, como construção de casas, desmatamento para campo de futebol, bem próximos ao leito do riacho.

Num segundo momento, visitamos uma barragem na comunidade de Quintas, que não tinha água. Observamos que a construção daquela barragem tem como objetivo represar água, diminuindo assim a água que deveria seguir seu curso natural. Próximo à barragem, havia muitas plantações de feijão e capim, principalmente. Na Caiçara, algumas cacimbas, ainda com água, porém a interferência do homem muito presente nesse local. Construção de cercas, criação de gado, poucas árvores nativas próximas ao riacho, inclusive homens com máquinas pulverizando algumas plantações.

Algumas barragens submersas foram construídas no percurso do riacho e em locais de difícil acesso as comunidades. Bem próximo à cidade, no sítio Paul, observamos a passagem molhada construída, inclusive, no momento da visita estava sendo reformada. Houve, também, exposição geográfica do local. Observamos ainda, o percurso do riacho na zona

urbana. Na sede do município, observamos por onde o riacho passa e também as condições que se encontra, sem água.

Dando continuidade visitamos ainda a comunidade Lagoa de Pedra, onde passamos também por passagem molhada no local onde o riacho apresenta maior profundidade. Construção de pequenos açudes, como no Pau D'arco e o principal, o açude Santana, conhecido também pelo açude da Gangorra, comunidade que já pertence a Rafael Fernandes. O açude está praticamente seco, com plantação em todo seu leito, cerca e criação de gado.

Nesta aula, os alunos puderam observar todo o percurso do riacho neste município, bem como conhecer as comunidades que em sua maioria se formaram às margens deste. Puderam contemplar uma vegetação renovada pelas últimas chuvas, que por mais que tenham sido em menor escala, insuficiente para “fazer água”, mas que já faz uma diferença enorme na vegetação. Ouviram alguns moradores, em alguns momentos da aula, e já puderam fazer anotações a cerca da vida desses moradores e suas comunidades tais como: como era o riacho há alguns anos atrás, quais as maiores transformações que o riacho sofreu nos últimos anos e como era a vida desses moradores na formação dessas comunidades e hoje.

Assim, esta atividade enriqueceu nossa proposta de intervenção, pois os alunos puderam vivenciar um momento de muita aprendizagem e conhecimento do lugar que hoje se chama Riacho de Santana, conhecimento da história do município e por que não dizer da própria história.



FIGURA 10: Aula de campo. Sítio Catingueira. Foto: Audaclécia Jácome



FIGURA 11: Aula de campo. Sítio Quintas. Foto: Audaclécia Jácome



FIGURA 12: Aula de campo. Passagem Molhada. Sítio Santo Antônio. Foto: Audaclécia Jácome

Quinta Oficina: Elaboração e realização das entrevistas

Dando continuidade, nas aulas seguintes após a aula de campo, fizemos uma discussão de todo o percurso realizado, tirando dúvidas e anotando as maiores curiosidade dos alunos. Este momento serviu para elaborarmos as entrevistas semiestruturadas pois mais uma vez os alunos foram à campo, desta vez, em grupos divididos por setores da comunidade. Em grupos entrevistaram os idosos dos diversos setores do município.

Como sugestão de atividade, a elaboração de entrevistas com pessoas idosas de 60 a 94 anos, dos diversos setores da comunidade rural e urbana, principalmente nas proximidades do riacho, sobre a história do surgimento de Riacho de Santana.

Juntamente com os alunos, elaboramos essas entrevistas com foco na curiosidade destes acerca da história da cidade e a relação desta com o riacho Santana que atravessa o município. Nestas entrevistas os idosos contaram acontecimentos que foram vistos e que ocorreram no riacho Santana e falaram de como era o riacho quando a cidade foi criada. A partir destas histórias, acontecimentos, os alunos produziram contos baseados nas memórias reveladas pelos idosos.

Sexta oficina: Socialização das entrevistas e a produção dos contos sobre a temática trabalhada

De volta a sala de aula, com as informações coletadas através das entrevistas com os idosos foi o momento de darmos início às produções dos alunos. Cada grupo apresentou uma entrevista feita. Os alunos compartilharam a experiência vivenciada por estes nas entrevistas e muitas histórias parecidas.

Logo após, encaminhamos os alunos para a produção sobre a temática trabalhada demonstrando, assim, o que já dominam e o que ainda precisam aprender sobre o gênero em estudo. Esta produção serviu como diagnóstico e apresentou subsídios para a intervenção e estratégias de trabalho que foram desenvolvidas nas aulas seguintes.



FIGURA 13: Realização de Oficinas na atividade interventiva. Apresentação das Entrevistas. Foto: Audaclécia Jácome

Sétima oficina: Trabalhando reescrita

Nesta oficina, foram trabalhados os problemas apresentados na produção inicial, com atividades que exploraram a estrutura composicional (análise da organização interna do gênero), conteúdo temático (o que se diz no texto), estilo (análise das marcas linguístico-enunciativas) e função social do texto.

Foi o momento de reescrita dos contos, caracterizando assim a produção final, última etapa da atividade de intervenção e a oportunidade dos alunos colocarem em prática o que aprenderam nas aulas. Os textos produzidos são devolvidos para serem feitas as devidas adequações. Nessa etapa, realizamos mais uma avaliação diagnóstica, observando quais conteúdos ainda precisavam ser retomados para que os alunos revisassem e reescrevessem seus textos.

No trabalho de reescrita os alunos apresentaram resistência, pois consideraram uma atividade chata, desestimulante. Com o intuito de motivá-los trabalhamos o caderno da Olimpíada de Língua Portuguesa, mostrando a importância da reescrita. Após muita conversa, os alunos levaram seus textos para casa para realizarem essa atividade.

Ao término das oficinas, percebemos a dificuldade que todos apresentam na produção dos contos, mas ficou visível a satisfação dos mesmos por trabalharem uma temática que gerou interesse pelo conhecimento da história do lugar onde vivem.

Para finalizar o processo, iremos reproduzir os contos e colocar em circulação na escola e comunidade.

4.5 A constituição do *corpus* e o objeto de análise decorrente da proposta de intervenção

Nosso *corpus* é constituído das produções textuais (contos) dos alunos que tem como matéria-prima as memórias, que, no caso desta proposta de intervenção, serão desencadeadas através de entrevistas dos alunos a idosos entre 60 e 94 anos de idade, residentes no município Riacho de Santana, provenientes dos diversos setores de comunidades rural e urbana, principalmente nas proximidades do riacho, sobre as histórias que constituíram a formação dessas comunidades e a relação destas com o riacho Santana.

Todos os alunos do nono ano participaram do processo proporcionado pelas oficinas, conheceram o gênero conto, realizaram estudos sobre o gênero em questão. A grande maioria (34 no total) participaram da aula de campo para conhecer o percurso que o riacho faz no município, fizeram as entrevistas com pessoas idosas da comunidade da zona rural e também da zona urbana e produziram contos. Sendo assim, tivemos um total de 34 textos.

QUADRO 05: Contos produzidos pelos alunos

Nº	CONTOS
01	As lembranças de Geraldo e irmãos
02	A canoa do meu avô
03	A enchente
04	A grande seca de 70
05	A história de Dona Francisca
06	A oiticica valiosa
07	A Pesca
08	A seca de 93
09	A vida de antigamente
10	Cobrador usa intermediação como estratégia
11	Como era minha vida a 65 anos atrás

12	Como era minha vida a 70 anos atrás
13	De velhos tempos
14	Eu quando era mocinha
15	Há muito tempo
16	História de seu Zé Fernandes
17	Meu nordeste
18	Meu tempo quando criança
19	Minha fonte de vida
20	Minha vida de Antigamente
21	Minha vida a 65 anos Atrás
22	O alagamento destruidor
23	O Amor pelo meu lugar
24	O período da Seca
25	O riacho Santana
26	O sertão precisa de vocês
27	O que aconteceu na grande enchente
28	O filho preferido
29	Relatos do meu sertão
30	Sacrifício como prova de amor
31	Trago na memória
32	Um ano marcante
33	Uma história de vida
34	Vida no Rio

Das 34 produções, selecionamos 08 textos, adotando os seguintes critérios: as produções que contemplassem a estrutura composicional do gênero conto e a temática do riacho Santana.

Apresentamos no quadro abaixo os 08 textos produzidos pelos alunos e selecionado para análise, organizados na ordem de análise.

QUADRO 06: Contos escolhidos para análise

Nº	CONTOS
01	A vida de antigamente

02	Há muito tempo
03	O que aconteceu na grande enchente
04	Sacrifício como prova de amor
05	Um ano marcante
06	O período da seca
07	De velhos tempos
08	A história de Dona Francisca

5 ANÁLISE DE ASPECTOS DOS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS EM CONTOS SOBRE O RIACHO SANTANA

Neste capítulo, nos detemos a analisar os textos produzidos pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes – Ensino Fundamental e Médio, Riacho de Santana/RN, turma na qual aplicamos a proposta de intervenção. A partir dos objetivos traçados, propomo-nos a analisar os textos que compõem o *corpus*.

Acreditamos que partindo do tema gerador “o riacho Santana que deu nome ao município de Riacho de Santana” desenvolvemos um trabalho na perspectiva de uma educação libertadora, trazendo uma discussão sobre uma temática local, a origem do município em que moramos, possibilitando aos alunos uma reflexão sobre sua própria história de vida, já que estão inseridos nesse contexto. Nesta perspectiva, motivados por Paulo Freire, pudemos colaborar para a construção de uma educação significativa capaz de transformar o meio em que estamos inseridos, partindo do conhecimento, da reflexão e da ação.

As análises se ancoram, teoricamente, nos estudos da Nova Retórica, por isso buscamos a presença da argumentação em textos escritos. Mais especificamente identificamos nos textos em questão processos argumentativos, buscamos identificar as teses, técnicas, valores, a hierarquia de valores e os lugares da argumentação.

Cabe aqui ressaltar que como as produções foram feitas a partir das lembranças dos idosos que resgataram sua história de vida que se funda a história do riacho Santana, percebemos a dificuldade dos alunos em produzir contos que trouxessem todas as características trabalhadas, no entanto, sempre identificamos parte delas.

Para realizarmos as análises apresentamos inicialmente os textos digitados tendo em vista que os originais por serem escaneados dificultou a leitura dos mesmos. Assim, nesta primeira parte apresentamos os textos digitados, descritos de forma fiel os originais, e os textos dos alunos escaneados virão na parte dos anexos. Abaixo dos textos fizemos as análises, transcrevendo os excertos que apresentam os processos argumentativos para melhor compreensão. Na sequência das análises, os quadros que apresentam os processos presentes em cada texto.

Conto 01

A Vida de antigamente

Meu nome é Maria, tenho 73 anos, sou de uma família simples e humilde. Minha vida antigamente posso dizer que não foi la uma das mais fáceis, como disse, não era daquelas famílias ricas, que tinha tudo o que queria, antigamente a vida era dura, tínhamos que lutar e trabalhar pelo alimento do dia, dependíamos da agricultura desde pequenos nossos pais já colocavam a gente para trabalhar e ajudar eles. Hoje em dia a agricultura diminuiu muito, dificilmente, mas ainda tem pessoas que trabalham na mesma.

Minha Cidadezinha foi se povoando aos poucos, quando cheguei em Riacho de Santana já habitavam algumas pessoas, mas tudo começou nas margens do Rio Santana. No começo não tinha igreja, era só algumas casas uma feirinha e um barracão, com o tempo o povo foi chegando e construindo as casas, alguns terrenos foram doados, inclusive o terreno da igreja de São João Batista que foi doado por Dona Bina. Havia muitas arvores e foram sendo derrubadas para fazer construções e a área também foi devastada a passagem natural e bela foi desaparecendo e foi se transformando aos poucos em paisagens construindo pela ação humana, era lindo onde os animais se alojavam em baixo e em cima das arvores, onde hoje infelizmente não há mais. A água era carregada no galão, o meio de transporte desse tempo era o cavalo, as pessoas quando vinham da zona rural, passavam onde hoje é chamado de passagem molhada, para da água dos animais.

Tivemos muitos momentos marcantes no ano do arroz, as enchentes grandes do rio carregavam todo o arroz e envadiam as casas, as colheitas de algodão que infelizmente o bicudo acabou com as plantações de algodão, que era uma fonte de renda para muitas famílias.

Assim o tempo foi passando e as ltransformações foram correndo, a população se habitando, construindo casas, igrejas, escolas, algumas pessoas passaram a ter outro meio de transporte e o modo de vida das pessoas mudaram e o mais preocupante é a água pois antes a gente tinha água em abundância e doce, hoje a água está pouca e salgada.

Ao analisarmos o conto “A vida de antigamente”, percebemos que a aluna/oradora apresenta conhecimento sobre o gênero conto, pois contempla as partes constituintes quando desenvolve a temática local trabalhada, a história de Riacho de Santana, utiliza uma linguagem clara, com traços de informalidade e a estrutura composicional: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, a aluna/oradora apresenta a personagem que fala um pouco da vida de antigamente. O desenvolvimento se dá com lembranças do passado fazendo comparações com o presente. O texto finaliza ainda com comparação do que tinha no passado no município de Riacho de Santana e como é hoje. A produção textual não apresenta um conflito a ser desenvolvido, conseqüentemente não há um desfecho.

A aluna/oradora defende a tese que o povoamento da cidade de Riacho de Santana se deu às margens do riacho Santana, onde as pessoas buscavam melhoria de vida, pois o riacho representa fartura nas colheitas, como podemos identificar no seguinte trecho: “*Minha cidadezinha foi se povoando aos poucos, quando cheguei em Riacho de Santana já habitava algumas pessoas, mas tudo começou nas margens do rio Santana*”. As primeiras famílias que aqui vieram foram em busca de melhoria de vida e como na história das grandes civilizações, rios, riachos representavam possibilidade de sobrevivência, assim foi se dando o povoamento às margens do riacho Santana, lugar onde se constituiu o município de Riacho de Santana.

Para dá sustentação a tese, a aluna/oradora aciona o argumento por comparação e ilustração. Ela utiliza a comparação em vários momentos do texto. Primeiro, quando a mesma retrata como era a vida antigamente e que dependiam da agricultura, atividade esta que diminuiu muito hoje em dia, como diz no trecho “*antigamente a vida era dura, tínhamos que lutar e trabalhar pelo alimento do dia, dependíamos da agricultura [...]. Hoje em dia a agricultura diminuiu bastante [...]*”. Em seguida compara a época no início de povoamento e depois quando a ação humana tornou-se mais evidente com construção de casas, derrubadas de árvores e assim, a paisagem natural foi dando lugar às paisagens construídas pelo homem. E por último, quando revela a preocupação com a água, pois antes a tinham em abundância e doce e hoje ela está pouca e salgada. A medida em que estas comparações são feitas, a ilustração é usada para enfatizar seu discurso, induzindo o auditório perceber as diferenças existentes entre as épocas as quais ela se refere.

A aluna/oradora recorre aos valores de pertencer a uma família simples e humilde que precisaria trabalhar para garantir o alimento, dependendo assim da agricultura, quando assim coloca: “*[...] como disse, não era daquelas famílias ricas, que tinha tudo o que queria, antigamente a vida era dura, tínhamos que lutar e trabalhar pelo alimento do dia, dependíamos da agricultura*”. O riacho Santana é acionado como valor concreto, dada a sua

importância para a formação de uma comunidade. Utiliza os valores Prejuízos causados por fatores climáticos e ambientais e, Perda do arroz e do algodão, quando assim coloca: [...] *as enchentes grandes do rio carregaram todo o arroz e invadiram as casas, as plantações de algodão [...]*". E ainda, os valores Preservação do riacho " *a gente tinha água em abundância e doce, hoje a água está pouca salgada*" e, por último identificamos os valores concretos de Paisagem natural que sobressai ao de Paisagem construída notados no trecho "[...] *a paisagem natural e bela foi desaparecendo e foi se transformando aos poucos em paisagens construída pela ação humana. Era lindo onde os animais se alojavam em baixo e em cima das árvores, onde hoje infelizmente não há mais*". Desse modo, o lugar de ordem mostra uma paisagem natural que foi dando lugar a uma paisagem construída.

Utiliza-se também dos lugares de essência, caracterizado pela essência da família simples e humilde que dependia da agricultura para sobreviver e do riacho Santana, dada à sua importância para as famílias e, do existente, caracterizado pelo trabalho ofertado pela agricultura, fruto das riquezas geradas pelo riacho Santana. Conseguimos identificar esses lugares no seguinte trecho: [...] *dependíamos da agricultura desde pequenos nossos pais já colocavam a gente para trabalhar e ajudar eles*". E também quando apresenta-se a importância dada a água do riacho Santana no trecho "[...] *e o mais importante é a água pois antes a gente tinha água em abundância e doce, hoje a água está pouca e salgada*".

O conto revela a memória da aluna/oradora, individual, constituindo a memória coletiva, pois parte da vida particular, porém retrata toda uma história social. O grupo de referência, no caso os moradores do município de Riacho de Santana, que acompanha todas as transformações ocorridas naquele lugar. Retrata também o modo de vida, de sobrevivência, os meios de transportes utilizados pela família, ilustrando um cenário coletivo. Esta memória classificada como memória de longo prazo, recupera as memórias por um tempo mais longo e, possui capacidade ilimitada. Desta maneira "A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo" (BOSI, 2003, p. 31).

QUADRO 07 – Processos Argumentativos no Conto 01

Conto	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
		Comparação	Riacho Santana	
A vida de antigamente	O povoamento do município de Riacho de Santana se deu às margens do riacho Santana.	Ilustração	Família	Essência
			Trabalho	Existente
			Paisagem natural	Ordem
			Paisagem construída	
			Prejuízos	
			Perda do arroz e do algodão	
			Preservação do riacho	

O quadro 05 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “A vida de antigamente”. O aluno/orador formula sua tese “*O povoamento do município de Riacho de Santana se deu às margens do riacho Santana*” levando em consideração que a população do município de Riacho de Santana teve início próximo ao riacho Santana que representava a possibilidade de uma vida melhor. Para defender sua tese foram mobilizados valores abstratos e concretos. O Riacho Santana assume o topo da hierarquia de valores, figurando lugar de essência, do existente e de ordem. Na defesa de sua tese o aluno/orador recorre as seguintes técnicas argumentativas: os argumentos quase-lógicos por comparação, e, os argumentos que fundamentam a estrutura do real por meio da ilustração.

Conto 02

Há muito tempo

É manhã de segunda, hoje deixo o lugar onde eu nasci para ir. Vou sentir falta de abrir a porta às 6 da manhã e ver meus amigos chamando para brincar no campo. Realmente vou sentir falta do cheiro da mata onde eu moro. Ainda sinto esse cheiro até hoje. Falta também vou sentir da lama dos pés mas olhando pelo lado bom, me mudarei para poucos quilômetros daqui. Vamos às margens do riacho Santana em busca de ter algumas facilidades, pois aqui meu pai não tem emprego, e estamos meio afastados das margens para obter uma boa colheita. Ajudo meus pais a colocar as coisas em nossa carroça e sigo o meu caminho ao lado dos meus entes queridos.

Resolvi olhar para trás. Que dor me veio ao coração pois meus amigos estão me olhando partir, eles estão chorando. Eu também começo a chorar é da carroça eu grito.

_ Tchau meus amigos logo logo venho os ver para fazer uns gols também.

_ Tchau Ermino. Que Deus abençoe vocês.

Acabo de chegar a nossa nova casa, quer dizer onde ela será feita após alguns dias de serviço ardo. Acordando cedo para fazer tijolo cavando buraco, fazendo lama, retirava, colocava em formas e queimava. Passava horas e horas mantendo o fogo aceso. Após alguns dias de serviços estava finalmente pronta, nossa vida andava de ventos em pouças. Um dia eu e meu pai estava trabalhando às margens do rio, coletando água para minha mãe fazer as tarefas, lavar louça a roupa, fazer comida pois as águas são tão limpas e doces que até parece água de chuva recém coletada. Enquanto eu puxava a água (da chuva) não percebi uma pedra solta é quando fui me apoiar aí. Nem deu tempo de gritar por meu pai quando percebi em um ato de desespero me segurei em um tronco de oiticica que as águas estavam a carregar. me segurei. Sabia que minha vida dependia daquilo. Só assim consegui gritar por socorro. meu pai correu pelas margens é quando estava chegando ele também caiu no riacho. Mas como ele é mais forte se segurou onde eu estava me virou de lado com o tronco eu segurei mais na frente meu Pai consegui sair.

_ esse lugar não é estranho. Pensei.

Ouvi uma voz dizendo...

_ vai fazer gol hoje?

Anos se passaram hoje estou com 72 anos, alguém me acordou a tarde. é um grupo de jovens querendo saber aquela época então falei

_ Eu era e sou até hoje preto, baixo, forte, por trabalhar tantos anos na roça.

_ E seu Pai como era? Me pergunta um deles.

_ Assim como eu só que mais auto e menos falador. Falar de meu Pai recorda-me minha mãe.

Uma mulher doce, carinhosa e gentil.

_ Como era a muito tempo? um deles me pergunta.

_ Meu filho o passado não pode ser falado tem que ser vivido.

Ao fazermos a leitura do conto “Há muito tempo”, percebemos que o aluno/orador apresenta conhecimento sobre o gênero conto, pois contempla as partes constituintes quando desenvolve a temática local trabalhada, o riacho Santana, e um conflito, utiliza uma linguagem clara, com traços de informalidade e a estrutura composicional: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, o aluno/orador apresenta o conflito que é deixar o lugar que mora para ir pra outro local, revelando do que sentirá falta e as razões de deixar o lugar que tanto gosta. No desenvolvimento, o autor/orador fala das dificuldades enfrentadas de adaptação no local pra onde se mudaram, narra ainda um episódio de um quase afogamento e o desfecho deste episódio. Na conclusão do conto o aluno/orador descreve características suas, de seu pai e de sua mãe e, ainda, fala da importância da memória na sua vida, reforçando a ideia de que o passado continua vivo na memória do mesmo e que este deve ser contado por quem o viveu, o que dá um desfecho fantástico ao conto.

Neste conto o aluno/orador defende a tese que a família irá se mudar para as margens do riacho Santana em busca de facilidades. Identificamos esta tese no seguinte trecho no texto: *“Me mudarei para poucos quilômetros daqui. Vamos as margens do riacho Santana em busca de ter algumas facilidades”*. A partir da afirmação *“[...] pois aqui meu pai não tem emprego e estamos meio afastados das margens para obter uma boa colheita”*, o aluno/orador utiliza em prol da sua tese o argumento de causa, que o ajuda a justificar a mudança de local de moradia. Nestes excertos o aluno/orador revela a importância de morar próximo ao riacho Santana que garantirá boa colheita e facilidade pra família, pois o pai não tem emprego no lugar onde estão morando e assim, a mudança se faz necessária.

O aluno recorre a valores para sustentar sua tese, dentre eles valores concretos e abstratos. Os valores abstratos são: amizade, apego ao local onde morava; sofrimento por ter que deixar os amigos; mostrados nos seguintes trechos: *“hoje deixo o lugar onde eu nasci para traz. Vou sentir falta de abrir a porta as 6 da manhã e ver meus amigos chamando para brincar no campo [...]”*, a dor da partida *“Resolvi olhar para traz, que dor me veio ao coração pois meus amigos estão me olhando partir”* e a amabilidade da mãe *“falar de pai recorda-me minha mãe, uma mulher doce, carinhosa e gentil”*.

Os valores concretos são: choro, o grito de tchau e o grito de bênçãos, identificados nos trechos: *“[...] eles estão chorando. Eu também começo a chorar e da carroça eu grito: _ Tchau meus amigos logo logo venho os ver para fazer uns gols também. _ Tchau Firmino. Que Deus abençoe vocês”*. Percebemos que esses valores concretos são resultados dos valores abstratos amizade, sofrimento e apego.

O aluno/orador ainda utiliza outros valores concretos como o trabalho, quando declara “*Após alguns dias de serviço árduo. Acordando cedo para fazer tijolo, cavando buraco, fazendo lama, retirava, colocava em fôrmas e queimava, passava horas e horas mantendo o fogo aceso. Após alguns dias de serviço estava finalmente pronta, nossa vida andava de ventos em poupas*”. Neste trecho o aluno/orador utiliza o argumento de enumeração e de superação. Depois de dias de muito serviço pesado, finalmente eles superam as dificuldades e conseguem construir a casa que proporcionará melhor qualidade de vida à família.

A amizade e o sofrimento estão no topo da hierarquia de valores, pois em todo o texto o aluno/orador revela a amizade que foi capaz de criar pertencimento ao lugar por interações pessoais (amigos) e intrapessoais (o lugar). O vínculo de amizade e de pertença ao lugar é tão forte que desperta o sentido do olfato, mesmo longe ele consegue sentir o cheiro do lugar onde morava. Vejamos: “*Realmente vou sentir falta do cheiro da mata onde eu moro. Ainda sinto esse cheiro até hoje*”. O sofrimento é identificado principalmente na despedida dos amigos e do lugar. Mesmo sendo muito apegado ao lugar, ele sabe que precisa partir em busca de melhoria de vida pra família, como coloca no texto: “*Resolvi olhar para tras. Que dor me veio ao coração pois meus amigos estão me olhando partir, eles estão chorando. Eu também começo a chorar [...]*”. Logo o aluno/orador utiliza o argumento de ilustração, pois quando volta o olhar para traz que vê o cenário do lugar que vai deixar a emoção é tão forte que sente o coração doer. A visão é mais um sentido do corpo humano acionado no texto, revelando a intensidade da ilustração. Este argumento de ilustração leva o auditório a imaginar a situação apresentada, possibilitando uma maior adesão ao que está sendo dito.

O aluno/orador utiliza ainda o argumento de comparação em dois momentos em que apresenta qualidades e graus de perfeição. Primeiro, em relação a água do riacho “*[...] pois as águas são tão limpas e doce que até parece água da chuva recém coletada*” e num segundo momento quando usa características suas comparando-as com as do pai “*[...] assim como eu só que mais alto e menos falador*”.

Dentre os lugares acionados temos o lugar de essência e de pessoa. O lugar de essência é acionado quando afirma que o riacho Santana vai proporcionar melhoria de vida à família. O riacho é o elemento essencial para ter facilidade e ter uma vida melhor como está expresso no trecho: “*Vamos as margens do riacho Santana em busca de ter algumas facilidades*”.

O lugar de pessoa é acionado quando cita os amigos, o pai e a mãe. Vejamos “*Vou sentir falta de abrir a porta as 6 da manhã e ver meus amigos chamando para brincar no campo [...]*”. Os laços de amizade são tão fortes que no episódio do quase afogamento, mais uma vez desperta outro sentido, o da audição, pois “*ouvi uma voz dizendo... _ Vai fazer gol*

hoje? Essa voz é a dos amigos que em sua despedida ele promete voltar pra fazer gols. Por ultimo a figura do pai e da mãe “*falar de meu pai recorda-me minha mãe, uma mulher doce, carinhosa e gentil*”. Nesses trechos percebemos que o aluno/orador valoriza as pessoas próximas a ele e reconhece o quanto essas pessoas são importantes em sua vida.

O conto traz uma reflexão sobre as memórias/lembranças que são capazes de trazer autonomia para as pessoas idosas e o quanto as mesmas são importantes para trazer acontecimentos do passado oportunizando a geração atual o conhecimento deste passado. O aluno/orador utiliza neste conto dois tipos de memória, a memória episódica e a memória sensorial. A memória episódica é acionada quando o aluno/orador recupera experiências pessoais vividas em determinado tempo, evento e espaço. Através dessas experiências ele recorda percursos realizados em momentos emocionalmente importantes, como quando deixa o local que morava e que tanto amava. A memória sensorial é responsável pelo processamento inicial das informações captadas pelos nossos sentidos. No conto é acionada quando o aluno/orador através dos sentidos do olfato, da visão e da audição, traz a tona a lembrança do lugar e dos amigos que deixou.

Assim, como nos afirma Bosi (2016, p.53) “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”. Esta importância é reconhecida pelo aluno/autor quando assim se expressa “_ *Meu filho o passado não pode ser falado tem que ser vivido*” revelando intensidade e emoção na fala do aluno/orador. Esta intensidade descrita na fala do aluno/orador é declarada por Bosi (2003, p. 17) "Pude perceber essa força da memória coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória individual do recordador, o que ocorreu mesmo quando este participou e testemunhou os fatos e poderia portanto nos dar uma descrição diferenciada e viva”.

QUADRO 08 – Processos Argumentativos no Conto 02

Conto	Processos Argumentativos			
	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
		Ilustração	Amizade	Lugar da Essência
	Vamos às	Causalidade	Sofrimento	Lugar de Pessoa
		Enumeração	Apego	

Há muito tempo	margens do rio Santana em busca de ter algumas facilidades	Superação	Choro	
		Comparação	Trabalho para garantia do alimento/agricultura	
			Amabilidade	

O quadro 06 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “Há muito tempo”. O aluno/orador formula sua tese “*Vamos as margens do rio Santana em busca de ter algumas facilidades*” levando em consideração a dificuldade que a família enfrenta pois o pai não tem emprego no lugar que residem e a mudança de moradia para próximo ao riacho Santana possibilita boa colheita e conseqüentemente facilidades para a família. Para defender sua tese foram mobilizados valores abstratos e concretos. Os valores abstratos amizade e sofrimento assumem o topo da hierarquia, figurando lugar de essência e de pessoa. Na defesa de sua tese o aluno/orador recorre as seguintes técnicas argumentativas: os argumentos quase-lógicos por comparação, os argumentos baseados na estrutura do real, por meio da superação, de causa e consequência; e, os argumentos que fundamentam a estrutura do real por meio da ilustração.

Conto 03

O que aconteceu na grande enchente

Mais um dia vem começando em minha vida. Amanheço observando da janela de minha casa, as lindas paisagens do lugar onde eu moro. Moro na zona rural, nossa simples casinha se localiza vizinha ao riacho Santana, que lá de casa dava para ouvir o som daquelas lindas águas correntes. Possa eu até ter passado por algumas dificuldades, mas nunca deixei de amar muito o lugar onde eu moro.

Como qualquer outra pessoa de antigamente eu também trabalhei na roça. Mas a roça que eu trabalhava junto com papai e mais três irmãos, era de arroz por isso tinha que ser plantando nas margens do riacho. Lembro também que ajudei papai a plantar uma árvore próximo a esse riacho chamado aroeira, com o passar do tempo, essa árvores cresceu, cresceu, cresceu muito mesmo. Meu nome é Maria Rosaria, mas papai só me chamava de Rosaria. O nome do meu papai era José e o da minha mãe era Rosa. Vejo que eu fui a única filha que não puxei de jeito nenhum aos meus pais, porque eles eram muito corajosos e eu era muito medrosa ou “cagada”, como diz o ditado popular.

Passado muito tempo depois, estávamos na nossa casinha, como sempre fizemos. Estávamos com as portas da casa, fechadas, quando papai me ordenou:

_ Oh Rosaria minha filha abra essas portas para ver se o calor diminui. Lá fui eu. Quando eu abri a porta disse pro meu pai:

_ Pai olhe isso aqui.

Ele disse:

_ O que minha filha?

Quando ele se aproximou viu que era uma grande enchente, que o riacho transbordou. Foi tanta água que passava bem na nossa porta. Nesse dia foi um desespero de papai por que ele ficou assim:

_ Oh não, minha plantação.

Quando o volume das águas baixou fomos lá até o local para ver. Chegando lá vimos metros e mais metros de arroz que tinham sido destruídos. Árvores de grande porte foram derrubadas, inclusive a que nós plantamos que era uma árvore grande, grossa e velha e a correnteza no dia conseguiu arrancar pela raiz.

Desse dia para cá nunca tínhamos visto uma coisa assim antes. Esperamos que mais um amanhecer de dia na nossa terrinha querida outra enchente desse tipo venha a acontecer.

No conto “O que aconteceu na grande enchente”, a aluna/oradora contempla as partes constituintes do gênero conto quando desenvolve a temática local trabalhada, o riacho Santana, e um conflito, utiliza uma linguagem clara, com traços de informalidade e a estrutura composicional: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, a aluna/oradora apresenta o lugar onde mora que possui lindas paisagens e a casa simples que a família habita e revela o amor por este lugar. No desenvolvimento, ela fala de como era sua vida, o trabalho na roça, o riacho que favorecia a plantação e a árvore que plantou junto com o pai e apresenta sua família, começando por ela. Também narra o episódio de uma enchente ocorrida neste local e o desfecho deste episódio que foi a perda da plantação de arroz e a derrubada de muitas árvores. Na conclusão do conto a aluna/oradora conta que esta foi a primeira enchente que presenciou e espera ainda por outra desta.

Neste conto a aluna/oradora defende a tese que o lugar onde mora, vizinho ao riacho Santana, tem lindas paisagens. Identificamos essa tese no excerto: *“Amanheço observando da janela de minha casa, as lindas paisagens do lugar onde eu moro. Moro na zona rural, nossa simples casinha se localiza vizinha ao riacho Santana, que lá de casa dava para ouvir o som daquelas lindas águas correntes”*. A tese é apresentada de forma explícita e se torna mais evidente com o argumento de ilustração, quando descreve minuciosamente a paisagem onde mora, criando uma imagem que leva o auditório a imaginar a paisagem apresentada.

A partir da afirmação *“Como qualquer outra pessoa de antigamente eu também trabalhei na roça”* e também *“Vejo que eu fui a única filha que não puxei de jeito nenhum aos meus pais, porque eles eram muito corajosos e eu era muito medrosa ou “calada”, como diz o ditado popular”*, a aluna/oradora utiliza o argumento de comparação, em que primeiro se compara com as outras pessoas de antigamente. Naquela época as famílias tinham a agricultura como principal atividade econômica que dava sustento às famílias, assim, normalmente, todas as pessoas trabalhavam na roça. Depois ela se compara aos outros irmãos, pois se considera diferente dos demais e também com os pais caracterizando-os como corajosos e ela medrosa.

Utiliza ainda o argumento de causalidade, quando narra a grande enchente que causa a perda do plantio do arroz e a derrubada das árvores: *“Quando o volume das águas baixou fomos lá até o local para ver. Chegando lá vimos metros e mais metros de arroz que tinham sido destruídos. Árvores de grande porte foram derrubadas, inclusive a que nós plantamos que era uma árvore grande, grossa e velha e a correnteza no dia conseguiu arrancar pela raiz”*. Por último a aluna/oradora utiliza o argumento de contradição e incompatibilidade, pois no final do conto após mostrar os prejuízos que tiveram com a grande enchente, a

aluna/oradora deixa transparecer o desejo que outra grande enchente venha a acontecer, vejamos: *“Desse dia para cá nunca tínhamos visto uma coisa assim antes. Esperamos que mais um amanhecer de dia na nossa terrinha querida outra enchente desse tipo venha a acontecer”*.

A aluna recorre a valores abstratos para sustentar sua tese, dentre eles: o amor pelo lugar onde vive quando assim se expressa: *“Possas eu até ter passado por algumas dificuldades, mas nunca deixei de amar muito o lugar onde eu moro”*. Recorre também ao valor simplicidade e carinho quando declara: *“Nossa simples casinha se localiza vizinha ao riacho Santana, onde lá de casa dava para ouvir o som daquelas lindas águas correntes”*. A palavra “casinha” usada no diminutivo expressa o carinho da aluna/oradora pela casa que vive. E ainda desespere quando coloca: *“Nesse dia foi um desespero de papai porque ele ficou assim: Oh não, minha plantação*. Esse trecho revela o desespero do pai quando observa o plantio de arroz destruído. O amor assume o topo da hierarquia de valores, pois fica evidente em todo o conto o amor que o aluno/orador tem pelo lugar. Mesmo com dificuldades e prejuízos o lugar continua sendo querido e amado.

Outros valores acionados pela aluna/oradora são o trabalho, a família, o prejuízo e derrubada das árvores (valores concretos) identificados nos trechos do texto: *“Como qualquer outra pessoa de antigamente eu também trabalhei na roça. Mas a roça que eu trabalhava junto com papai e mais três irmãos, era de arroz por isso tinha que ser plantado nas margens do riacho”*. Neste trecho a aluna/oradora revela, não só a sua ou de sua família, mas como era a vida da maioria das pessoas antigamente. O trabalho na roça era o meio de sustento das famílias e o riacho proporcionava terras propícias para o plantio do arroz. O prejuízo do plantio de arroz e a derrubada das árvores são expressos no excerto: *“Chegando lá vimos metros e mais metros de arroz que tinham sido destruídos. Árvores de grande porte foram derrubadas, inclusive a que nós plantamos que era uma árvore grande, grossa e velha e a correnteza no dia conseguiu arrancar pela raiz”*.

Em se tratando de lugares da argumentação, observamos o lugar de qualidade e o de essência. Esses lugares são acionados quando afirma que o lugar onde mora tem paisagens lindas com águas correntes, assim a aluna/oradora valoriza o lugar onde mora como único, raro, como representante de uma essência. Vejamos nos trechos: *“Amanheço observando da janela de minha casa as lindas paisagens do lugar onde eu moro”* e *“Possas eu até ter passado por algumas dificuldades, mas nunca deixei de amar muito o lugar onde eu moro”*. Os trechos revelam que o lugar onde mora representa beleza e o riacho torna-se essencial para sua vida.

QUADRO 09 – Processos Argumentativos no Conto 03

Conto	Processos Argumentativos			
	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
O que aconteceu na grande enchente	O lugar onde mora, vizinho ao riacho Santana, tem lindas paisagens	Ilustração	Amor	Essência
		Comparação	Simplicidade	Qualidade
		Causalidade	Carinho	
		Contradição e Incompatibilidade	Desespero	
			Trabalho	
		Família		
		Prejuízo		
		Derrubada das árvores		

O quadro 07 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “O que aconteceu na grande enchente”. Para defender a tese “*O lugar onde mora, vizinho ao riacho Santana, tem lindas paisagens*” a aluna/oradora mobiliza mais valores abstratos, dentre eles o amor assume o topo da hierarquia, figurando lugar de essência e de qualidade. No que diz respeito as técnicas argumentativas, percebemos que o aluno/orador recorre aos argumentos quase-lógicos por contradição e incompatibilidade e por comparação, aos argumentos baseados na estrutura do real, por meio da causalidade; e, aos argumentos que fundamentam a estrutura do real por meio da ilustração.

Conto 04

Sacrifício como prova de amor

Meu nome é Marina, uma menina de cabelos loiros cacheados e olhos verdes, de uma família humilde, meu pai João é um homem alto de cabelos pretos e olhos castanhos e minha mãezinha Maria de Lourdes é uma mulher linda, loira com olhos verdes assim como eu. Tenho quatro irmãos Maria, Mariana, José e Geraldo ambos com as mesmas características que eu e minha mãe.

A minha querida cidadezinha, minha Riacho de Santana, com esplêndido contraste nas cores verde e azul, é uma cidade pequena, mas de grande significado, foi aqui onde me criei e onde vivi os melhores momentos da minha vida, isso antes da primeira árvore que foi derrubada, após a primeira vieram inúmeras outras e o verde das folhas desapareceu, pois assim como o azul das águas claras, se tornou o marrom da seca.

Certo dia logo ao amanhecer, meus pais nos chamou e disse que queria falar algo sério. Iremos nos mudar ainda hoje em busca de um lugar melhor. Não dá para continuarmos aqui, a seca tomou conta de toda a cidade. Disse meu pai, um pouco triste ao falar.

Encaramos bem, apesar da dor de ter que deixar a cidade que tanto amamos, entendemos que não tínhamos escolha.

Fomos a caminho de Minas Gerais, que era muito longe da nossa localização, tínhamos pouca comida e a água não era o suficiente, fomos em uma carroça, caminho bastante desértico, muito frio à noite e um calor insuportável ao dia.

Geraldo, o mais velho dos meus irmãos, viu que a comida não era o suficiente para todos nós, então ele fingia todos os dias que estava se alimentando e estava bem, mas isso não era verdade, ele fez isso porque queria nos ver bem e queria que não tivéssemos que passar fome, mas aos poucos ele foi ficando bastante fraco e magro, ficou muito doente infelizmente não sobreviveu, mas ficou até o último segundo firme sobre sua escolha, se sacrificou por nós.

Essa dor foi pioneira para que minha irmã Mariana desistisse de sua própria vida, dois irmãos se foram e a dor só aumentou. Tentamos não nos abalar tanto e sermos fortes e vimos que Geraldo morreu por nós, seguimos em frente tendo esse acontecimento como um exemplo do sacrifício como prova de amor entre quem amamos, que independentemente das circunstâncias, às vezes temos que sacrificar o pouco que temos para ajudar a quem amamos, mesmo que às vezes esse pouco possa custar a nossa própria vida, mas agradeço muito a Deus

por me permitir a vida, mesmo com a caminhada sofrida, novamente eu repito obrigado por minha vida.

Muitas vezes estávamos tão focados em nossos próprios pensamentos, imaginando como seria o dia de amanhã, quanto tempo continuaríamos vivendo daquela forma, que esquecemos do que o outro está sentindo e os sacrifícios feito por nós, que infelizmente só percebemos, quando seu sacrifício chegou ao fim.

Na leitura do conto “Sacrifício como prova de amor”, observamos que a aluna/oradora desenvolve uma temática, apresenta os personagens e o conflito, desenvolvendo as três partes constituintes do conto: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, a aluna/oradora apresenta características físicas dos personagens, no caso dela e de sua família. Apresenta ainda, o lugar onde mora, enfatizando que foi onde viveu os melhores momentos de sua vida. No desenvolvimento, apresenta o conflito do conto, a necessidade de mudança, deixariam o local onde moravam. E narra ainda o percurso que os levariam a Minas Gerais. No auge do conto, narra a morte de seu irmão, encarada como sacrifício pela família e também de sua irmã como consequência da perda do irmão. Na conclusão do conto a aluna/oradora reconhece o sacrifício do irmão e a necessidade de prestar mais atenção ao próximo.

Neste conto a aluna/oradora defende a tese que a seca ocorrida no lugar onde moravam levou a família a partir em busca de um lugar melhor, como nos apresenta no excerto: “_ *Iremos nos mudar ainda hoje, em busca de um lugar melhor. Não dá pra continuar aqui, a seca tomou conta de toda a cidade*”.

Para justificar sua tese, a aluna/oradora utiliza os argumentos de causalidade, pragmático, de ilustração e de superação. No argumento de causalidade, apontado no trecho: “_ *Iremos nos mudar ainda hoje, em busca de um lugar melhor. Não dá pra continuar aqui, a seca tomou conta de toda a cidade*” a aluna/oradora coloca a migração para outra localidade como sendo decorrência da seca, e consequentemente da falta de trabalho, que neste caso seriam as causas. No argumento pragmático, a aluna narra as mortes dos dois irmãos como consequência do percurso desumano que fizeram até Minas Gerais como descreve no trecho: “[...] *aos poucos ele foi ficando bastante fraco e magro, ficou doente e infelizmente não sobreviveu, mas ficou até o último segundo firme sobre sua escolha, se sacrificou por nós. Essa dor foi pioneira para que minha irmã Mariana desistisse de sua própria vida, dois irmãos se foram e a dor só aumentou*”. Para dá maior visibilidade á tese, a aluna/oradora ilustra o discurso narrando as perdas durante o trajeto que a família fez, utilizando assim o argumento de ilustração. Por último, o argumento de superação quando coloca: “*Tentamos não nos abalar tanto e sermos fortes e vimos que Geraldo morreu por nós, seguimos em frente tendo esse acontecimento como um exemplo do sacrifício como prova de amor*”.

A aluna/oradora recorre a valores abstratos para sustentar sua tese, dentre eles: sacrifício, apego, dor, prova de amor, gratidão. O sacrifício pela família realizado pelo irmão Geraldo é comprovado no trecho: “*Geraldo, o mais velho dos meus irmãos, viu que a comida não era o suficiente para todos nós, então ele fingia todos os dias que estava se alimentando*”.

e estava bem, mas isso não era verdade, ele fez isso porque queria nos ver bem e queria que não tivéssemos que passar fome". O apego pela cidade que morava é comprovado no trecho: *"é uma cidade pequena, mas de grande significado, foi aqui onde me criei, e onde vivi os melhores momentos da minha vida"*. A dor de ter que deixar a cidade que amavam e a dor de ter perdido dois irmãos no percurso realizado com grandes desafios para Minas Gerais é exposta nos excertos: *"Apesar da dor de ter que deixar a cidade que tanto amamos, entendemos que não tínhamos escolha"* e *"Dois irmãos se foram e a dor só aumentou"*. A prova de amor do irmão pela família é identificada no trecho: *"Geraldo morreu por nós"*. E a gratidão a Deus, mesmo após tantas perdas da família, desde deixar o lugar que amavam, a perda dos dois irmãos revelada no trecho: *[...] mas agradeço muito a Deus por me permitir a vida, mesmo com a caminhada sofrida, novamente eu repito obrigada por minha vida"*.

Recorre também ao valor concreto de família. Todo o sacrifício realizado pelo irmão pela família revela o valor família enfatizado durante todo o conto. Assim, o sacrifício realizado pelo irmão assume o topo da escala hierárquica, já que este desencadeia como consequências, morte deste e da irmã.

Dentre os lugares da argumentação, observamos o lugar de essência, de quantidade e de pessoa. O lugar de essência é acionado quando afirma que a cidade tem grande significado para ela e também na essência da família. Vejamos no trecho: *"Ah minha querida cidadezinha, minha Riacho de Santana, com esplêndido contraste nas cores verde e azul, é uma cidade pequena, mas de grande significado"*. O lugar de quantidade é expressa quando ela coloca que a comida não era o suficiente para toda a família: *"[...] a comida não era o suficiente para todos nós [...]"*. E o lugar de pessoa, quando expressa a importância das pessoas de sua família para ela, quando assim se expressa: *"[...] as vezes temos que sacrificar o pouco que temos para ajudar a quem amamos, mesmo que as vezes esse pouco, possa custar a nossa própria vida"*.

O conto traz uma reflexão acerca da condição das famílias que precisam deixar o lugar quem amam, neste caso por conta da seca, para ir a outra cidade em busca de melhor condição de vida, assumindo o papel de migrantes. Para Bosi (2003, p. 176) "O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... Suas múltiplas raízes se partem". As perdas da família reveladas no conto vão além destas, pois as dores sentidas na partida, na despedida do lugar que amavam, são acrescidas pela perda dos dois irmãos durante o percurso realizado.

No conto esta memória é classificada como episódica, pois refere-se ao sistema que recupera experiências pessoais vividas em determinado tempo, evento e espaço, recordando percursos realizados em momentos emocionalmente importantes. As histórias com passagens emocionantes são mais facilmente recordáveis, do que histórias uniformemente desinteressantes. Nesse sentido, a dor, seja pela despedida do lugar, seja pela perda dos irmãos, é considerada um fator importante para a memória emocional.

QUADRO 10 – Processos Argumentativos no Conto 04

Conto	Processos Argumentativos			
	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
Sacrifício como prova de amor	A seca ocorrida no lugar onde moravam levou a família a partir em busca de um lugar melhor	Causalidade	Sacrifício	Essência
		Pragmático	Apego	Quantidade
		Superação	Dor	Pessoa
		Ilustração	Prova de amor	
			Gratidão	
		Família		

O quadro 08 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “Sacrifício como prova de amor”. O aluno/orador formula sua tese “A seca ocorrida no lugar onde moravam levou a família a partir em busca de um lugar melhor” levando em consideração que na seca, as famílias migravam para outras localidades em busca de trabalho e sustento. Para defender sua tese foram mobilizados valores abstratos e concretos, sendo os abstratos mais utilizados. Neste o sacrifício assume o topo da hierarquia, figurando lugar de pessoa, de essência e de quantidade. No que diz respeito às técnicas argumentativas, percebemos que o aluno/orador recorre aos argumentos baseados na estrutura do real, por meio pragmático, causalidade e superação; e, aos argumentos que fundamentam a estrutura do real por meio da ilustração.

Conto 05

Um ano marcante

Eu tinha meus 13, 14 anos e morava com meus pais em uma casinha simples e humilde próxima as margens do riacho Santana. Meu pai era um homem moreno, alto e magro, e trabalhava como agricultor na sua própria terrinha. Mamãe era uma mulher baixinha dessas típicas de interior, tinha longos cabelos escuros e olhos castanhos.

Naquele ano a previsão para o inverno era de boas chuvas. Papai logo se animou, pois estávamos passando por muitas dificuldades, uma delas era uma doença que mamãe estava enfrentando então ele pensou em plantar arroz para vender e pagar o tratamento de mamãe, já que naquela época o arroz rendia um bom dinheiro. Então fizemos, começamos a plantar, como mamãe não poderia ajudar e devido as condições financeiras meu pai não podia pagar um empregado, eu mesma o ajudei no trabalho do começo ao fim.

Depois de finalizar a plantação, agora era só esperar. Passaram-se alguns dias e as chuvas chegaram e logo começamos a nos animar com os resultados, mas por outro lado preocupados com a situação de minha mãe. Os dias estavam passando e ela ficava cada vez mais fraquinha, eu e meu pai já estávamos preocupados. Então, finalmente o dia da colheita chegou! Eu e meu pai fomos até a plantação e colhemos todo o arroz, amarramos em cordões formando montinhos. Como já estava anoitecendo e para levar para casa iria demorar muito, então encostamos todo o arroz perto de uma cerca para levar no dia seguinte, mas nunca lembramos que naquela noite poderia chover. Fomos para casa, jantamos e fomos dormir, o sono estava tão pesado que nem acordamos com o barulho da chuva. No outro dia acordamos e fomos até a plantação, no caminho muita lama tomava conta das estradas, quando chegamos lá já havia muitos agricultores se lamentando. Fomos até a cerca e ao chegar lá, vimos que o arroz tinha sido levado pela água da chuva. Muitos proprietários ficaram no prejuízo, mas nossa situação ia muito além disso. E agora? Como vamos pagar o tratamento de minha mãe?

Os dias foram passando e aos poucos minha mãe foi piorando, foi ficando mais fraquinha e como não tínhamos condições para pagar o tratamento ela infelizmente faleceu. E meu mundo desabou. Foi um ano marcante para a comunidade e principalmente para eu e meu pai.

No conto “Um ano marcante”, observamos que a aluna/oradora contempla em seu texto as partes constituintes do gênero conto quando desenvolve a temática local trabalhada, o riacho Santana, e um conflito, utiliza uma linguagem objetiva, com traços de informalidade e a estrutura composicional: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, a aluna/oradora apresenta características físicas dos pais. Descreve ainda, a casa onde mora e sua localização. No desenvolvimento, apresenta o conflito do conto, a necessidade de ter uma boa colheita para ajudar no tratamento de saúde da mãe que estava doente. Narra todo o trabalho que teve com o pai na plantação e na colheita, mas que devido a uma grande chuva, perderam toda a colheita. No auge do conto, narra o agravamento do doença e a morte da mãe e o quanto isso a atingiu. Na conclusão do conto a aluna/oradora declara que foi um ano marcante não só para ela e seu pai, mas para a comunidade.

Neste conto a aluna/oradora defende a tese que a família passava por dificuldades com a doença da mãe e acreditava que com uma boa colheita do arroz poderia ajudar no tratamento da mãe. Vejamos o exposto no excerto: *“Naquele ano a previsão para o inverno era de boas chuvas. Papai logo se animou, pois estávamos passando por muitas dificuldades, e uma delas era uma doença que mamãe estava enfrentando, então ele pensou em plantar arroz para vender e pagar o tratamento de mamãe”*. Identificamos neste fragmento o argumento de causalidade, pois a aluna/oradora acredita que se tivesse uma boa colheita teriam condições de pagar o tratamento da mãe como apontou o trecho acima. Porém as chuvas levaram toda a colheita do arroz e não conseguiram pagar os medicamentos necessários, levando a mãe a falecer depois de alguns dias. Outro argumento utilizado foi o argumento pragmático, uma vez que ela apresenta a perda da colheita como causadora da morte da mãe, pois não teve condições de pagar os medicamentos da mãe. Vejamos no excerto: *“Os dias foram passando e aos poucos minha mãe foi piorando, aos pouquinhos foi ficando mais fraquinha e como não tínhamos condições para pagar os medicamentos ela infelizmente faleceu”*.

A aluna/oradora mobiliza alguns valores para sustentar sua tese, dentre eles: simplicidade, família, dificuldades, doença da mãe, trabalho, prejuízos, morte. A simplicidade é descrita no início do conto quando descreve a casa que mora e a família, como mostra o excerto: *“[...] morava com meus pais em uma casinha simples e humilde, próxima às margens do riacho Santana”*. O valor da família e dificuldade é revelado em todo o conto, quando fala da doença da mãe, revelando a preocupação com a família. Vejamos: *“estávamos passando por muitas dificuldades, e uma delas era uma doença que mamãe estava enfrentando”*. O valor do trabalho é apontado no trecho: *“Então fizemos, começamos a plantar, como mamãe não poderia ajudar e devido as condições financeiras meu pai não*

podia pagar um empregado eu mesma a ajudei no trabalho do começo ao fim”. O valor do prejuízo é notado no trecho *“Fomos até a cerca e ao chegar lá vimos que o arroz não estava mais lá, tinha sido levado pela água da chuva*”. Por fim, o valor da morte, quando ela cita a morte da mãe e como isso o afetou: *“[...] ela infelizmente faleceu. E meu mundo desabou*”. A aluna/oradora coloca a família no topo da escala de valores, quando ela apresenta a preocupação com doença da mãe e o sofrimento com a perda da mesma.

Para hierarquizar seu valor, recorre ao lugar de pessoa, ao colocar sua família como algo mais importante do que qualquer outra coisa. Recorre ainda aos lugares de essência, de ordem e do existente. O lugar de essência é acionado quando retrata a doença da mãe, colocando a família como essencial em sua vida mostradas no trecho *“Muitos proprietários ficaram no prejuízo, mas nossa situação ia muito além disso. E agora? Como vamos pagar o tratamento de minha mãe?*

A aluna/oradora utiliza o lugar de ordem ao colocar o plantio do arroz como sendo, depois do valor de família, importante na situação em que se encontravam, assim se expressa: *“então ele pensou em plantar arroz para vender e pagar o tratamento de mamãe*”. Por último o lugar do existente é evocado quando assim se coloca: *“Então finalmente o dia da colheita chegou! Eu e meu pai fomos até a plantação e colhemos todo o arroz, amarramos com cordões formando moinhos*”.

Neste conto, a história da personagem se funde a história da comunidade. As lembranças individuais se tornam coletivas, tendo em vista que a aluna/oradora faz parte de um grupo de referência, a comunidade em que morava. As lembranças trazem a história de um ano marcante, que trouxe prejuízos a todos da comunidade. Podemos identificar no trecho: *“Foi um ano marcante para a comunidade e principalmente para eu e meu pai*”. Portanto, as memórias dos grupos sociais consideradas coletivas, trazem consigo um espaço comum de encontro a determinado fato histórico, atribuindo-lhes um caráter simbólico.

QUADRO 11 – Processos Argumentativos no Conto 05

Conto	Processos Argumentativos			
	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
A família passava por dificuldades		Causalidade	Família	Essência
		Pragmático	Simplicidade	Pessoa

Um ano marcante	com a doença da mãe e acreditava que com uma boa colheita do arroz poderia ajudar no tratamento da mãe		Dificuldades	Ordem
			Doença da mãe	Existente
			Trabalho	
			Prejuízos	
			Morte	

O quadro 09 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “Um ano marcante”. Para defender a tese “*A família passava por dificuldades com a doença da mãe e acreditava que com uma boa colheita do arroz poderia ajudar no tratamento da mãe*” a aluna/oradora mobiliza mais valores abstratos, dentre eles o valor da família que assume o topo da hierarquia, figurando lugar de pessoa, de essência, de ordem e do existente. No que diz respeito as técnicas argumentativas, percebemos que o aluno/orador recorre aos argumentos baseados na estrutura do real, por meio da causalidade e pragmático.

Conto 06

O período da Seca

Toda tarde naquele Sítio já era de costume eu, meus Primos, e até mesmo nossos pais sentava-mos na calçada e ia ouvir as histórias contadas por nossos avós; minha avó chamada Isabel, de cabelos longos, escuros, de pele clara, de olhos verdes, e meu avô chamado Francisco, um homem alto, de pele negra, cabelos pretos e de olhos castanhos. Não existia tarde melhor naquele sítio, simples e pouco habitado, mas de tamanha Beleza, algo que todos nós gostava-mos que era viver em contato com toda a natureza.

Meu avô possuía uma roça com muitos animais como: vacas, Bodes e cavalo, os quais ele ia todos os dias colocar a ração e a água, que era de um açude logo do lado do cercado onde eles ficavam. Aquilo tudo era uma alegria imensa para todos nós tanto netos quanto até mesmo nossos pais e isso não era à toa que todos os sábados e domingos nós reuníamos toda a nossa Família e íamos passar o dia tomando Banho no açude.

Mas uns dois anos depois essa alegria foi diminuindo cada vez mais pois o período mais triste estava começando. Que era o período da seca uma época na qual as plantações morriam, os açudes secavam e os animais ficavam sem alimento, sem água e sem nenhuma Sombra de Baixo das árvores. E através disso veio uma enorme preocupação na cabeça de todos, em principal ao meu avô que olhava para tudo aquilo que estava acontecendo e só se perguntava:

_ E agora?

Pois sabia que aquela preocupação só iria piorar cada dia mais. E conforme o tempo foi passando tudo aquilo foi realmente piorando, as plantações do meu avô foram acabando, o açude que fornecia a água também foi acabando até que meu avô teve a ideia de se juntar com alguns dos irmãos e alguns amigos para fazer um tipo de canoa, construída apenas com tronco de árvores para que conseguissem, levar os animais pro outro lado do açude para que eles podessem se alimentar em um pequeno pasto que ainda estava verde e que ainda havia algumas sombras.

Mas chegou um momento em que o pasto também acabou e a água do açude continuou a diminuir cada vez mais, muitos dos animais chegaram a não resistir e morreram, então ele teve a atitude de trazer os animais que ainda tinham sobrevivido de volta e com isso ele resolveu vende os animais para outras pessoas que tinham mais condições de criar, sendo elas os fazendeiros ricos.

Essa era uma das histórias que ele mais nós contava e que foi a época mais marcante de toda a sua vida pois tinha sido muito difícil, tanto na questão de ter que transportar os animais como de ter que vendê-los por questão de não ter tido boas condições de criar, e alguns ter chegado a morrer, e o seu açude que havia secado e ver que não poderíamos mais passar os finais de semana tomando banho, e se divertindo, por isso é algo que até hoje ele fala que nunca irá esquecer desse momento que marcou bastante a sua vida no passado.

No conto “O período da seca”, vemos que a aluna/oradora contempla em seu texto as partes constituintes do gênero conto quando desenvolve uma temática local que é a seca, um conflito, utiliza uma linguagem clara, com traços de informalidade e a estrutura composicional: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, a aluna/oradora apresenta características físicas de alguns personagens, no caso de seus avós. Descreve o sítio onde morava e o costume da família que era sentar na calçada às tardes para ouvir as histórias contadas por seus avós. Neste início de conto, percebemos a importância dada às memórias dos idosos, pois a família se reunia pra ouvi-los. Esta valorização das lembranças dos idosos é enfatizada por Bosi (1994) quando escreve

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem [...] (BOSI, 1994, p. 60).

As lembranças dos idosos tem sua importância no registro de acontecimentos ocorridos no passado e tem o papel de trazê-los para o conhecimento da geração atual.

Na continuidade do conto, a aluna/oradora declara ainda que não havia tarde melhor e o quanto gostava de viver em contato com a natureza. No desenvolvimento, apresenta a roça do avô com seus animais e revela a alegria da família que se reunia aos sábados e domingos para tomar banho no açude que tinha na propriedade do avô. O conflito é anunciado com a chegada da seca que assombrava a todos, pois todo aquele cenário se modificava e isso trouxe tristeza e preocupação a todos, pois além de perder as plantações, os animais ficavam sem alimento e sem água. No auge do conto, ela narra as tentativas feitas pelo avô de salvar os animais, mas o desfecho deste episódio se dá com a morte ou venda destes animais. A aluna/oradora conclui o conto dizendo que esta foi a época mais marcante pra seu avô que sempre contava com tristeza, pois além de perder os animais, o açude secou e não podiam mais tomar banho aos sábados e domingos com a família reunida.

Neste conto a aluna/oradora defende a tese que a família se reunia aos sábados e domingos para tomar banho no açude do avô, mas tudo mudou com o período da seca. Vejamos o exposto no excerto: *“Aquilo tudo era uma alegria imensa para todos nós tanto netos quanto até mesmo nossos pais e isso não era à toa que todos os sábados e domingos nós reuníamos toda a nossa família e íamos passar o dia tomando banho no açude”*.

Para justificar sua tese, a aluna/oradora utiliza o argumento de causalidade, pois todo o cenário de alegria em família muda com o período da seca. A seca causou tristeza e preocupação à família como aponta o trecho: *“Mas uns dois anos depois essa alegria foi diminuindo cada vez mais pois o período mais triste estava começando que era o período da seca, uma época na qual as plantações morriam, os açudes secavam e os animais ficavam se alimento, sem água e sem nenhuma sombra de baixo das árvores”*.

A aluna/oradora mobiliza alguns valores para sustentar sua tese, dentre eles: simplicidade, beleza, contato com a natureza, alegria, família, seca, preocupação, trabalho, prejuízos. A simplicidade, a beleza e o contato com a natureza são valores notados no início do conto quando descreve o sítio onde mora, como mostra o excerto: *“Não existia tarde melhor naquele sítio simples e pouco habitado, mas de tamanha beleza, algo que todos nós gostávamos que era viver em contato com toda a natureza”*. O valor da alegria e da família são evocados quando narra que aos sábados e domingos toda a família se reunia e isso era motivo de muita alegria, como percebemos no excerto: *“Aquilo tudo era uma alegria imensa para todos nós tanto netos quanto até mesmo nossos pais e isso não era à toa que todos os sábados e domingos nós reuníamos toda a nossa família e íamos passar o dia tomando banho no açude”*.

Os valores de seca, preocupação, trabalho e prejuízos são apontados no conto como o período mais triste para a família, pois com a seca vinha a preocupação, pois todo o cenário de beleza deixava de existir, era preciso trabalhar mais pra tentar salvar os animais. Mas as consequências da seca são terríveis, os açudes secam, as plantações morrem, a morte ou venda dos animais. Vejamos nos trechos: *“o período da seca, uma época na qual as plantações morriam, os açudes secavam e os animais ficavam se alimento, sem água e sem nenhuma sombra de baixo das árvores”* e *“Pois sabia que aquela preocupação só iria piorar cada dia mais. E conforme o tempo foi passando tudo aquilo foi realmente piorando, as plantações do meu avô foram acabando, o açude que fornecia a água também foi acabando [...]”* e ainda *“muitos dos animais chegaram a não resistir e morreram então ele teve a atitude de trazer os animais que ainda tinham sobrevivido de volta e com isso ele resolver vender os animais para outras pessoas que tinham mais condições de criar, sendo elas os fazendeiros ricos”*. Muitos valores foram mobilizados pela aluna/oradora, no entanto, percebemos que no topo da escala hierárquica, está o valor da família e da seca. Em todo texto a aluna/oradora descreve momentos de muito amor e alegria com a família, isso mostra que a família é prioridade em sua vida e a seca, que transforma esses momentos de amor e alegria em preocupação e prejuízo modificando a vida da família.

Dentre os lugares da argumentação, observamos o lugar de essência, de pessoa e de qualidade. A aluna/oradora recorre ao lugar de essência quando coloca a família como essencial em sua vida, vejamos: “[...] *todos os sábados e domingos nós reuníamos toda a nossa família*”. O lugar de pessoa é acionado quando narra o fato de sentarem na calçada para ouvir as histórias dos avós, isto mostra a importância dada aos avós que representavam pra família fontes de sabedoria e de respeito como identificamos no trecho: “*Toda tarde naquele sítio já era de costume eu, meus primos e até mesmo nossos pais sentávamos na calçada e ia ouvir as histórias contadas por nossos avós*”.

Já o lugar de qualidade foi acionado para mostrar o ambiente que viviam em contato com a natureza era agradável e de grande beleza quando assim se coloca: “*Não existia tarde melhor naquele sítio simples e pouco habitado, mas de tamanha beleza, algo que todos nós gostávamos que era viver em contato com toda a natureza*”.

QUADRO 12 – Processos Argumentativos no Conto 06

Conto	Processos Argumentativos			
	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
O período da seca	A família se reunia aos sábados e domingos para tomar banho no açude do avô, mas tudo mudou com o período da seca.	Causalidade	Simplicidade	Essência
			Beleza	Pessoa
			Contato com a natureza	Qualidade
			Alegria	
			Família	
			Seca	
			Preocupação	
			Trabalho	
			Prejuízos	

O quadro 10 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “O período da seca”. O aluno/orador formula sua tese “A família se reunia aos sábados e

domingos para tomar banho no açude do avô, mas tudo mudou com o período da seca” levando em consideração que a seca, as famílias migravam para outras localidades em busca de trabalho e sustento. Para defender sua tese foram mobilizados valores abstratos e concretos, sendo os abstratos mais utilizados. Neste o sacrifício assume o topo da hierarquia, figurando lugar de pessoa, de essência e de quantidade. No que diz respeito às técnicas argumentativas, percebemos que o aluno/orador recorre aos argumentos baseados na estrutura do real, por meio pragmático, causalidade e superação; e, aos argumentos que fundamentam a estrutura do real por meio da ilustração.

Conto 07

De velhos tempos!

Em uma comunidade chamada de Poço de Pedra, mais conhecida, por Poços e grandes Pedras nas margens do Riacho. Em março de 1935, nasce um dos Filhos de docar seu filho Chico, após três anos se passarem ele ganha um irmão e entre de tantos anos, ele ganhou mais irmão.

Desde pequeno ele ajudava seu pai em trabalho de roça ou ajudando seus irmãos mais novos, todos os habitantes de Poço de Pedra sempre eram unidos, e todos se respeitavam. A população era Humilde todas as pessoas eram próximas, cada lugar tinha sua vila Família ou de Amigos Próximos; na comunidade tinha um Padre bem amigo de sua família. Em um certo dia Chico já grande, ele se casa-se com Alícia, e o padre Antônio que fazia todas as ações na capela. O casamento foi composto só por amigos e família. 6 meses de casamento e tiveram o primeiro filho. E depois do primeiro filho tiveram mais de 7 Filhos, todos os Batizados o Padre Antônio que fez. O Padre Antônio, ele era um Homem muito Humilde, e gostava de todos.

Um certo dia Chico e sua esposa, decidiram há não ir as Festas da Padroeiro no sítio, porque estavam sem condições para compra roupas; pois as roupas que eles tinha já haviam usados dois anos nas festas, e as roupas já estavam pequenas e rasgadas. Ao terminar a conversa com a Alicia, chegam amigos para fazer convites, pra serem padrinhos dos Filhos de João. Eles ficaram sem reação, mais aceitaram o convite, mesmo sem saber o que fazer. Passaram dois dias pensando em como dizer não, mais pensaram bem e aceitaram. O Padre soube do convite e de Falta de roupas. O Padre Antônio lhes mandou roupas usadas, mais novas. E batizaram as crianças, e ainda foram o resto das noites de novenas com as roupas que ganharam.

Chegou a época das secas, e a comunidade passou a usar mais frequentemente as águas do riacho Santana. As Águas pegava Poço de Pedra, Catingueira, Riacho de Santana entre outros sítios [...].

Os Animais morreram a cada semana, dando prejuízos aos donos dos bichos e além das mortes as plantações acabava se perdndo por falta de chuvas; A população acabou tendo que fazer Poços aterrados. muitas pessoas tiveram doenças por causa da seca, dando Febres e gripes, o que ajudava as pessoas de antes eram os remédios naturais. Familiares de Chico Perderam as Plantações de cana de Açucar, Plantações de Arroz, Milhos, Feijão e Capim Alimentos para os animais e pros seres humanos. O Rio Santana foi diminuído por conta da

falta de Água. As pessoas começaram a ter prejuízos, até nas lavagens de roupas que eram nos rios próximos, as casas, Árvores ficaram sem suas folhas e por conta da Falta de Água pessoas saíram para o Maranhão, principalmente “meus tios” que morreram por lá, mais construído famílias e terras. A população já acostumada com A seca, nos meses de maio no ano de 80 tivemos a maior enchente na comunidade onde Foi bom para os rios tomarem água, bom para as plantações e a criação de Famílias. Mesmo que a água trazia dificuldades como as pessoas irem pras escolas passando dentro dos rios, onde As pessoas que não sabia nada iam de canoa ou encima de Animais como cavalos, que eles juntos com os donos levavam as vacas pras roças, Barrancos sangraram fazendo com que os rios, lagos, acudes e poços peguem água. O conjunto das chuvas em toda comunidade Fazia com que o sítio ficasse frio a noite.

Depois dessa última enchente, não teve mais fortes como elas, só chuvas Fracas, mais Boas; Hoje em 2019 os rios estão secos mais recebemos chuvinhas dando pra planta. Hoje já sou Avô e Bizavô, e não trabalho mais nas roças, só esperar pra conta mais de suas Histórias.

No conto “De velhos tempos”, vemos que a aluna/oradora possui conhecimento o gênero trabalhado, pois contempla em seu texto as partes constituintes do gênero conto quando desenvolve uma temática local que é a seca, um conflito, utiliza uma linguagem clara, com traços de informalidade e a estrutura composicional: introdução, desenvolvimento e conclusão. A aluna/oradora apresenta as três partes constituintes do conto: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, a aluna/oradora apresenta a comunidade onde morava, a família de Chico desde seu nascimento até o seu casamento. Relata ainda as características dos habitantes de Poço de Pedras. No desenvolvimento narra três episódios ocorridos. Primeiro, a situação de dificuldades da família de Chico que foi resolvida por doação do Padre da comunidade. Em seguida narra a seca ocorrida e a importância das águas do riacho Santana neste período e as consequências desta seca. Por fim, narra a maior enchente ocorrida no ano de 80. A aluna/oradora conclui o conto dizendo que esta foi a maior enchente e que depois só houve chuvas fracas, porém boas e como está a situação no ano atual, 2019.

Neste conto a aluna/oradora defende a tese que todos os habitantes de Poço de Pedras sempre eram unidos e todos se respeitavam e que a comunidade era formada por famílias ou amigos próximos. Podemos identifica-la no seguinte excerto: *Todos os habitantes de Poço de Pedras sempre eram unidos e todos se respeitavam. A população era humilde, todas as pessoas eram próximas, cada lugar tinha sua vila, família ou de amigos próximos*”. Nesta tese podemos identificar a importância da memória coletiva para a história do município. Vimos que o conto é baseado na memória individual, história de vida de Chico, mas é constituída da memória coletiva, pois além de descrever características dos habitantes da comunidade, narra acontecimentos ocorridos nesta comunidade que interfere na vida de todos que nela habitam.

Para justificar sua tese, a aluna/oradora utiliza os argumentos de causalidade e de superação. No argumento de causa e consequência, ela coloca que as águas do riacho Santana foram diminuindo por conta da falta de chuvas, o que trouxe grandes prejuízos para a comunidade, vejamos no trecho: *“O riacho Santana foi diminuindo por conta da falta de águas. As pessoas começaram a ter prejuízos até nas lavagens de roupas que eram nos rios próximos as casas, árvores ficaram sem suas folhas e por conta da falta de água pessoas saíram para o Maranhão*”. Quando a aluna/oradora recorre ao argumento de causa e consequência, tem por intuito valorizar um acontecimento, neste caso, as consequências da falta de água no riacho, desde prejuízo nas lavagens de roupas até a migração de pessoas para outras localidades.

Ela recorre o argumento de superação para descrever as mudanças ocorridas com as chuvas no ano de 80, como mostra no trecho: *“Nos meses de maio no ano de 80 tivemos a maior enchente na comunidade, onde foi bom para os rios tomarem água, bom para as plantações e as criações de famílias”*. A aluna/oradora utiliza, ainda, os argumentos de ilustração e de comparação, pois ao mesmo tempo que ela descreve o cenário no período de seca e no período de chuvas, faz uma comparação entre esses períodos, e tem a intenção de instigar a imaginação do auditório acerca de suas lembranças e despertar neste o contraste entre os períodos descritos.

A aluna/oradora mobiliza alguns valores para sustentar sua tese, dentre eles: humildade, união, comunidade, família, dificuldades, seca, prejuízos, chuva. A humildade, união e comunidade são expressos no trecho: *“Todos os habitantes de Poço de Pedras sempre eram unidos e todos se respeitavam”*. O valor de família fica implícito em vários momentos do conto e o de dificuldades no trecho: *“Um certo dia Chico e sua esposa decidiram não ir as festas da Padroeiro do sítio porque estavam sem condições para comprar roupas, pois as roupas que eles tinha já haviam usados dois anos nas festas e as roupas já estavam pequenas e rasgadas”*. O valor da seca e dos prejuízos são identificados no excerto: *“Chegou a época das secas e a comunidade passou a usar mais frequentemente as águas do riacho de Santana. Os animais morreram a cada semana, dando prejuízos aos donos dos bichos e além das mortes as plantações acabava se perdendo por falta de chuvas”*. Por fim o valor das chuvas que trouxe transformação para o cenário da seca e melhoria de vida para os habitantes. Vejamos: *“Nos meses de maio no ano de 80 tivemos a maior enchente na comunidade, onde foi bom para os rios tomarem água, bom para as plantações e as criações de famílias”*. O valor da comunidade assume o topo da hierarquia, pois em todo o texto, a aluna/oradora caracteriza a comunidade e alguns membros desta, como o padre Antônio que sempre ajudava a todos.

Dentre os lugares da argumentação, observamos o lugar de essência e de pessoa. A aluna/oradora recorre aos lugares de essência e de pessoas quando coloca que a comunidade era sempre unida, demonstrando o quanto a união dos membros da comunidade era importante para o desenvolvimento desta. Deste modo a união se torna essencial para a comunidade que dá valor aos seus membros, lutando juntos pela melhoria de vida de todos, como demonstra no texto *“Todos os habitantes de Poço de Pedras sempre eram unidos e todos se respeitavam”*. A aluna/oradora apresenta uma narrativa que tenta envolver as paixões do auditório, quando narra as dificuldades enfrentadas pela comunidade no período de seca, expondo, inclusive, a situação da família de seu Chico que não tinha roupas novas para

participar das novenas da festa de padroeiro e pra ser padrinhos dos filhos de João e o padre Antônio conseguiu roupas para eles, o que mobiliza a sensibilidade do auditório, fazendo com que os acontecimentos se tornem mais próximos deste, comovendo as emoções, o que facilitará a adesão do auditório.

QUADRO 13 – Processos Argumentativos no Conto 07

Conto	Processos Argumentativos			
	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
De velhos tempos	Todos os habitantes de Poço de Pedras sempre eram unidos e todos se respeitavam e a comunidade era formada por famílias ou amigos próximos	Causa	Comunidade	Essência
		Superação	União	Pessoa
		Ilustração	Humildade	
		Comparação	Família	
			Dificuldades	
			Seca	
			Prejuízos	
		Chuvas		

O quadro 11 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “De velhos tempos”. O aluno/orador ao defender a tese “Todos os habitantes de Poço de Pedras sempre eram unidos e todos se respeitavam e a comunidade era formada por famílias ou amigos próximos” mobiliza valores abstratos e concretos, sendo os concretos mais utilizados. Dentre eles a comunidade e a união assumem o topo da hierarquia, figurando lugar de essência e de pessoa. No que diz respeito às técnicas argumentativas, percebemos que o aluno/orador recorre aos argumentos quase-lógicos por comparação; aos argumentos baseados na estrutura do real, por meio de causa e consequência e de superação; e, aos argumentos que fundamentam a estrutura do real por meio da ilustração.

Conto 08

A história de Dona Francisca

Dona Francisca é uma senhora que mora no sítio Tabuleiro do Padre, tem 80 anos de idade. Ela tem uma propriedade nas margens do riacho Santana, onde ela plantava arroz, feijão, milho e etc. Essas terras eram herança de seus pais e do seu falecido marido.

Dona Francisca tem 6 filhos Sônia, Gilvânia, Gilvaneudo, Euda, Elias e Valdiane.

Nos locais perto do riacho Santana no sítio Tabuleiro do Padre um dos primeiros moradores da comunidade foi Manoel Ferreira. Depois dele vir para lá mais e mais começaram a vir para esta comunidade.

Nos tempos de 1930 a 1980, quando no Nordeste chovia de verdade, quase todo ano o riacho Santana descia com água de Luís Gomes até o açude da Gangorra.

Ocorreu muitas transformações no riacho Santana de uns 30 anos atrás pra cá. O riacho nunca viu enchente grande, o riacho se transformou muito por conta da seca, desmatamento nas margens para criar pastos para as criações de gado, a retirada de árvores de grande porte nas margens do riacho como a “oiticica”, o aterramento de poços, a poluição entre outros problemas.

Nos últimos 10 anos com a grande seca não passou uma enchente no riacho, por falta de chuva as plantações morreram, os poços que acumulavam água ao longo do riacho diminuíram bastante.

Uma das árvores que ajuda muito o riacho é a oiticica, muitas foram e ainda são derrubadas para liberar espaço para os donos das terras fazerem suas plantações e para criar pasto para o gado.

A oiticica é uma árvores que ajuda o riacho impedindo que a terra desça e aterre, o sol não bater direto na água ela não evapore mais rápido.

Existia no sítio Caiçara um poço conhecido como poço de tia Nenem, mas ele já desapareceu.

Teve dois fatos marcantes para o riacho Santana, uma grande enchente que houve em 1955 e uma grande seca em 1993.

No conto “A história de Dona Francisca”, vemos que a aluna/oradora possui conhecimento o gênero trabalhado, pois contempla em seu texto as partes constituintes do gênero conto quando desenvolve uma temática local, o riacho Santana, um conflito, utiliza uma linguagem clara, com traços de informalidade e a estrutura composicional: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, o aluno/orador apresenta a personagem Dona Francisca, o lugar onde esta mora, suas plantações e seus 6 filhos. Logo em seguida apresenta mais um personagem, Manoel Ferreira, como um dos primeiros habitantes do sítio Tabuleiro do Padre. No desenvolvimento o aluno/orador começa a falar das transformações ocorridas no riacho Santana nos últimos 30 anos. Para finalizar o conto, o aluno/orador fala de duas datas marcantes para o riacho Santana, 1855 com uma grande enchente e 1993 com uma grande seca.

Neste conto o aluno/orador defende a tese que o riacho Santana passou por muitas transformações, principalmente nos últimos 30 anos. Essa tese é identificada no trecho: *“Ocorreu muitas transformações no riacho Santana de uns 30 anos atrás pra cá”*.

Para sustentar sua tese, o aluno/orador utiliza os argumentos de causalidade e de comparação. O argumento de causalidade, quando coloca que a seca, o desmatamento e o aterramento de poços e a poluição foram responsáveis pelas maiores transformações ocorridas no riacho Santana. Esses elementos causaram as transformações no riacho, vejamos: *“O riacho se transformou muito por conta da seca, desmatamento nas margens do rio para criar pasto para as criações, a retirada de árvores de grande porte nas margens do riacho como “oiticica”, o aterramento de poços, a poluição entre outros problemas”*. O argumento por comparação é utilizado quando o aluno/orador confronta os momentos de grandes chuvas com os de período de seca, no intuito do auditório distinguir as diferenças e assim, aderir a tese defendida.

O aluno/orador mobiliza alguns valores para sustentar sua tese, dentre eles: transformações, riacho Santana, seca, desmatamento, aterramento, poluição, oiticica. Esses valores são evocados para mostrar a importância do riacho que ao longo de muitos anos se transformou por questões naturais, seca, e também pela ação do homem que desmata, aterra e polui. Isso é identificado no trecho: *“O riacho se transformou muito por conta da seca, desmatamento nas margens do rio para criar pasto para as criações, a retirada de árvores de grande porte nas margens do riacho como “oiticica”, o aterramento de poços, a poluição entre outros problemas”*. Assim, o riacho Santana assume o topo da hierarquia de valores, tendo em vista que todos os acontecimentos giram em torno do riacho.

Os lugares da argumentação acionados são de essência. O aluno/orador recorre ao lugar de essência para mostrar a importância de preservação do riacho Santana, que considera essencial para a vida das pessoas até hoje, mostrando o desaparecimento de poços nos sítios próximos, como aponta no excerto: “*Existia no sítio Caiçara um poço conhecido como Poço de tia Nenem, tinha esse, mas ele já desapareceu*”. É um alerta que o aluno/orador faz a todos, se não preservarem esse riacho, muitos poços desaparecerão.

QUADRO 14 – Processos Argumentativos no Conto 08

Conto	Processos Argumentativos			
	Tese	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
A história de Dona Francisca	O riacho Santana passou por muitas transformações	Causalidade	Riacho Santana	Essência
		Comparação	Transformações	
			Seca	
			Desmatamento	
			Aterramento	
			Poluição	
			Oitica	

O quadro 12 ilustra a síntese dos processos argumentativos identificados no conto “A história de Dona Francisca”. O aluno/orador formula sua tese “O riacho Santana passou por muitas transformações” levando em consideração a importância que o riacho tem para comunidade e que o mesmo passou por muitas transformações durante os últimos anos. Para defender sua tese foram mobilizados valores abstratos e concretos, sendo os concretos mais utilizados. Neste o riacho Santana assume o topo da hierarquia, figurando o lugar de essência. No que diz respeito às técnicas argumentativas, percebemos que o aluno/orador recorre aos argumentos quase-lógicos por comparação; e, aos argumentos baseados na estrutura do real, por meio da causalidade.

Ao considerarmos os 08 contos analisados nessa pesquisa, percebemos que os mesmos são indissociáveis, uma vez que todos corroboram e constituem a história e a memória da constituição da comunidade de Riacho de Santana. As competências e habilidades para a

produção de um texto escrito argumentativo envolvem, dentre outros saberes, a capacidade de organização das ideias, por parte do produtor do texto, de modo a vincular um acordo mútuo entre o interlocutor e as ideias a serem defendidas. Em outros termos, envolve a organização das técnicas argumentativas a serem empregadas no discurso, com vistas à adesão ao auditório.

As análises demonstraram que os alunos/oradores mobilizaram as três técnicas argumentativas pertencentes ao grupo de argumentos que associam as noções, sendo eles: os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e, os argumentos que fundamentam a estrutura do real.

Dos argumentos baseados na estrutura do real, que representam a maior incidência, as técnicas mais utilizadas foram o argumento de causa e consequência, de superação e o pragmático. Dessa forma, consideramos que ao apresentarem suas teses sobre o riacho Santana e a formação do município de Riacho de Santana os alunos/oradores sempre têm pretensões de basear os fatos e acontecimentos a uma realidade próxima ao senso comum do auditório. Em relação aos argumentos que fundamentam a estrutura do real, verificamos que a técnica utilizada foi o argumento por ilustração, em que os alunos/oradores buscam por meio de percepções particulares, fundamentar uma realidade universal em que o auditório possa acreditar e aderir ao discurso, já que se trata de casos concebidos como verdade universal. Por último, o grupo de argumentos que apareceram com menor intensidade foram os argumentos quase-lógicos, por meio de comparação, único argumento do grupo que foi mobilizado. Com essa incidência, podemos levantar a hipótese de que os alunos/oradores recorrem às comparações para gerir o raciocínio formal do auditório, isto é, a partir das comparações, os alunos/oradores permitem com que o auditório possa contrastar diferentes contextos.

Quanto aos valores e as hierarquias, percebemos que os mais recorrentes são família, amor, apego, dificuldades, trabalho, riacho Santana, secas, enchentes, que em sua maioria são retirados do lugar de essência e de pessoa. Outros lugares acionados foram o do existente, de ordem, de qualidade e de quantidade.

Contudo, podemos perceber que os processos argumentativos que sustentam as teses reveladas nas produções dos alunos sobre o riacho Santana e a comunidade de Riacho de Santana, nos possibilita compreender os modos de vida das pessoas que ajudaram a construir o município de Riacho de Santana e nos permite resgatar a história e os modos de vida de todo o município em estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo de nosso trabalho, refletiremos os resultados obtidos após aplicação da atividade interventiva, mais precisamente, com a análise das produções textuais dos alunos do nono ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professora Maria Angelina Gomes de Riacho de Santana.

Nos propomos nesta dissertação analisar as teses, técnicas, hierarquização de valores e lugares da argumentação em contos produzidos por alunos do ensino fundamental de uma escola pública durante a atividade interventiva trabalhada durante o ano de 2019. Esses contos foram produzidos tendo como base as entrevistas realizadas com idosos, de diversos setores do município de Riacho de Santana, sobre a história do riacho Santana que deu nome ao município.

O trabalho em sala de aula com uma turma do ensino fundamental adveio do PROFLETRAS, mestrado que tem como objetivo melhorar o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa do ensino fundamental das escolas públicas em todo país. Do mesmo modo, a pesquisa colabora com os estudos do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto, mais especificamente à linha “estudos de processos argumentativos”, já que nos propomos a investigar processos argumentativos em produções de contos sobre a comunidade Riacho de Santana, contribuindo para os estudos do texto e do discurso e, conseqüentemente, para a produção científica. Assim sendo, esse trabalho contribuiu de forma significativa para nossa formação, enquanto professores, no sentido de nos proporcionar desenvolver uma educação libertadora, tendo como referência Paulo Freire, buscando articular a cultura local com a produção textual e a argumentação. Mas ele foi muito além, pois não só despertou o interesse de nossos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa, mas permitiu a estes conhecer a história da origem do município a partir do riacho que dá nome a cidade, possibilitando-os refletir acerca desta história e conseqüentemente questionar e transformar a realidade que vivenciam. Esse estudo nos permitiu conhecer a história de cada aluno, pois no momento em que os mesmos ouviam os idosos das variadas localidades do município, ouviam suas próprias origens, descobriam a importância do riacho na vida dos moradores e muitos se encantaram com as histórias de vidas desses idosos, que em sua maioria eram parentes próximos.

A presente pesquisa foi guiada por alguns questionamentos envolvendo os processos argumentativos, a memória coletiva, o ensino de produção textual articulado às questões da cultura local e as contribuições dos aspectos argumentativos na produção de contos. De forma específica questionávamos sobre: a) Como a argumentação se faz presente nas produções

textuais dos alunos do nono ano de uma escola pública em Riacho de Santana? b) De que forma os valores contribuí para o registro da história do riacho Santana e a formação do município de Riacho de Santana? c) Qual a importância de trazer para o ensino de produção textual nas aulas de Língua Portuguesa temas com foco na cultura local considerando as memórias individuais e coletivas?

Os questionamentos nos levaram a construir nossos objetivos para que assim pudéssemos encontrar as respostas pertinentes. Nesta construção passamos a ter como objetivo geral analisar processos argumentativos presentes em contos produzidos por alunos do ensino fundamental sobre memórias de idosos acerca do riacho Santana que deu origem ao município de Riacho de Santana/RN. Para tanto, traçamos três objetivos específicos que contribuíram de maneira fundamental para alcançarmos o objetivo geral e realizarmos as análises desejadas. Os objetivos específicos foram:

- Investigar as teses, técnicas e os lugares da argumentação na produção de contos;
- Observar como os valores argumentativos hierarquizam memórias coletivas sobre o riacho Santana, considerando a hierarquização de valores do riacho para a população nas produções textuais dos alunos;
- Compreender as memórias individuais e coletivas acerca do riacho Santana utilizadas pelos alunos nas produções dos contos;

Para alcançar esses objetivos, escolhemos o conto como o texto a ser desenvolvido na intervenção, cuja temática é a história do riacho Santana que deu origem ao município de Riacho de Santana. Tivemos como sequência didática para nortear nossa intervenção o tema gerador de Paulo Freire. A intervenção foi dividida em sete oficinas.

As oficinas aconteceram de forma lúdica e reflexiva, onde os alunos se apropriaram das características discursivas e linguísticas do gênero conto em situações reais e isso contribuiu para a escrita dos textos. Foi nas oficinas que os alunos também perceberam a importância de estudarem uma temática local, aproximando-os da realidade do lugar onde vivem, na escolha do tema gerador, até as conversas e entrevistas que os alunos tiveram com os idosos dos diversos setores do município.

O gênero discursivo/textual escolhido deu ao aluno a possibilidade da aproximação com as pessoas mais idosas do município e de contar um pouco da história dessas pessoas que viveram no município desde sua origem. O que compreendemos que tornou a escrita dos contos mais fácil e mais prazerosa. Mesmo porque, sabíamos das dificuldades dos alunos na produção textual escrita. Foi preciso acompanhar bem de perto o processo de escrita para que os alunos pudessem escrever seus contos usando os recursos estilísticos da linguagem para

que o texto não passasse de simples relatos, pois julgamos que a oficina que apresentou o gênero conto, sua estrutura composicional, bem como suas características, não seria suficiente para que os alunos, de maneira geral, conseguissem escrever um conto de modo satisfatório. Assim, observamos nas produções que alguns alunos conseguiram produzir contendo essa estrutura composicional e suas características, mas em sua maioria não o fizeram.

A aproximação dos alunos com os idosos realizada na intervenção proporcionou a identificação de valores, sentimentos e emoção contidos nas lembranças dos idosos, mostrando a importância da valorização e também do registro dessas lembranças, pois é preciso manter viva a história do lugar onde moram. Foi um momento marcante para os alunos, pois os mesmos não têm essa prática de vivenciar situações dessa natureza. Interessante notar o envolvimento emocional dos alunos com essas histórias contadas, alguns se emocionaram a apresentar as entrevistas e muitos deixam explícitas nos contos. O apego e o amor pelo lugar, o zelo pela família, o trabalho como garantia do sustento familiar, o respeito pelos mais idosos e pelos pais, a saudade de um tempo que não volta mais.

Como resultado da nossa intervenção tivemos a produção de trinta e seis contos, dentre os quais escolhemos oito para fazer as análises, levando em consideração os que mais se aproximaram das características do gênero escolhido.

Dado o momento da escrita dos textos, percebemos que nossos objetivos foram alcançados e nossas questões obtiveram as respostas necessárias para realização desta pesquisa. Confirmamos a presença da argumentação nos contos, tendo em vista que conseguimos identificar e analisar cada um dos processos argumentativos já definidos. Sendo assim, para a produção dos contos por nós interpretados, os alunos/oradores fizeram uso de teses, técnicas, lugares da argumentação e apresentaram hierarquia de valores. Estes processos argumentativos contribuíram significativamente com a qualidade dos textos produzidos, tornaram as histórias mais envolventes, reais e convincentes para os possíveis leitores. Dessa forma, percebemos que a aprendizagem das técnicas argumentativas permitiu aos alunos a compreensão de como argumentar com a modalidade escrita da língua, a inserção de situações reais de comunicação por meio dos gêneros textuais socialmente utilizados, bem como o exercício da participação social dentro de uma sociedade letrada. Assim, o uso dos processos argumentativos se faz necessário nos diversos contextos diários que vivenciamos, nas diversas situações, sejam informais, não-formais e formais.

Ao trabalhar com a modalidade argumentativa, a escola oferece ao aluno a oportunidade de refletir acerca do poder do discurso e da argumentação, elaborar teses, organizar argumentos a favor ou contra determinada situação, saber identificar as reais

intenções presentes nos discursos alheios, saber usar melhor a própria linguagem em seu benefício e/ou em benefício dos outros e perceber o exercício da linguagem como instância de sua constituição como sujeito.

Vejamos o quadro resumo desses processos utilizados.

QUADRO 15: Resumo dos Processos Utilizados nos Contos

Conto	Teses	Técnicas	Hierarquia de Valores	Lugares da Argumentação
A vida de antigamente	O povoamento do município de Riacho de Santana se deu às margens do riacho Santana.	Comparação Ilustração	Riacho Santana Família Trabalho Paisagem natural Paisagem construída Prejuízos Perda do arroz e do algodão Preservação do riacho	Essência Existente Ordem
Há muito tempo	Vamos às margens do rio Santana em busca de ter algumas facilidades	Ilustração Causalidade Enumeração Superação Comparação	Amizade Apego Sofrimento Choro Trabalho para garantia do alimento/agricultura Amabilidade	Essência Pessoa
O que aconteceu na grande enchente	O lugar onde mora, vizinho ao riacho Santana, tem lindas paisagens	Ilustração Comparação Causalidade Contradição e Incompatibilidade	Amor Simplicidade Carinho Desespero Trabalho Família Prejuízo Derrubada das árvores	Essência Qualidade
Sacrifício como prova de amor	A seca ocorrida no lugar onde moravam levou a família a partir em busca de um lugar melhor	Causalidade Pragmático Superação	Sacrifício Apego Dor Prova de amor Gratidão Família	Essência Quantidade Pessoa
Um ano marcante	A família passava por dificuldades com a doença da mãe e acreditava que com uma boa	Causalidade Pragmático	simplicidade família dificuldades doença da mãe trabalho	Essência Pessoa Ordem

	colheita do arroz poderia ajudar no tratamento da mãe		prejuízos morte	Existente
O período da seca	A família se reunia aos sábados e domingos para tomar banho no açude do avô, mas tudo mudou com o período da seca.	Causalidade	Simplicidade Beleza Contato com a natureza Alegria Família Seca Preocupação Trabalho Prejuízos	Essência Pessoa Qualidade
De velhos tempos	Todos os habitantes de Poço de Pedras sempre eram unidos e todos se respeitavam e a comunidade era formada por famílias ou amigos próximos	Causalidade Superação Ilustração Comparação	Comunidade Humildade União Comunidade Família Dificuldades Seca Prejuízos Chuvas	Essência Pessoa
A história de Dona Francisca	O riacho Santana passou por muitas transformações	Causalidade	Riacho Santana Transformações Seca Desmatamento Aterramento Poluição Oitocica	Essência

Compreendemos também que o ensino de Língua Portuguesa tendo o texto como suporte para aprendizagem e a cultura local como conteúdo, contribuiu com os valores sociais e éticos (respeito, honestidade, trabalho entre outros) na formação dos alunos, constatamos pelos discursos apresentados pelos alunos, pois deu ao aluno a oportunidade de investigar a história do lugar e de se posicionar sobre ela, não somente nos textos escritos em sala de aula, mas perante sua vivência em comunidade.

Foi possível também observarmos o quanto a memória individual de cada idoso constrói a memória coletiva deste município. As histórias pessoais se entrelaçam as de enchentes e secas que marcaram as comunidades, que contadas por diversos idosos, nos fazem ter um olhar coletivo dos acontecimentos da história do riacho Santana. Em suas produções, os alunos/oradores narram um modo de vida, costumes, valores diferentes dos de hoje. Muitas produções fazem essas comparações, quando em sua maioria, retratam saudade de uma época em que a simplicidade e a família eram pilares elementares da vida. O contato e a preservação

com a natureza, quando em todos reconhecem a importância do riacho para o sustento da família. A tristeza quando reconhecem que o riacho não foi preservado e hoje a natureza se encarrega de dá respostas ao desmatamento feito às margens do riacho.

Cabe aqui colocar que o município instituiu o dia municipal de defesa do rio Santana. A Lei nº 0295/2007 de 19 de outubro de 2017, fixa a data de 09 de maio de cada ano como o “DIA MUNICIPAL DE DEFESA DO RIO SANTANA”, “tem como objetivo, dentre outros chamar atenção para a realidade do Rio Santana, considerando seu nível de assoreamento, volume de água e preservação da mata ciliar, enfatizando a necessidade de ações a serem desenvolvidas para sua recuperação”. Acreditamos que os projetos apresentados pela Escola Estadual Professora Maria Angelina na Feira de Ciências nos anos de 2016 e 2017 mostrando a real situação do riacho tenha contribuído para esta iniciativa do poder público. Isso nos faz acreditar no poder que a educação tem de transformação da realidade, mas também da nossa responsabilidade enquanto formadores de sujeitos capazes de criticar e agir em função de uma sociedade mais justa e igualitária, um lugar melhor para viver.

Ressaltamos desta forma a relevância deste trabalho para os estudos referentes a argumentação, pois contribuiu de forma significativa para o ensino da argumentação em produção de texto, considerando a cultura local e a especificidade do gênero conto. Deixa sua parcela de contribuição também para a educação, quando discutimos a necessidade de uma educação libertadora, que instiga no aluno a criticidade, autonomia para agir em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Para o município, alunos e idosos que participaram de todo trabalho concretizado com proficuidade, deixa o registro da história de um povo marcado pelos desafios e conquistas trilhados ao longo de anos para construir o município de Riacho de Santana.

Esperamos que este trabalho sirva de incentivo para que outros estudos venham a se desenvolver, pois se faz necessário a continuação de práticas que buscam desenvolver uma educação libertadora, um ensino significativo, principalmente no que diz respeito as produções escritas nas aulas de Língua Portuguesa e que buscam na argumentação o alicerce para a formação de discursos concisos e proficientes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- ALMEIDA, Lúcia Maria de. **Ensino com gênero conto: contribuições da análise de discurso crítica para a implementação da Lei 10.639/03**. Uberlândia-MG, 2015. 115 p.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução de Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. 1925. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BESSA, Clécida Maria Bezerra. **Argumentação e Letramento nas Aulas de Produção de Textos do 5º Ano do Ensino Fundamental**. João Pessoa: [s.n.], 2010.
- BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. 1 ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BOSI, Alfredo (org). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social**. 3. Ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Viviana. **Ficções: leitores e leituras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BRANDÃO, V. M. A. T. **Labirintos da memória: quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasil: MEC/SEF, 2001.
- BRETON, P. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 2003
- CÂNDIDO, Antônio. **A Educação Pela Noite e Outros Ensaio**. São Paulo: Ática, 1987.

CLARA, R.A.; ALTENFELDER, A. H. ALMEIDA, N. **Se bem me lembro**: caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec. 2010.

CHAUI, M. **Convite a filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Laerton Bernardino da. **Análise e proposta de zoneamento geoambiental da sub-bacia hidrográfica do riacho Santana, sudoeste do Rio Grande do Norte**. Sobral. 2015. 135p.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães (coord. da trad.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNÁNDEZ, Gretel Eres (Coord.). **Gêneros Textuais e Produção Escrita**. São Paulo: IBEP, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

IDE, P. **A arte de pensar**. 2 ed. Tradução de P. NEVES. São Paulo: Martins Fontes, 2000;

IDEMA, Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio ambiente. Perfil do seu município. Natal: Rio Grande do Norte 2012. Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br>.

JIMÉNEZ-ALEIXANDRE, M. P. Designing argumentation learning environments. In: ERDURAN, S.; JIMÉNEZ-ALEIXANDRE, M. P. Argumentation in science education: perspectives from classroom-based research. Dordrecht: Springer, 2007. p. 91-115.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. 1.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 34. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEAL, T. F. & MORAIS, A. G. de. **A argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 1ª edição.

LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno:1922-1982. In: COSTA, Luiz, et al. **O livro do seminário**. São Paulo: Nestlé/L.R. Editores, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife: UFPE. 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEYER, M. **A retórica**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **O ensino da argumentação nos processos de leitura e de análise linguística na educação básica**. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v.13, n.2, 2015, p. 397-434.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **O ensino da argumentação na leitura, na produção textual e na análise linguística: reflexões teórico-propositivas**. Revista do GELNE, Natal/RN, Vol. 17 Número 1/2: 159-183. 2015.

OLIVEIRA, M.M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. revista e atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASSARELLI, L. G. Ensino e correção na produção de textos escolares. São Paulo: Teles, 2012.

PEREIRA, José Jarbas de Carvalho. BEZERRA, Josué Alencar. **Uma leitura sobre a agricultura familiar e práticas rurais nas comunidades de gameleira e poço da pedra, em Riacho de Santana-RN**. Revista GEOtemas, Pau dos Ferros, v.1, n.2, p.19-34, jul./dez., 2011.

PERELMAN, C.; OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução GALVÃO, M. E. A. P. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PLATÃO F.; FIORIN, J.L. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1990.

POE, Edgar Allan. **Review of Twice told tales**. 1842.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROJO, Roxane & MOURA, Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SELLA, Aparecida Feola; BUSSE, Sanimar; CORBARI, Alcione Tereza (orgs). **Argumentação e Texto: Revisitando Conceitos, Propondo Análises**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

SEMARH. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos. **Bacias hidrográficas**. Disponível em: <http://www.semarh.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/semarh/sistemadeinformacoes/consulta/cBacia.asp>.

SILVA, Camilo Rosa (org). **Ensino de Português: demandas teóricas e práticas**. João Pessoa: Ideia, 2007.

SILVA, Francisca Carlene da. **Memórias Literárias de Riacho de Santana: argumentação em produções textuais no ensino de português**. Pau dos Ferros - RN, 2018. 151p.

SILVA, Luiz Felipe [s.d.]. **A importância do conto**. Disponível em: <http://adelaidegananca.blogspot.com/2014/09/a-importancia-do-conto-luiz-felipe-silva.html>

SOUSA, A. **A persuasão: estratégias da comunicação influente**. Rio de Janeiro: Nordica, 2003.

SOUSA, Polliane Santos de. **Argumentação centrada em questões sócio científicas e educação problematizadora: possibilidades para o ensino de ciências**. Ilhéus, BA: UESC, 2015. 148 f.

SOUZA, G. S. **O Nordeste na mídia: um (des)encontro de sentidos**. 2003, 398 p. Tese (doutoramento). Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, 2003.

SOUZA, G. S. **Argumentação no discurso: questões conceituais**. In: FREITAS, A. C.; RODRIGUES, L. R.; SAMPAIO, M. L. Linguagem, discurso, cultura: múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros - RN: Queima-bucha, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória**. Educar em Revista, n. 27, p. 93-110, 2006.

ANEXOS

TEXTOS UTILIZADOS NA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO

Felicidade Clandestina – Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.”Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Chapeuzinho Vermelho

(Irmãos Grimm)

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe. A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geléia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geléia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pêlo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina — disse com voz doce.

— Bom dia — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho

. — Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma idéia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chegar primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três, e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolhera para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geléia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca, e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre vovozinha, antes que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho. A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o vôo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geléia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

— Puxe o trinco, e a porta se abrirá.

— Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta.

O lobo estava escondido, embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

Coloque as broinhas, a geléia e a manteiga no armário, minha querida netinha, e venha aqui até a minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.

Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu?

O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cabritinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador que arrumou tudo bem direitinho, dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, se esconderam entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó?

Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém, e vá em frente pelo seu — caminho”.

A FESTA NO CÉU

Espalhou-se entre a bicharada que haveria uma festa no céu e só compareceriam as aves porque podiam voar. Isso começou a fazer inveja aos animais e outros bichos incapazes de voar. Mas, teve um que não se deu por satisfeito, e dizia a todos que também ia à festa... Imagine quem? O sapo! Isso mesmo, o sapo! Logo ele, gorducho, que nem uma carreira era capaz de arriscar, achando-se capaz de aparecer naquelas alturas. Pois, afirmava que fora convidado e que ia, chovesse ou fizesse sol. Os bichos só faltavam morrer de rir. Calcule os pássaros.

Entretanto, o seu sapo tinha um plano. Na véspera, foi até a casa do urubu para uma boa prosa, depois de prosearem bastante, disse:

— Bem, amigo urubu, quem é coxo, parte cedo; vou indo porque o caminho é comprido.

O urubu respondeu:

— Você vai mesmo?

— É claro que vou! Inté lá, sem falta!

Entretanto, em vez de sair, o sapo deu uma volta, entrou no quarto do urubu e, vendo a viola em cima da cama, meteu-se dentro dela, e ali ficou, todo encolhido.

Chegando a hora de partir para a festa, o urubu, pegou na viola, amarrou-a a tiracolo e bateu asas para o céu, rru-rru-rru...

Cegando ao céu, o urubu arriou a viola num canto e foi tagarelar com as outras aves. O sapo botou um olho de fora e, vendo que estava sozinho, num pulo ganhou o chão, todo satisfeito.

Vocês não imaginam o espanto que as aves tiveram ao verem o sapo, todo cheio de razão, pulando no céu. Queriam todas, saberem, como ele conseguiu chegar ali. Porém o sapo desconversava, e pulava pra frente. A festa começou e o seu sapo tomou parte com grande animação. Lá pela madrugada, tendo ciência que só podia voltar do modo que veio, foi se esgueirando para fora do salão e correu para o lugar onde o urubu havia deixado a viola.

O sal saindo, acabou-se a festa, e os convidados foram deixando o céu, voando para suas casas. O urubu, não fez por menos, agarrou a viola e tocou para casa, rru-rru-rru...

Ia pelo meio do caminho quando numa curva, o sapo deu uma esticada de perna e o urubu, espiando para dentro da viola, viu o amigo sapo lá no escuro, todo curvado, feito uma bola.

— Ah! Amigo sapo! É assim que você vai à festa no céu? Deixe de ser confiado...

E naquelas alturas emborcou a viola e o sapo despencou-se para baixo, zunindo que nem fecha. E dizia na queda:

— Béu-béu, se eu desta escapar, nunca mais festa no céu...!

Bateu em cima das pedras, como uma jaca madura, espatifando-se todo. Ficou em pedaços. Nossa Senhora, com pena de seu sapo, juntou os pedaços, e o sapo viveu de novo.

Por isso o sapo tem o couro todo cheio de remendos.

O PORÃO

Andy foi passar o fim de semana na nova casa dos tios. Ele adora visitá-los, pois Andy e seu primo Charlie são muito próximos. Eles costumam ficar acordados até tarde assistindo filmes de terror e contando histórias de fantasmas. A casa é grande e antiga, o contribui com um clima assustador. Entre uma história e outra, Charlie contava que ouvia sons estranhos, de como se alguém andasse pela casa, e que esses sons apareciam principalmente de madrugada. Andy brincava dizendo que era tudo invenção de Charlie.

Foi num sábado à noite que caiu uma tempestade, a forte chuva causou queda de energia no bairro. A tia de Andy procurou por velas, mas encontrou apenas uma, e se lembrou de ter guardado um pacote em uma caixa durante a mudança, e que essa caixa estava no porão da casa. Ela pediu para um dos garotos ir buscar as velas. Charlie disse que não desceria lá de jeito nenhum numa escuridão daquelas. Disse também que toda vez que descia até o porão sentia um forte arrepio. Andy então, depois de chamar Charlie de medroso, pegou uma pequena lanterna e disse que buscaria as velas. Charlie o provocou dizendo “cuidado lá embaixo, eles vão te pegar”. Andy sorriu, desceu as escadas e foi até algumas caixas que estavam em um canto. Enquanto procurava, ele escutou o som de passos na escada, e pensando que era seu primo, clareou com a lanterna, mas não havia ninguém descendo a escada. Andy se apressou em encontrar as velas, até que, depois de um tempo, achou o pacote. No momento que se preparava para voltar, Andy escutou o barulho de vários objetos caírem no chão. Ele iluminou o chão e notou haviam caído vários brinquedos que estavam numa prateleira. Nem deu tempo de se recuperar do susto, Andy começou a sentir um frio na espinha, parecia que havia alguém parado bem próximo as suas costas, e quando foi se virar deu de cara com uma terrível presença. Os gritos desesperados de Andy assustaram seus parentes, que desceram rapidamente até o porão. Eles encontraram Andy desmaiado. Depois de carregado para cima, Andy acordou dizendo que havia uma garota com ele lá no porão, que ela tinha uma aparência medonha e o segurou e o empurrou contra as caixas. Andy ficou com marcas avermelhadas no seu rosto.

Mais tarde, quando a energia foi restabelecida e seu tio chegou em casa, Andy ficou sabendo de mais acontecimentos inexplicáveis. Cada um deles já presenciou fenômenos estranhos. Tais como, objetos caindo, portas batendo, passos pela casa e até vozes. Disseram sentir um enorme desconforto ao descerem no porão. Charlie teve certeza de que aqueles sons que ouvia, era de algo sobrenatural.

Alguns dias depois, os tios de Andy souberam algo sobre os antigos moradores daquela casa. Descobriram que lá morou um casal com duas filhas, e que uma delas morreu depois de um ataque cardíaco. Ela morreu naquele porão enquanto estava de castigo.

Autor : Felipe AG

OS PASSOS PARA ELABORAÇÃO DE UM CONTO SÃO:

- . Encontrar um tema - não pode ser complexo. Deve-se inspirar no cotidiano.
- . Construir os personagens - todos os personagens devem cumprir uma função. Deve-se pensar em gostos, hábitos, pontos de vista, etc.
- . Definir o tempo - a narrativa deve ser no presente, futuro ou passado?
- . Escolher o ponto de vista - narrativa em terceira ou primeira pessoa? O narrador participa ou não da história?
- . Desenvolver a história - um conto é dividido em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

TIPOS DE CONTOS

- . **Conto de Ação:** A característica mais importante que a diferencia dos outros estilos de conto é a predominância da aventura, que é o centro da narrativa, unida aos personagens e desenvolvida com problematização até o clímax.
- . **Conto Acumulativo:** Também chamado de lengalenga, que se caracteriza pelo encadeamento sucessivo de uma mesma sequência de falas ou de ações. A cada repetição, junta-se mais um elemento, resultando, ao final uma longa enumeração.
- . **Conto de Animais:** São contos em que os animais são dotados de qualidades, defeitos e sentimentos humanos. A esperteza e a astúcia são as únicas armas de que um animal, sempre de porte pequeno, dispõe para enfrentar seu inimigo mais forte. Estruturalmente assemelham-se à fábula, pois há na história uma intenção moralizante. Os tipos mais representativos integram os ciclos do macaco e a onça, do coelho e o sapo ou o cágado, da raposa e a onça.
- . **Conto de Cenário:** Nele predominam o cenário e o ambiente sobre o enredo e os protagonistas.
- . **Conto Emocional:** Visa simular uma sensação no leitor, de terror, de pânico, de surpresa, etc. Frequentemente vem mesclado com o conto de ideia. Personagens, ação, ambiente, tudo nele converge para o objetivo principal, que é despertar uma emoção em quem lê. Apropriado à comunicação dos climas de mistério ou de medo.
- . **Conto de Encantamento:** Conto popular caracterizado pelo elemento sobrenatural ou fantástico, em que intervêm seres fabulosos, animais antropomórficos, objetos mágicos, etc.
- . **Conto de Enigma:** Em geral, os contos de enigma "apresentam" ao leitor algumas informações iniciais relacionadas ao tempo e ao espaço da narrativa. As narrativas de enigma se caracterizam, entre outros elementos, por apresentar um crime ou um mistério a ser desvendado. Por esse motivo, essas histórias, geralmente, apresentam a figura de um detetive ou de alguém que desempenha o papel de esclarecer o enigma, tornando-se um herói após desmembrar todo o "problema".
- . **Conto Erótico:** Utiliza o erotismo em forma escrita, para despertar ou instruir o leitor sobre as práticas sexuais. Pode também ser chamada de literatura pornográfica, se as cenas sexuais são realmente muito explícitas. O erotismo é relacionado ao amor, a inspiração vinda do amor. Diferente do pornográfico, onde há um apelo ao lado sexual.

- . **Conto Etiológico:** São contos inventados para explicar ou dar razão a origem de um aspecto, forma, hábito, disposição, propriedade, caráter de qualquer pessoa ou coisa.
- . **Conto de Exemplo:** São aqueles estruturados pelo antagonismo Bem versus Mal, em que um delito contra uma norma de caráter social conduz o desfecho da intriga para uma lição de moral. Recorrendo à sagacidade para inverter a situação de desvantagem, o réu, transforma-se em herói.
- . **Conto de Fada:** Os contos de fadas têm natureza espiritual, ética e existencial. Sua origem está ligada à cultura celta e retratam a história de heróis e heroínas, em narrativas ligadas ao sobrenatural e visavam à realização interior do ser humano.
- . **Conto Fantástico:** É uma das formas mais livres de escrever, pois permite a imaginação um vasto desenvolvimento. O conto fantástico é a construção de um mundo irreal, com situações improváveis e ações que transpassam a realidade além do humano.
- . **Conto de Ideia:** Nele o contista oferece ao leitor uma síntese, generalizada, das observações que a vida lhe permitiu fazer acerca dos homens e do mundo. O material de que se serve é o usual: personagens, história, ambiente, etc. Porém o objetivo é utilizá-los como instrumento para transmitir o que pretende: a ideia que está identificada com a ação e os personagens, isto é, em vez de escrever para a ideia, o ficcionista escreve um conto e nele embute a ideia.
- . **Conto Jocosos:** A palavra Jocosos, significa aquilo tem a função de provocar o riso principalmente através de gozação e zombaria. São contos que possuem a intenção de divertir, sua narrativa gira em torno de algo engraçado, uma comédia.
- . **Conto Maravilhoso:** São histórias sem a presença de fadas. Desenvolvem também num ambiente mágico (animais, gênios, plantas, objetos mágicos e duendes). Enfatizam a parte material, sensorial e ética do ser humano. Têm por objetivo a realização do herói ou da heroína mediante conquista de tesouro e outros bens materiais. Considera-se como Conto Maravilhoso toda a situação que ocorre fora do nosso entendimento da dicotomia espaço/tempo ou realizado em local vago ou indeterminado na Terra. Tais fenômenos não obedecem às leis naturais que regem o planeta.
- . **Conto de Mistério:** A narrativa se estrutura de forma a criar expectativa e suspense; Os ambientes retratados são sombrios, noturnos, macabros, mórbidos, povoados por indivíduos melancólicos, pessimistas, sem perspectivas, decadentes; Apresenta geralmente narrador-protagonista; Geralmente emprega a variedade padrão da língua e os verbos no passado.
- . **Conto de Origem:** É um tipo de história que tenta explicar o surgimento de alguma coisa. São próximas dos mitos e narrativas religiosas que contam como os deuses fizeram o mundo etc.
- . **Conto de Personagens:** O objetivo deste conto é retratar uma personagem. Mesmo que constitua o objetivo principal do contista, esta nunca atingirá o grau de plenitude, específico do romance. Se o contista volta sua atenção ao exame da personagem, levará, sempre, em conta a conjectura própria do conto, ou seja, o fará dentro dos limites próprios à narrativa curta, isto é, sintetizada.

- . **Conto Religioso:** Caracterizam-se pela presença ou interferência divina. Mostram ao mesmo tempo a fé, a credence, a superstição e o sentimento místico de nossa gente, numa singela aliança.
- . **Conto de Riso:** É uma história engraçada, uma espécie de piada longa e cheia de detalhes.
- . **Conto de Sabedoria:** História que apresenta uma lição para a vida. Também conhecida como conto de exemplo.
- . **Conto de Terror:** É um relato literário ficcional que visa provocar sentimentos de medo no leitor. Nesse sentido, apresenta histórias vinculadas às temáticas mais atemorizantes para os seres humanos, como a morte, as doenças, os crimes, as catástrofes naturais, os espíritos e as bestas sobrenaturais.

Questionário aplicado aos alunos

- 1) Que tipos de textos você já leu? Fale sobre aqueles que mais lhe chamaram a atenção.
- 2) Você tem dificuldades para ler e entender algum texto? Por quê?
- 3) Nas leituras realizadas por você, existiu alguma que considerou muito interessante? Qual? Por quê?
- 4) O que mais chama a sua atenção ao ler um texto, o tamanho, o assunto do mesmo ou a forma como foi escrito?
- 5) Quando você se depara com um texto mais longo ou considerado difícil de entender, você desiste da leitura, pula partes ou insiste na mesma?
- 6) As leituras realizadas por você são apenas aquelas propostas na escola ou por iniciativa própria você faz outras leituras em casa, por exemplo?
- 7) Quais as suas expectativas prévias antes de realizar uma leitura, ou seja, o que você espera no final de uma leitura?
- 8) O que você sabe sobre o gênero conto?
- 9) Quais contos você se lembra de ter lido? Quais os assuntos abordados nesses contos que mais chama a sua atenção?

Produzindo sentidos

1) As desigualdades sociais impedem o acesso a vários bens materiais e culturais. Em sua opinião quais são os setores mais prejudicados quando as pessoas não têm dinheiro?

2) Ler ajuda a desenvolver a escrita e a oralidade. É possível afirmar que quem lê tem mais facilidade para argumentar?

3) No texto é apresentado alguns conceitos e valores culturais e sociais transmitidos pelas personagens. Qual a influência que esses valores têm na vida das pessoas hoje?

4) No conto apresentado, a felicidade da garota era ter um livro nas mãos e lê-lo. Nos dias atuais com tanta tecnologia, os livros ainda despertam o interesse das crianças? Explique.

5) Em sua opinião a garota dona do livro agiu daquela forma por qual razão?

6) Explique a atitude da mãe da garota proprietária do livro. Por que ela tomou aquela atitude?

7) No conto a garota rica tinha livros enquanto que os outros colegas não. Você acredita que quanto mais poder aquisitivo a pessoa tem mais leitura ela faz ou será que quando se quer ler é possível arrumar outras formas de ter livros? Argumente.

8) Você já leu o livro citado no conto? Sabe sobre o que o mesmo fala?

9) Faça uma análise da seguinte frase retirada do texto: —Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.

10) Felicidade para a personagem era ler um livro e hoje o que traz felicidade para a maioria das pessoas?

OS CONTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Conto 01 – A vida de antigamente

A Vida de antigamente

Meu nome é Maria, tenho 73 anos, sou de uma família simples e humilde. Minha vida antigamente posso dizer que não foi lá uma das mais fáceis, como disse, não era daquelas famílias ricas, que tinha tudo o que queria, antigamente a vida era dura, tínhamos que lutar e trabalhar pelo alimento do dia, dependíamos da agricultura desde pequenos nossos pais já colocavam a gente para trabalhar e ajudar eles, Hoje em dia a agricultura diminuiu muito, dificilmente, mas ainda tem pessoas que trabalham no mesmo.

Minha cidadezinha foi se povoando aos poucos, quando cheguei em Povoado de Bombora já habitavam algumas pessoas, mas tudo começou nas margens do Rio Santa Ana. No começo não tinha igreja, era só algumas casas uma favelinha e um barracão, com o tempo o povo foi chegando e construindo as casas, alguns terrenos foram dados, inclusive o terreno da igreja de São João Batista que foi dado por Dona Bina. Havia muitas covas e foram sendo destruídas para fazer construções e a área também foi destruída a paisagem natural e ela foi desaparecendo e foi se transformando aos poucos em paisagem construída pela ação humana, era lindo onde os animais se alojavam em baço e em cima das covas, onde hoje infelizmente não há mais. A água era carregada no galão, o meio de transporte desse tempo era o cavalo, as pessoas quando tinham da zona rural, passavam onde hoje é chamado de paisagem melhorada, para da água dos animais.

Tivemos muitos momentos marcantes no ano do arroz, as enchentes grandes do rio carregaram todo o arroz e emulham as casas, as colheitas de algodão que infelizmente o bicho acabou com as plantações de algodão, que era uma fonte de renda para muitos famílias.



Assim o tempo foi passando e as transformações foram ocorrendo, a população se adaptando, construindo casas, roupas, escolas, algumas pessoas passaram a ter outro modo de transporte e o modo de vida das pessoas mudou e o mais sempre preocupante é a água pois antes a gente tinha água em abundância e doce, hoje a água está pouca e salgada.

Conto 02 – Há muito tempo

Há muito tempo

É manhã de segunda, hoje é dia o lugar onde eu nasci Para hoje. Vou sentir falta de abrir a porta ao 6 da manhã e ver meus amigos chamando Para brincar no campo. Realmente vou sentir falta de cheiro da mata onde eu nasci. Ainda sinto esse cheiro ali hoje. Falta também por sentir da lama dos rios mas quando pelo lado bom, me mudarei Para Pequas quilômetros daqui, vamos as margens de rios somente em busca de ter algumas qualidades. Pois aqui meu pai não tem emprego, e estamos meio afastados das margens Para obter uma boa colheita. Ajudo meu pai a colocar as coisas em nossa carroça e sigo a meu caminho ao lado dos meus entes queridos.

Resolvi sair Para hoje. Que dia me viu ao longo do rio meus amigos estão me chamando Para ir, eles estão chorando. Eu também (comilão) começo a chorar e da carroça eu grito.

- Tchau meus amigos logo logo volto ao ver Para fazer uns gols também.

- Tchau o Esmiro. Que Deus abençoe vocês.

Acaba de chegar a nossa nova casa, que diz onde ela sua filha após alguns dias de busca onde. Acordando cedo Para fazer tijolos varando buracos, fazendo lama, retirando, colocando em pilhas e queimando, Passava horas e horas trabalhando a fogo aberto. Após alguns dias de serviços estava finalmente pronta, nossa vida mudou de ventos em Pequas. Um dia eu e meu pai estava trabalhando os muros do rio, coletando água Para minha mãe fazer os banhos, lavar louça e roupa, fazer comida Pois os rios são tão limpos e doce que ali Porai água de chuva recém coletada. Enquanto eu buscava a água (da chuva) não percebi uma pedra saltar e quando fui me aproximar vim de um salto de água Por meu pai quando percebi em um ato de desespero me segurei em um tronco de madeira que os rios estavam a começar, me segurei. Sabia que minha vida dependia daquele, só assim consegui gritar Por socorro. Meu pai correu Pelas margens e quando estava chegando ele também caiu no rio. Mas como ele usa é mais forte se segurou onde eu estava me virou de lado com o tronco eu segurei mais na frente meu pai conseguiu sair.

- esse lugar não é estranho, Pensei.



Olá! Uma vez digitei...

- Vai pagar gal hay?

Mas se passaram hay sobre com 18 anos, alguém me contou a lenda. E um grupo de jovens querendo saber sobre aquela lenda então talis

- Eu não. E seu pai hay? Preto branco, pili, for trabalhador tanto anos na seca.

- E seu pai como era? me pergunta um deles.

- Assim como eu só que mais alto e mais plado. Falou de meu pai recordando minha mãe, uma mulher boa, carinhosa e gentil.

- Como era a mulher então? um deles me pergunta.

- Meu filho a palavra não pode ser falada sem que se viva.

Conto 03 – O que aconteceu na grande enchente

O que aconteceu na grande enchente

Mais um dia vem começando em minha vida. Amanheço observando da janela de minha casa, as lindas paisagens do lugar onde eu morei. Morei na zona rural, nessa simples cozinha se localiza vizinha ao riacho Santana, que lá de casa dava para ouvir o som daquelas lindas águas correntes. Passa eu até ter passado por algumas dificuldades, mas nunca deixei de amar muito o lugar onde eu morei.

Como qualquer outra pessoa de antigamente eu também trabalhei na roça. Mas a roça que eu trabalhava junto com papai e mais três irmãos, era de arroz, por isso tinha que ser plantado nas margens de riacho. Lembra também que ajudei papai a plantar uma árvore próximo a esse riacho chamado araçá, com o passar do tempo, essa árvore cresceu, cresceu, cresceu muito mesmo. Meu nome é Maria Rosaria, mas papai só me chamava de Rosaria. O nome do meu papai era José e o da minha mãe era Rosa. Vejo que eu fui a única filha que mãe puxei de mãe nenhum aos meus pais, por que eles eram muito corajosos e eu era muito medrosa ou "cagada", como diz o ditado popular.

Passado muito tempo depois, estávamos na mesma cozinha, como sempre fizemos. Estávamos com as portas da casa, fechadas, quando papai me endossou:

— Oh Rosaria minha filha abra essas portas para ver se o calor diminui. Lá fui eu. Quando eu abri a porta disse pro meu pai:

— Pai olhe isso aqui.

Ele disse:

- O que minha filha?

Quando ele se aproximou viu que era uma grande enchente, que o rioche transbordou. Foi tanta água que passava bem na nossa porta. Nesse dia foi um desespero de papai por que ele ficou assim:

- Oh mãe, minha plantação.

Quando o volume das águas baixou fomos lá até o local para ver. Chegando lá vimos matos e mais matos de arroz que tinham sido destruídos. Árvores de grande porte foram derrubadas, inclusive a que nós plantamos que era uma árvore grande, grossa e velha e a correnteza no dia conseguiu arrastar pela raiz.

Desde dia para cá nunca tivemos visto uma coisa assim antes. É peramos que mais um amanhecer de dia na nossa terrinha querida outra enchente desse tipo venha a acontecer.

Conto 04 – Sacrifício como prova de amor

Conto: Sacrifício como prova de amor

Meu nome é Marina, uma menina de cabelos loiros, cacheados e olhos verdes, de uma família humilde, meu pai João é um homem alto de cabelos pretos e olhos castanhos, e minha mãezinha Maria de Lourdes é uma mulher linda, loira com olhos verdes assim como eu, tenho quatro irmãos Maria, Mariana, José e Geraldo omibros com os mesmos características que eu e minha mãe.

A minha querida cidadezinha, minha fixação de Santana, com esplendoro contraste nas cores verde e azul, é uma cidade pequena mas de grande significado, foi aqui onde me criei, e onde vivi os melhores momentos da minha vida, esse antes da primeira árvore que foi derrubada, após a primeira vierem inúmeras outras, e o verde das folhas desapareceu, assim como o azul das águas claras, se tornou o marrom da seca.

Um dia logo ao amanhecer, meu pai nos chamou e disse que queria falar algo sério. Tremei nos meus ainda hoje, em busca de um lugar melhor, não dá para continuarmos aqui, a seca tomou conta de toda a cidade. Disse meu pai, em pouco terá ao falar.

Encaramos bem, apesar da dor de ter que deixar a cidade que tanto amamos, entendemos que não tínhamos escolha.

Fomos o caminho de Minas Gerais, que era muito longe da nossa localização, tínhamos pouca comida, e a água não era o suficiente, fomos em

erra começa, cominho bastante desértico, muito frio a noite, e um calor insuportável ao dia.

Geraldo o mais velho dos meus irmãos, viu que a comida não era o suficiente para todos nós, então ele pegava todos os dias que estava de alimentando e estava bem, mas isso não era verdade, ele fez isso porque queria nos ver bem e queria que nós tivéssemos que possuir fome, mas aos poucos ele foi ficando bastante gordo e magro, ficou muito doente e infelizmente não sobreviveu, mas ficou firme e forte até o último segundo sobre sua oração, se sacrificou por nós.

Essa dor foi permanente para que minha irmã chorasse desistisse de sua própria vida, dois irmãos se foram e a dor só aumentou, tentamos não nos abalar tanto e sermos fortes, vamos que se falou morreu por nós, seguimos em frente tendo sido sacrificado como prova de amor, entre quem amamos que independentemente das circunstâncias, às vezes temos que sacrificar o pouco que temos para aqueles a quem amamos, mesmo que às vezes não podemos, pois a cuidar o nosso própria vida, mesmo com a conhecida sabida eu sempre digo obrigado por minha vida.

Muitas vezes entramos tão tocados em nossas próprias pensamentos, imaginando como seria a vida de amanhã, quanto tempo continuaremos vivendo daquela forma, que esquecemos de que o outro está sentindo e os sacrifícios feitos por nós, que infelizmente nós percebemos quando seu sacrifício chegou ao fim.

Conto 05 – Um ano marcante

Um ano marcante

Eu tinha meus 13, 14 anos e morava com meus pais em uma casinha simples e humilde próxima às margens do riocho Santana. Meu pai era um homem moreno, alto e magro, e trabalhava como agricultor na sua própria Terceira. Mãe era uma mulher baixinha dessas típicas de interior, tinha longos cabelos escuros e olhos castanhos.

Aquele ano a previsão para o inverno era de boas chuvas. Papai logo se animou, pois estávamos passando por muitas dificuldades, uma delas era uma doença que mamãe estava enfrentando, então ele pensou em plantar arroz para vender e pagar o tratamento de mamãe, já que naquela época o arroz rendia um bom dinheiro. Então fizemos, começamos a plantar, como mamãe não poderia ajudar e devido as condições que nem eu meu pai não podia pegar um emprego, eu mesma o ajudei no trabalho do começo ao fim.

Depois de finalizar a plantação, agora era só esperar. Passaram-se alguns dias e as chuvas chegaram e logo começamos a nos animar com os resultados mas por outro lado preocupados com a situação de minha mãe. Os dias estavam passando e ela ficava cada vez mais frágil, eu e meu pai já estávamos preocupados. Então, finalmente o dia da colheita chegou! Eu e meu pai fomos até a plantação e colhemos todo o arroz, amarramos com cordões formando montanhas como já estava ensinando e para levar para casa iria demorar muito, então encostamos todo o arroz perto de uma cerca para levar no dia seguinte, mas nunca imaginamos que naquela noite poderia chover. Fomos para casa juntos e fomos dormir, o sono estava tão pesado que nem acordamos com o barulho da chuva. No outro dia acordamos e fomos até a plantação, no caminho muita lama tinha conta das estradas, quando chegamos lá já havia muitos agricultores se lamentando. Fomos até a cerca e ao chegar lá vimos que o arroz tinha sido levado pela água da chuva. Muitos proprietários ficaram em um pânico, mas nossa situação ia muito além disso. E agora? Como vamos pagar o tratamento de minha mãe?

Os dias foram passando e aos poucos minha mãe foi ficando mais frágil e como não tínhamos condições para pagar o tratamento ela simplesmente faleceu. E meu mundo desabou. Foi um ano marcante para a família e comunidade e principalmente para eu e meu pai.

Conto 06 – O período da seca

O período da Seca.

Toda tarde naquele sítio já via de costume eu, meus irmãos, e até mesmo nossos pais riantes-mes na calçada e ia ouvir as histórias contadas por nossos avós; minha avó chamada Jacalá, de cabelos longos, escuros, de pele clara, de olhos verdes, e meu avô chamado Francisco, um homem alto, de pele negra, cabelos brancos e de olhos castanhos. Não existia tarde melhor naquele sítio, simples e pouco habitado, mais de tamarca Beliza, algo que todos nós gostávamos que via viver em contato com toda a natureza.

Meu avô possuía uma casa com muitos animais como: vacas, bois e cavale, os quais eu ia todos os dias cuidar a comida e a água, que era de um açude logo do lado do curral onde eles ficavam. Aquilo tudo era uma alegria imensa para todos nós tanto nites quanto até mesmo nossos pais e isso não era a tônica que todos os Sabados e domingos nós reuníamos toda a massa familiar e iam passar o dia tomando Banho no açude.

Mas um dia após essa alegria foi diminuindo cada vez mais pois o período mais triste estava começando que era o período da seca uma época na qual as plantações murcham, os açudes secavam os animais ficavam sem alimento, sem água e sem nenhuma Semente de Boiro das árvores.

E através disso veio uma enorme preocupação na cabeça de todos, em principal de meu avô que estava para tudo aquilo que estava acontecendo e nós lhe perguntávamos:

- É agora?

Pois sabia que aquela preocupação não iria parar cada dia mais. E conforme o tempo foi passando tudo aquilo foi realmente piorando, as plantações do meu avô foram acabando, o açude que fornecia a água também foi acabando até que meu avô teve a ideia de se juntar com alguns dos irmãos e alguns amigos para fazer um tipo de canoa construída apenas com troncos de árvores para que conseguissem,

Deixar os animais pros outro lado do açude para que eles pudessem se alimentar em um pequeno pasto que ainda estava verde e que ainda havia algumas sombras.

Mas chegou um momento em que o pasto também acabou e a água do açude continuou a diminuir cada vez mais, muitos dos animais chegaram a não resistir e moveram um pouco a atitude de trazer os animais que ainda tinham sobrevivido de volta e com isso ele perdeu um pouco os animais para outras pessoas que tinham mais condições de criar, sendo elas os fazendeiros ricos.

Essa era uma das histórias que ele mais não contava e que foi a época mais marcante de toda a sua vida pois tinha sido muito difícil, tanto na questão de ter que transportar os animais como de ter que vendê-los por questão de não ter tido boas condições de criar, e alguns ter chegado a morrer, e o seu açude que havia saído e ter que não poderemos mais passar os finais de semana tomando banho, e se divertindo, por isso é algo que até hoje ele fala que nunca irá esquecer desse momento que marcou bastante a sua vida no passado.

CH

Conto 07 – De velhos tempos



De velhos tempos!

Em uma comunidade chamada, de Povo de Pedra, mais conhecida, Por Póci e grandes Pedras nos municípios do Rio de Janeiro. Em março de 1935, nasce um dos Filhos de João seu filho Chico. Após três anos se passaram ele ganha um irmão e entre de tantos anos ele ganha mais irmãos.

Desde de pequeno ele ajudava seu pai em trabalhos de roças e ajudando seus irmãos mais novos, todos os Habitantes de Povo de Pedra sempre eram unidos, e todos se respeitavam. Os Paulistas são Humilde. Todos os Paulistas eram próximos, este lugar tinha sua vila familiar ou de Amigos Próximos, na comunidade tinha um Padre bem amigo de sua família. Em um certo dia Chico foi grande, ele se casa-se com Alice, e o padre Antônio que fazia todos os atos na capela, o casamento foi feito no pói amigos e família, e mais de casamento e tiveram o Primeiro filho. E depois do primeiro filho tiveram mais de 7 Filhos, todos os Batizados o Padre Antônio que fez, o Padre Antônio de era um Homem muito Humilde, e gostava de todos.

Um certo dia Chico e sua esposa, decidiram ir no Rio de Janeiro para comprar roupas, pois as roupas que eles tinha já haviam usadas há dois anos nas fitas, e as roupas já estavam Pequenas e rasgadas. Ao terminarem a conversa com a Alice, chegaram amigos Para fazer convite, Para serem Padrinhos dos Filhos de João. Eles ficaram muito felizes, mais aceitaram o convite, mesmo sem saber o que fazer. Passaram dois dias pensando em como dizer não, mais pensaram bem e aceitaram, o Padre soube do convite e da falta de roupas, o Padre Antônio lhe mandou roupas usadas, mais novas. E Batizaram os crianças, e ainda fizeram o resto dos ritos de noivos com as roupas que ganharam.





Chegou a época das secas, é a comunidade passou a usar
 mais frequentemente as águas do rio Sertão. As águas pegava
 Pedra de Pedra, Cataguara, Rio de Sertão entre outros locais [1-1]
 Os animais morreram a cada semana, dando prejuízos aos donos
 das lavouras e além das matas as plantações acabava se perdendo por
 falta de chuvas. A população acabou tendo que fazer Poças atiradas.
 muitas Poças tiveram doenças Por causa da seca, dando Febres
 e gripes. O que ajudava as Poças de entre com as semeadas
 nativas. Familiares de Chico Ponderam as Plantações de cana de
 açúcar, Plantação de Amêijoas, Milho, Frijão e Copim Alimentar para
 os animais e para as suas humanas. O Rio Sertão foi diminuído
 Por conta da falta de água, As pessoas começaram a ter prejuízos
 até nas lavouras de grãos que eram nas áreas próximas
 as áreas. Árvores ficaram sem suas folhas e Por conta da
 falta de água Poças foram para o Maranhão "Principalmente
 meus tios" que morreram por lá, mais construída famílias e
 terras. A população se acostumou com a seca, Nas meses de maio
 no ano de 80 tiveram a maior enchente na comunidade onde
 Foi bom para as ruas tiveram água, bom para as plantações
 e a criação de famílias. Mesmo que a água trouxe dificuldades
 como as Poças eram para serem passando dentro dos rios, onde
 as Poças que não sabem nadar iam de canoa ou em cima de
 animais como cavalos, que desceram com os donos levavam
 as suas suas coisas, Borrachas sangram fazendo com que as
 suas, legos, eudes e peças, peguem água, o conjunto das chuvas
 em toda comunidade fazia com que o rio ficasse cheio a
 noite.

Depois dessa última enchente, não tiveram mais partes como eles
 só chuvas frias, mais boas. Hoje em 2019 as ruas estão
 mais mais secas e chuvinhas dando Pra Planta. Hoje já tem
 Avs e Bigas, e não trabalho mais nas ruas, só esperar pra
 conta mais de suas histórias

ADERSIL

enjoy

XOXO

LOVE

Conto 08 – A história de Dona Francisca

A história de Dona Francisca

Dona Francisca é uma senhora que mora no sítio Tabuleiro do Padre, tem 80 anos de idade. Ela tem uma propriedade nas margens do Riacho Santana, onde ela plantava arroz, feijão, milho e etc. Essas terras eram herança de seus pais e do seu falecido marido.

Dona Francisca tem 6 filhos Sônia, Gilvânia, Gilvanildo, Evola, Elias e Waldiane.

Nos locais perto do riacho Santana no sítio Tabuleiro do Padre um dos primeiros moradores da comunidade foi Manoel Figueira. Depois dele vir para lá mais e mais começaram a vir para esta comunidade.

Nos tempos de 1930 a 1980, quando no Nordeste chovia de verdade, quase todo ano o riacho Santana descia com água de uns 60cm até o acude da Congorra.

Ocorreu muitas transformações no riacho Santana de uns 30 anos atrás pra cá. O riacho nunca viu enchente grande, o riacho se transformou muito por conta de seca, desmatamento nas margens para criar pastos para as criações de gado, a retirada de árvores de grande 

parte nas margens do riacho como a "oiticica", o atarramento de pecos, a poluição entre outros problemas.

Nos últimos 40 anos com a grande seca não passou uma enchente no riacho, por causa da falta de chuva as plantações murcharam, os pecos que acumulavam água ao longo do riacho diminuíram bastante.

Uma das árvores que ajuda muito o riacho é a oiticica, muitas foram e ainda são derrubadas para liberar espaço para os donos das terras fazerem suas plantações e para criar pasto para o gado.

A oiticica é uma árvore que ajuda o riacho impedindo que a terra desce e aterre, o sol não bate direto na água e ela não evapora mais rápido.

Existia no sítio Caicara um peco conhecido como peco de tia Nenem, mas ele já desapareceu.

Tem dois fatos marcantes para o riacho santana, uma grande enchente que houve em 1955 e uma grande seca em 1993.